



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

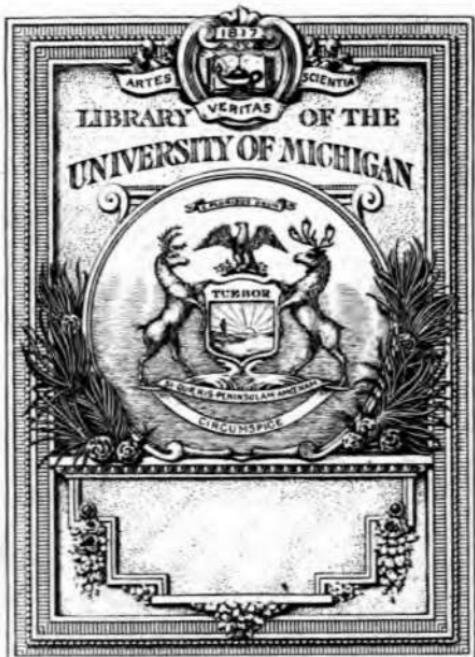
Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presumá que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8  
M1430  
A47



70

2000 expected

approx 3000 more

total 5000



De Theotonio José d'.



**AGOSTINHEIDA.**



2

# **AGOSTINHEIDA,**

## **POEMA HEROI-CÓMICO,**

**EM 9 CANTOS.**



Dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum  
Posse nefas?.....

*Virg. En. L. 4º.*



**LONDRES :**

**IMPRESSO POR W. FLINT, OLD BAILEY.**

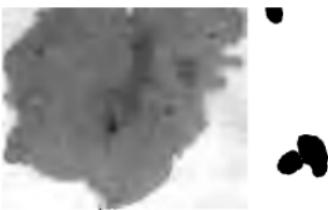
**1817.**



869.8 10273

869.8  
M1430  
A47

63-272703:



ASSIM como déve guardar-se, para exemplo, a memória dos Homens extraordinarios por suas virtudes, deve tambem perpetuar-se, para horror, a lembrança dos Homens extraordinariamente criminosos. *Joze Agostinho de Macedo*, sobre ser hum perverso, reconhecido por tal, he hum tenacissimo folheador de livros, e rabiscador de papel, sem sufficiente báse de saõs principios, e sem aquelle juizo discernidor, que immediatamente attinge o mao, o bom, e o melhor: nota-se por isso em todos seus escriptos, a incorrecção, impureza, e impropriedade de estylo ; a deslocação, e confusaõ de ideas; e a superficialidade do saber, por matérias tocadas de revéz, ou apenas, tocadas.

**A** quando deveria profundallas; como por citações falsas, amiudados, e mal cirzidos plagiatos, erros palmares,&c. &c. em summa os seus escriptos recomendaõ o desprezo de seu Auctor, e o seu orgulho he ainda maior do que a sua charlataneria !

Ora tudo isto o fazia acréedor de huma desdenhosa indifferença, e bem éra o que eu lhe dava : mas, depois de ver *I. A. de Macedo* (especialmente no *Motim Literario*, ou *Solilóquios*) abocanhar todos os grandes Homens com todo o fel do Cynismo, e da ignorancia presumpçosa, vendo publico hum seu Poema recheado de todos os defeitos que podiaõ esperar-se de tal Escriptor, e sobre o assumpto tratado pelo divino Camões, que pertende des-acreditar ; quem seria taõ insensivel que visse com indifferença o maligno Poetastro altamente apadrinhado !.... Era bem natural que este escandalo produzisse a indignaõ, e eis o que deo origem á composiãao do presente Poema : porem, des-affogado o primeiro impeto, guardei por muito tempo o manuscripto ; larguei-o finalmente a rogos, e copiaraõ-mo ; recolhi-o por



isso, e fechei-o : senão quando provoca-me novo a pertinaz insolencia de I. A. que re-impri-mio o seu *Poema Gama* de baixo do titulo de *Oriente*, com hum discurso preliminar, que he outra virulenta Catilinária contra Camões ! Tórno pois a abrir a minha gaveta ; e deixo que, com algumas innovações, se lêa outra-vez o meu Poema, cujo Heróe arrevezado he I. A. de *Macedo*, e cuja acção he a publicaçāo do seu *Poema Gama* : ponha-se o ferrête no Réo, ja que he incorrigivel, e naõ se diga estarem os costumes, e a Literatura Portugueza em tal decadencia, e depravamento, que he I. A. bem querido, e acre-ditado por seu Coripheo.

Quanto ao que de sua vida (por vóz da Fama) relato no corpo do Poema, huma vez por todas fique dicto, que (exceptuando os adornos Poéti-cos, fáceis de conhecer) he tudo verdade, e ainda naõ digo tudo : talvez deveria ajuntar-lhe mais copiosas Notas, porem ellas saõ sempre fastidi-osas para quem as escreve, e he de recear que o sejaõ para quem as lê ; contentei-me por isso com as que julguei de absoluta necessidade, &c.



# **AGOSTINHEIDA.**

---

## **CANTO Iº.**

---

**E**U, que, nos sons de Clio, ou nos de Eutérpe,  
Ou já nos de Melpómene, cantava  
Prazeres, e paixões, virtude, e gloria ;  
Agora, zombeteiro flauteando,

Canto o *Camões da Rua da Bombarda*\*

Que, d'Epico furor doudo varrido,  
*Póz do Velho Camões a calva á-mostra*,†  
Expondo aos Mares novamente o Gama.

Deste furor as cauzas me revéla  
O' Deosa, ó Nynfa, ó Musa galhofeira ;

---

\* Sítio aonde mora Joze Agostinho de Macedo.

† Hé a propria phrase de que usa J. A. em seus *Sótilóquios*, ou, melhor disseramos, *Stultilóquios*.

A' bre-me os Cofres teus, e entorna a-froxo  
 Aureas facéncias que com maõ profúsa  
 Soltaste outr'ora no Lutrin, no Hyssópe.

Vós que folgais de ouvir bem celebrados  
 Em fúlgida dicçaõ Heróes sublimes,  
 Ou acoçados com feliz sarcásmo  
 Os avessos Heróes, vaidósos nescios ;  
 A meus Versos prestai attento ouvido,  
 E lédos ouvireis donósas prendas  
 Do Heróe-Caturra que em folgaõ poesia  
 Farei crêdor d' eterna surriada.

Era no tempo quando em óbra accésas  
 As túrmas Bacchanáes se lisongeaõ  
 Com a nudèz das cêpas, e rangia  
 A pérra vára do lagar cheirôso ;  
 Entrava em Libra o Sol, correndo o anno  
 Dezoito vezes cento, e ja mais onze :  
 Entaõ (segundo crê o Vulgo errado)  
 Tristissimo preságio de ruinas  
 Hum hórrido Cometa fulgurante,  
 A Lusa atmosphéra incendiando  
 Pelos Ceos estendeo disforme cáuda ;

E entâo (conforme os Doutos tem julgado)  
 Inéptissima cátia de asneiras,  
 Mais hórrido Cometa, o *Livro Gama*,  
 O Parnasso, e Lisboa enfastiando,  
 Foi nas maõs do Corcunda expôsto á venda :\*  
*O Gama*, indigestissimo Poema  
 Que indignação, e riso a hum tempo excita ;  
 Pois tres R R R. levou do Pai das Musas,  
 E tem tres A A A. de hum Sabichão, de hum  
 Lente !

Assim, na mesma tarde, hum Estudante,  
 Por naõ encarrilhar com som cantante  
 O nescio ram-me-ram da párvua Eschóla,  
 Depois de ser com bôlos derreádo,  
 Se fino adulador lhe busca as baldas,  
 Apanha alguñs perdões do chôcho Mestre ;  
 Ou tal, da picaria flagellado  
 Hum Potro rebellaõ, inda escorrendo

\* Hé verdade sabida o haver pelo mesmo tempo apparecido o Cometa Natural, e o *Cometa Métrico*, ou *Poema Gama* de J. A. de Macedo, cujo Editor foi Desidério Marques Leão, Homâneulo Corcunda, com Loja de Livros no Largo do Calhariz.

Té-beixo aos curvilhões em branca espuma;  
 He na cavalhariça regalado  
 Pelo Moço boçal, que o arraçoa;  
 Affagando-o c'õ a maõ na táboa, e testa.

Mas, vendo ferózmente atassalhado  
 Por néscio Zoilo o Lusitano Homero,  
 A Razaõ, e o Bom-Gosto (estimulados  
 De que ao Cynismo a Prepotencia unida  
 Lhes tolhesse justissima vingança)  
 Chamando em seu auxilio a Liberdade,  
 Todos tres de-maõ-dada se traváraõ  
 Das álvias plúmas immortaes da Fama,  
 E todos juntos a-huma-vóz clamáraõ:  
 “ Tu que com ázas cento o espaço abranges,  
 “ Com cem ouvidos quanto passa escútas,  
 “ E por cem olhos vês, cem bôccas fallas,  
 “ (Sem que nunca o cansaço te quebrante  
 “ Sem que nunca a molleza te domine,  
 “ Nem languido Morpheo teus membros toque)\*

\* ..... Cui quot sunt corpore plumæ  
 Tot vigiles oculi subter.....  
 Tot linguae, totidem ora sonant, tot surrigit aures,  
 ....Nec dulci declinat lumina somno. Virg. En. L. 4º.



- “ Dize, ô Diva, com que arte escandalosa  
 “ *O Zoilo de Camões* tem conseguido.  
 “ Morder, e enxoalhar no Prélo o Mundo,  
 “ Sem que lhe possa alguém mostrar no Prélo  
 “ Suas inépcias, e a ignorancia sua :  
 “ Dize quem he por indole, e linhagem  
 “ Aquelle que escrevèo os Solilóquios,\*  
 “ E deitou a perder de Horacio as odes ;†  
 “ Aquelle Escrevedor *Petrus in cunctis*  
 “ Que de Zaïda a trágica salsa‡
- 

\* *Solilóquios*, ou *Motim Literario*, apontoado de malédicos destempéros, em que Voltaire he tratratado por, Charlataõ de Ereney; e assim muitos outros homens reconhecidamente illustres por seu saber.

† Deitou-as a perder em huma pessima Traducçaõ com huma Prefaçaõ insolentissima; porem tal corrimáça lhe deraõ que tirou da Imprensa o 2º. Tomo das Epistolas, e Sátiras : esta Traducçaõ foi a primeira Obra com que J. A. aspirou à celebridade, e a geral desapprovaçaõ lhe provocou a raiva que tem babado em huma alluviaõ de Folhetos neptos.

‡ A Tragedia *Zaïda* fez-se especialmente Notavel por huma longuissima, e renhidissima scena entre hum Mágico e hum Spécetro : J. A. que provavelmente se arripiou com a scena excelente da *Semiramis* de Voltaire, quando surge a Sombra de Nino

“ Alinhavou, e a cómica *Clotilde*;\*

“ Aquelle...em fim, *Elmiro, o Auctor do Gama*:

“ Dize quando, e por quê, e o modo como,

“ Que Génio máo, das Musas inimigo,

“ Ou que Fúria o tentou com tal Poema;

“ Quem lhe deô tanto orgúlho, e quem lho affaga;

“ Porque tem cabimento este Homem-Monstro,

“ Que trovêja impropérios, e invectivas,

“ E, havendo inçado a Capital de crimes,

“ Capital protecção se lhe faculta.”

Aqui a Deosa, Mây das novidades,

Como quem do que ouvio se des-contenta,

As infladas bochêchas assoprando,

presumio imitalla; porem, como absolutamente carêce daquelle gosto délicado que requérem as boas Artes, e com especialidade a Poesia, sem conhecer que a rapidêz da appariçaõ, e do ameaço contribuiu admiravelmente para o bom effeito desta Scena, metteo em discussão o Mágico com o Spectro, e com tanta impertinencia que todos se riraõ da Tragedia, e inda mais de seu Auctor.

\* *Clotilde* foi huma Comedia cujo assumpto J. A. extraíio dos Fastos de Aragaõ, e que recheou de muitos, e indignissimos Solilóquios, quebrando todas as regras do decôro, e da verisimilhança.

Dá hum surdo gemido, e assim responde :

“ O’ Cópia augusta, por quem mais me apráo  
 “ De empregar amplamente as vozes minhas,  
 “ Neste século infausto, e sanguinôso,  
 “ Taõ negramente de prodigios fertil,  
 “ As minhas boccas cento apenas podem  
 “ Narrar os feitos que convem sabidos ;  
 “ E contar largamente os criminósos  
 “ Segrèdos, e mysterios quasi increveis  
 “ Da vida atróz, dos péssimos costumes,  
 “ Da ignorancia, ousadia, e fatuidade  
 “ D’esse Homem Monstro que injuria os Homens,  
 “ \*Naõ menos he trabalho que grande erro;†  
 “ \*Ainda que tivesse a voz de ferro :  
 “ \*E para dizer tudo, temo, e creio  
 “ \*Que qualquer longo tempo curto seja ;  
 “ \*Mas, pois o mandas, tudo se te déve;  
 “ \*Hirei contra o que devo, e serei breve.”‡  
 \*Prompts estâvaõ todos escutando

† Camões, Lusiada, Canto 5º. Estancia 16º.

‡ Cam. Lus. C. 3º. Est. 4º.

\*O que a palreira Deosa contaria ; †  
 Quando (bem como hum Barco em maré frèска  
 Que das vélas só huma des-envérga  
 Dos ventos á feiçaõ) fechando, cála  
 Ametade das bôccas com que falla  
 Votadas à Mentira; ábre espaçósas  
 As outras cincoenta; e, a voz alçando,  
 Coméça a propalar duras verdades,  
 Que, pela minha Musa repetidas,  
 No armazem opulento da Memoria  
 Guardei cuidoso, para expôr jucundo  
 Materia vasta de que ria o Mundo.

Na famósa Cidade, em outras Eras  
 Dos Romanos *Pax-Julia* nomeada,  
 Onde, d'illustres Pays, Engenho illustre  
 Nasceo, para ganhar hum nome eterno,  
 O Escriptor Portuguez Freire de Andrade;  
 De Pasteleiro Pai, se a Mây naõ mente, ‡

† Imitaçãõ de Cam. na Est. 3<sup>a</sup>. do 3º. C. da Lus.

‡ Gregorio de Macedo, que se disse Pay de J. A. éra hum mào Pasteleiro em Beja.

*O Poeta-Orador, o Ex-Frade Elmiro*  
 Nas ilhárgas de Angélica gerado,†  
 Coaceou burricalmente alli hum anno  
 Nutrido a restos de pastel sediço ;  
 Tinha prefeito o Sol no ethéreo curso  
 Cem vezes dezessete inteiros gyros  
 \*Com mais cincoenta e nove em que corria;‡  
 Quando este avesso Heróe, grunhindo, os olhos  
 Infaustante abriu á luz primeira ;  
 E, apenas pelos ares tenebrósos  
 (Que na quelle momento ennegreceraõ)  
 Na voz da Infamia re-soou medonho  
 O agouro de seu tórpe nascimento,  
 Mais ligeira do que huma ventoinha  
 A céga Deosa que govérna em Ancio,  
 A's maõs ambas filando-se no engenhe,  
 Pegeu a des-andar na léve rôda  
 D'onde aos dúbios Mortaes á-toda espalha  
 O gosto, e o des-prazer, os bens, e os males ;

---

† Angelica Rosa teve por nome a May de J. A.

‡ Imitaçãẽ de Cam, na Est. 2<sup>a</sup>. do 5<sup>o</sup>. C. da Lus.

E, depois de ja muito esbaforida  
 De dar de engonço á rápida munhêca,  
 Exclamou “ Tu, que vens sem meu auspicio  
 “ Tentar da vida os ásperos caminhos,  
 “ Andarás de cu-rôto, e pé-descalço  
 “ Gandayando em sonóras enchorradas ;  
 “ Apóstata serás, e hirás fugido  
 “ Tocar os Burros na ronceira estrada ;  
 “ Em tudo fallarás, sabendo nada ;  
 “ Como hum Caõ ladrarás a todo o Mundo,  
 “ E de Ti dirá mal o Mundo todo ;  
 “ Da Moral, da Razaõ, e do Bom-Gosto  
 “ Viverás sempre alheio, e desviado  
 “ De tudo o que se chamaõ bons caminhos,  
 “ Ou, se algum por accaso enfiar quizéres,  
 “ Dest'arte sempre me acharás virada.”

Disse: e a rôda fatal, que o Mundo azoina,  
 Com o ímpeto do impulso recebido  
 Inda rangia, volteando no eixo ;  
 Eis de cabeça-cháta, e longos córnos,  
 Lívido o rosto, e os olhos encovados,  
 Negra—espaçosa—bocca—desdentada,

Com ling~~o~~ venenosa, angui-farpada,  
 Deforme—corpo—esguio, e derrengado,  
 Unha adunca nas maõs, e únha na palma,  
 De Cabra os pés, de Noitibó as azas  
 Hum Genio & Deosa se appresenta, e diz-lhe:  
 “ O' Deosa, sem a qual tudo hé lamúria,  
 “ Consente que eu, os cérnos abaixando,  
 “ Te inquira se ao Mortal recem-nascido  
 “ O teu favor, ou des-favor resguardas?”

Mal proferio as ultimas palavras  
 E a Deosa, des-cahindo a sobrancelha,  
 \*A bocca, e os cegos ólhos retorcendo  
 \*E dando hum espantoso, e grande brado,  
 \*Lhe respondeo com vos pezada, e amára,  
 \*Como quem da pergunta lhe pezára :†  
 “ Sabida cousa hé que eu naõ protejo  
 “ Quem naõ sabe dobrar-se aos meus caprichos,  
 “ E sempre o meu favor he denegado  
 “ A quem sem meu Auspicio, e meu aceno  
 “ Ousa entrar no Mandano-labyrintho:

---

† Cam. Lus. C. 5º, Est. 40º.

“ Mas quem hes Tu? Porque razaõ me inquires?  
 “ O Desaforo eu sou (lhe torna o Genio)  
 “ Que por decreto do immutavel Fado,  
 “ Em lugar de Lucína, hei presidido  
 “ Ao natal do Pequeno Pasteleiro ;  
 “ E, assim que elle nas garras da Parteira  
 “ Deo, ferido da lúz, e do ar mais frio,  
 “ Os primeiros dois bérros, que voáraõ  
 “ Pelas fendas do tecto arruinado  
 “ A quebrar-se na abóbada do Mundo,  
 “ Disse-me o Fado entaõ :”—— Essa Lesminha,  
 Que assim pelo abruptado, e monstruoso  
 Parece parto de Urso, ha de por tempos  
 Ser hum dos teus Alúmnos mais pasmósos ;  
 Terá hum taõ sem-par descaramento  
 Que a todos ganhará por descarado ;  
 De forma que, sendo elle no juiso  
 Taõ bom como na cára foi Thersites,  
 Naõ haverá ninguem mais orgulhôso,  
 De tanta presumpçaõ, e atrevimento,  
 \*Posto que em todo o Mundo, de affrontados,

\*Resuscitaissem todos os passados !§

Ha-de tudo aprovar que os mais condemnaõ,  
 Tudo ha-de condenar que os mais appróvaõ ;  
 Nem Homem haverá, nem Obra boa  
 Que elle naõ envenéne, ou que naõ rôa !  
 Detrahindo Vieira, ha de rouballo ;†  
 Deturpando Camões, ha de seguillo,‡  
 Bem que nas suas mingoádas phrases  
 Ridículo se torne, ou des-airôso  
 O que he bello em Camões, ou magestôso ;  
 E, para coroár seus devaneios,  
 Em regrinhas mais curtas, e mais longas,  
 De longo destempero recheadas,  
 Comporá huma cousa que, de alcunha,

§ Cam. Lus. C. 2º, Est. 55<sup>a</sup>.

† Vejaõ-se os Sermões (alias Pasteis Oratórios) de J. A. e achar-se-lhe-haõ largos roubos ao nosso doutissimo Orador Antônio Vieira: vejaõ-se os seus *Solilóquios*, e notar-se-lhe-haõ mil grosseiros insultos ao mesmo Vieira.

‡ Hé impossível dizer mais disparates do que J. A. em descrito de Camões; mas he tambem impossível que alguém compusesse hum Poëma sobre o mesmo assumpto, e que mais, e taõ infelizmente lhe seguisse a pista.

Ha de chamar Poêma, presumindo  
 Emendar o Camões com maõ de Mestre:  
 Em-fim, ésta Lesminha-Pasteleira  
 Será da fatuidade o *Non plus ultra*,  
 Consumado prodigo da maldade,  
 E da pouca-vergonha o *Totum continens*;  
 Tu serás seu Mentor, e seu modelo  
 De pensamentos, de palavras, e obras,  
 Em quanto, para azoino dos pexótes,  
 No rol dos vivos negrejar seu nome.—  
 Dest'arte o Fado se me abrio: ó Deosa,  
 E eu, que ante-vejo a núvem de sarcasmos  
 Que coméça a engrossar sobre a cabeça  
 “ Do meu novo Educando ; eu, que ante-vejo  
 “ O ódio, e desprèzo com que a Gente-bôa  
 “ O tem de contemplar, arreceando  
 “ Vello em tanta tormenta soçobrado  
 “ Rógo os teus dons, o teu auxilio implóro :  
 “ Protége o meu Alumno, e eu te prometto  
 “ Que, por minhas lições, elle se dóbre  
 “ Volúbil como o vento, ou como as ágoas  
 “ Prompto sempre a servir os teus caprichos.”"

Como quem de huma grave Personagem  
 Ouvio proposiçāo que naõ lhe agráda,  
 Mas por força do empenho al-fim se move,  
 E, alevantando a vista mal-segura,  
 Annúe, rompendo a vós c'hum falso riso ;  
 \*Assim, depois de hum pouco estar cuidando,†  
 Prosegue a Deosa que faz tudo á-toda :  
 “ Esse abjecto Mortal por quem me imploras  
 “ De toda a protecção se faz indigno ;  
 “ Mas, pois que tanta vez tem visto o Mundo  
 “ Alliada a Fortuna ao Desafôro,  
 “ Desta alliança os láços se reforcem,  
 “ E appresente-se ás barbas de Lisbôa  
 “ Hum Phantasma de Sabio, hum Nescio, hum  
 Zoilo,  
 “ E este seja o *Macedo—Espinha—Fitho*,‡  
 “ (Algum dia será *Padre—Lagosta*)§

---

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 3<sup>a</sup>.

‡ O dito Pai de J. A. teve de alcunha *O Espinha*.

§ Naõ he alvitre meu, assim chamaõ a J. A. por allusão ás suas  
 alevantadas, e vermilhissimas bochêchas.

“ Literario Quixote com seu Sancho,†  
 “ Dizendo, e des-dizendo, e profanando  
 “ Leys da Razaõ, e mimos do Bom-Gosto ;  
 “ Sem que a nenhum vivente se permitta  
 “ Combater seus delirios, desfazendo  
 “ As trevas da Ignorancia, e alimpando  
 “ Das nódoas do Cynismo as Bellas-Letras.”  
 Mal que isto ouvio, babando-se de gaudio,  
 Deo tres voltas no ar o Desaforo,  
 \*Regamboleando a fofa, ai tôna ! ai tôna !†  
 E, serenádo o infame regozijo,  
 Mais lhe interroga a variavel Deosa :  
 Sabes Tu quanto cumpre ao teu Alumno  
 “ Por que possa alcançar táes privilégios ?  
 “ Optimamente (tórna o Desaforo,  
 “ Mui cortêz inclinando a córnea fronte)  
 “ Necessita empregar juntas, e sempre

---

† J. J. P. Lopes (actual Redactor da *medgra Gazeta de Lisboa*) faz para com J. A. em Literatura as vezes de Sancho Pansa com D. Quixote Cavalleirescamente, sendo huns pela penna, o que forão os outros pela espada.

† Filinto Elysio, Tom. 5º.

“ Adulaçāo, Maledicencia, Intriga,  
 “ Audácia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja  
 “ Com toda a Estygia cópia, e ter a lingua  
 “ Mais devassa do que huma taramella ;  
 “ Por que o muito fallar engóda o Vulgo,  
 “ E só por fallar muito os nescios cámpaõ :  
 “ Porem, como éstas Donas que refro,  
 “ E as outras, que, do Inferno desertoras,  
 “ Andaõ sempre na Córte em valimento,  
 “ Ou saõ minhas Irmans, ou Sócias minhas,  
 “ Eu as farei chegar para o Pequeno,”  
 E, com todo o seu prestimo, servillo.

Eia pois, Desaforo, maõs á obra :  
 (Instou a Deosa d'olhos de Toupeira)  
 “ Ha certos contra-tempos a que eu julgo  
 “ Naõ poder esquivar o teu Alumno ;  
 “ Por exemplo, aos labéos que imprime a Fama  
 “ Naquellos que entre os Vicios professáraõ,  
 “ E aos apódos, apúpos, e motejos  
 “ Que re-vôaõ contínuos na bôchecha  
 “ De hum pedante Orador, de hum máo Poeta,  
 “ Ou de hum Auctor ignáro, e presumido :

“ Mas que isto assim succeda importa pouco,  
 “ Pois, seguindo elle á-risca os teus dictames,  
 “ Eu te affianço que terás de vêllo,  
 “ Já por déz lustros enrugado, e russo,  
 “ Sob os auspícios de hum chapado Lente,  
 “ Inda accèso a compôr de várias castas,  
 “ Por falta de Sermões, nescios Folhetos.”

Dicto isto, o Desaforo, arreganhado  
 Com jubiloso riso, encrúza os braços  
 A’ Mourisca maneira ; inclina os cornos,  
 Que quasi hiaõ abrindo á Deosa os ólhos ;  
 E, o calcanhar caprino aligeirando,  
 Rápidamente deo a volta, e foi-se.

**FIM DO 1º CANTO.**

## CANTO II°.

Pouco-a-pouco do cume das montanhas  
 Vinhaõ cabindo mansamente as sombras,\*  
 Quando, da cega Deosa despedido,  
 Calcurreou folgáz o Desafôro  
 A dar por óbra a meditada empreza.

*Angélica* no-em-tanto espartejada  
 Continuáva as lidas-pasteleiras ;  
 E para accommodar o Pastel-vivo,  
 O fadado Filhinho resingueiro,  
 Que todo se torcia, e que entoáva  
 Hum desatinadissimo berreiro,  
 De huma nesga da fralda, e de hum barbante  
 Fez hum atado da feiçaõ de ròlha,  
 E, de óvos, e de assucar recheado,

---

\* Majores que cadunt altis de montibus umbræ.

*Virg. Ecl. I°.*

Encaixou-lho na bocca : dando hum guincho  
 Muito repinicado, e sonoròso  
 O Rapáz, mais ligeiro que hum cabrito  
 Abana o rábo quando chúpa a teta,  
 E repéte berrando as focinhadas,  
 Aggarou-se na rôlha co' as maõs ambas,  
 E, ja mais manso, ensarilhando as pernas,  
 Resfolgou fadigòso, resmungando  
 A chuchurrubiar na teta falsa :  
 Entaõ a M  y, sorrindo-se de gosto,  
 Deo-lhe hum beijinho, ergueo-se, e muito l  sta,  
 A-tr  z tra  cando a saia, arrega  cou-s  ,  
 E preparou com todo o primor d'arte  
 Hum lombo de Carneiro em vinha d'alhos :  
 O Mestre (e feliz Pay, se fez tal Filho !)  
 O Espinha, por seus m  lhos memorando,  
 Andava azafamado requestando  
 Huns Arenques, que tinhaõ sobejado  
 Da v  spera ao jantar ; e, como a Noite  
 Ja neste tempo, abrindo as fuscas ´azas,  
 Vinha espalhando hum doce des-alento  
 Mensageiro do somno, que restaura

As forças lassas da diúrna lida,  
*Angélica*, dando aí de fatigada,  
 Foi sentar-se co' a Lesma aopé do forno,  
 Aonde entaõ o pinho resinôso,  
 Em roxas labaredas ondeando,  
 D'espaço-a-espaço fúlgido estalava :  
 “ Dame cá o pequeno taboleiro  
 “ (Disse para o Marido) onde costúmas  
 “ Mandar jantáres para os teus Fréguèzes ;  
 “ O nosso Filho he muito máo, naõ pára,  
 “ Tem-me quebrado os braços ; se naõ dorme  
 “ Naõ sei como ha-de ser, tenho a cabeça  
 “ Quasi-quasi esvaïda, estou mui fraca ;  
 “ Vamos vèr se adormece deitadinho  
 “ Dentro do taboleiro, pois naõ temos  
 “ Hum berço, e tens com óvos a canastra !”  
 Disse : e, envolvendo-o n'hum farrapo antigo  
 Resto saudoso, sórdido fragmento  
 De huma saia de chança-domingueira,  
 Estófa o taboleiro com rodilhas,  
 E appresenta-lhe a quelle ricco prato  
 Que tinha de sahir taõ boâ prêa !

Depois no cotovelo recostada,  
 As estiradas tetas repuxando,  
 Amamenta o Heróe, e a pouco-a-pouco,  
 Fechando os ólhos, languida adormece.

Como, se em meio gyro a Noite vða,  
 E ouve balir as pávidas Ovelhas,  
 De feróz alegria assalteádo  
 Enrola a cauda na carreira hum Lobo,  
 E em-redór do curral vai, vem, e torna  
 Por a qui, por alli buscando, e vendo  
 Por onde, naõ cuidado, salte, e emprégue  
 Em pingue Rèz o dente sanguinðso ;  
 Tal, ouvindo a chorosa molliana  
 De seu prezado Alumno o-tenro-*Espinha*,  
 Andava o Desaforo affogueado  
 No empenho de influir-lhe a propria astúcia ;  
 E, por naõ perder tempo, foi-se aos Paços  
 Onde suas Irmans, e sócias suas  
 Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,  
 Audácia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja  
 Com as outras Estygias companheiras  
*Em plena Corte assazonávaõ crimes :*

“ Vinde (lhes diz) por nossa gloria o mando :  
“ Na potente Provincia d'Alem-Tejo,  
“ Abastada c'os dons da loura Céres,  
“ E sempre ufana de Mavórcios louros,  
“ Há huma por mil titulos Cidade  
“ Desde as Eras de Roma já famosa ;  
“ De misèrrios Pays em tórpe alvérque  
“ Nascido alli, eu tenho hum Educando  
“ Pelo qual consultei Fortuna, e Fados,  
“ E por minhas Consultas hei sabido  
“ Que a todos Nós resultará grande honra  
“ Dos impios feitos, e das nescias óbras  
“ Com que por vário modo em tempo vário  
“ Elle há de nauzear Lisboa inteira,  
“ Inda depois de frios lhe pezárem  
“ Bons cincoenta Janeiros no cachaço !  
“ Eia, minhas Irmans, por nossa culpa  
“ Naõ deixe de contar pasmado o Mundo  
“ Mais hum Heróe d'insigne desafôro :  
“ Este meu prezadissimo Educando  
“ Quero que fique sempre memorando ;  
“ Pois se as Virtudes no louvor naõ morrem,

“ Os grandes crimes naõ esquecem nunca,  
 “ E o nome d’Herostrato he mais sabido  
 “ Pelo incendio do Templo de Diana  
 “ Que o do grande Architeto Tesiphónio  
 “ Auctor daquelle Ephésia maravilha :  
 “ Quero em fim que este meu pasmôso Alumno  
 “ Seja hum composto tal dos vicios todos  
 “ Que hum Homem viciôso naõ pareça,  
 “ Pareça o proprio vicio em gesto de Homem !\*  
 “ Eia, naõ se retarde a nossa gloria :  
 “ Em quanto he tempo, vamos ; naõ succeda  
 “ Que algum-Genio-do-Bem vá bafejallo,  
 “ Infundindo-lhe n’alma os sentimentos  
 “ Que podem estorvar nossos projectos :  
 “ Eia, minhas Irmans, a Beja, a Beja.”  
 Apenas proferido o atróz discurso  
 Negro voô bateo o Estygio bando,  
 E na aérea carreira tenebrósa  
 Horrenda saudaçao lhes entoáro  
 Juntas piando as Aves agoureiras.

\* *Mentitur qui te vitiosum, Zoile, dixit :*  
*Non vitiosus Homo es, Zoile, sed vitium.*      *Mart.*

Ergue os ólhos, Calliope, e fagueira  
 Com teu benigno olhar, teu almo riso  
 Influe-me aquelle fogo moderado  
 Que esperta a narraçāo, e a faz graciosa:  
 Dá-me hum raio da luz com que inflammaste  
 \*Esse que bebeo tanto d'agoa Aónia,  
 \*Sobre quem tem contenda peregrina  
 \*Entre si Rhode, Smyrna, e Colophónia,  
 \*Athenas, Chios, Argo, e Salamina ;\*  
 Com doce fluidez meus labios narrem  
 A facéta dicçāo, o estylo argúto  
 Em que o cantor de Achilles déscantará  
 Das Rans e Ratos a renhida guerra.

Ja do materno leite saciado  
 Aquelle tempo o Heróe no taboleiro  
 Tinha, mamando em vaõ, largado a teta,  
 E ficado a dormir de bocca aberta:  
 De lenço na cabeça o Mestre-Espinha,  
 E de perna traçada, resomnava

---

\* Cam. Lus. C. 5º. Est. 87º.

Recostado na banca da cosinha;  
 Em perfeita mudêz era a Bodéga,  
 Quando sobre ella re-veeu, pousando.  
 Co' as Estygias Irmans o Desaforo :

A Adulaçao primeiro, que respirava  
 Toda a aura das caricias, foi entrando ;  
 E, muito compassada, e airôsa dando  
 Tres voltas de redór do Heróe dormente,  
 Com sereno bafejo insinuou-lhe  
 Seu seductor espirito maligno,  
 Que o profundou n'hum somno saboreoso :  
 Seguiu-se-lhe a mordáz Maledicenoia.  
 Manancial de atrôzes invectivas,  
 E arteira de atrocissimos dieterios ;  
 Que, aos ouvidos do Heróe resmoneando,  
 O fez caramunhar quasi-acordado ;  
 E, latindo feróz como hum Rafeiro,  
 De Cynico furor-eivou-lhe os testos :  
 Eis que esvoaça com falláz Zumbido  
 A sempre inquieta, turbulenta Intriga ;  
 Que, mui veloz mechendo, e re-mechendo  
 D' huma, e d'outra rodilha as dobras todas,

E roçando co'as unhas brandamente  
 Nos graves pés do Herói recente-nascido;  
 Perpétua inquiétaçāo calou-me n'ânsia:  
 Salta logo de anquinhas, e donaire  
 Marchando a Presumção empaveizada;  
 E caminha após ella a Andadaria, intipando  
 Corcunda por-de-traz, e por-diante;  
 Avança cada huma por seu lado;  
 E, pegando a soprar; no tenro Alumno,  
 Por tal arte o fizeraõ que ind'agora  
 Passa sempre de bochecha inflada:  
 Vai depois, em feiçaõ d'immunda Serpe,  
 A Perfidia, aos corcôvos, rastejando;  
 Enrósca-se no peito, e na garganta  
 Do pequenino—*Herói desfoderado*;  
 Torce o rabo; e, mettendo-lho na bocca,  
 Elle cuidou ser teta, e foi chupando  
 Todo o veneno que inda v̄erte agorá:  
 Ultima entrou, co' a vista arrevezada,  
 Frenética ululando, a torpe Inveja;  
 Contorce os membros lívidos; espuma  
 Toxico, e fel; raiosa os dentes range;

E co' a farpada lingua venenosa,  
 Que ao venenoso Escorpiao imita,  
 Tres vezes zargunchou no esquerdo lado  
 Do *Heróe-mamaô*; que, vendo-se avexado,  
 Bufando enfurecido, como hum Touro  
 Com garróchas de fogo no cachaço,  
 Ou mordido da Bèspa em dia estivo,  
 Com longos berros d'inflammada guéla,  
 Mui dissonantes do infantil vagido,  
 Tanto vibrou na casa o ar ambiente  
 Que apresentou com a candeâ em terna,  
 E foi tombar ao canto a vinagreira!  
 Co' as heroicas rajadas aballado  
 Estremecendo o tecto mal segúro,  
 Em parêdes de taipa descançado,  
 Corria e telha-vaâ, e appresentava  
 A pedaços o Ceo por entre as ripas:  
 Pelas fisgas da porta carunchósa  
 Os ares impellidos sibilávaõ  
 Como quando hybernosa tempestade,  
 Enegrecendo o Ceo, revolve os Mares,  
 E irados, e forcósos pelejando

“ Noto, Austro, Bóreas, A’quilo parecem  
 “ Arruinar a machina do Mundo ? ”  
 N’hum redomoinho andava a casa toda :  
 Mas, assim que elle deo os ais primeiros,  
 Batendo descompostas gargalhadas  
 O Estygio bando re-voou, sahindo :  
 Voando os monstros c’o estridor das asas  
 O medônhio ruido accrescentávaõ ;  
 E, vaidôso applaudindo o agouro infausto,  
 Clamou o Desaforo, encarquilhando  
 Tábidas fácès com protervo riso :  
 “ Exultai, Sócios meus, que o meu Alumno  
 “ Será hum taõ perfeito Sycophanta,  
 “ E hum Cynico será taõ accabado  
 “ Que nas taes prendas toda a Grecia encóve.”  
 Porem o Heróe, co’a bocca escancarada  
 Dobrando os sons, des-atinado berra ;  
 E, ao pavorôso estrépito accordando,  
 Naõ bem despertâ, *Angelica* presume  
 Que algum faminto canzarraõ raivôso

---

Em vez de espada lhe trincava o Filho :  
 Assenta-se a tremer, e logo exclama :  
 “ Ai ! o meu ricco Filho, coutadinho !  
 “ *Espinha, acorde cá, traze a candela.*”  
 Assim dizendo carinhosa os braços  
 Lança ao choroso Heróe, que estravejava  
 Fóra do taboleiro permeando,  
 Qual, sahindo do curvo, hum. Boi fundão  
 Que se ambrulha, se estende, e se revolte,  
 Por se erguer forcejando, ate que torma,  
 Mugindo, a dar mais fervida investida :  
 \*Naõ sabe nesta pressa quem lhe valha,†  
 Angélica ; e, entendendo accommodallo  
 Se lhe impingisse a teta, a teta puxa ;  
 Vai a unillo comsigo, e o Heróe, saivando  
 Cada vez mais das Furias exequado,  
 Préga-lhe huma valente mordedura,‡  
 E avança-lhe co' as únhas muito abertas  
 A' desgrenhada trança, que estalando

† Cam. Lus. C. 2º. Est. 25º.

‡ Todo o Mundo sabe que os Heróes nascem com dentes.

Fica nas maõs do Heróe quasi em triunfo,  
 Como ja nas maõs d'Hereules ficáraõ  
 Os pallulantes restos tremebundos  
 Das Hydras que no berço destroneava !  
 Entaõ com susto *Angélica*, e com dores  
 (Inda mais que na hora em que o partio !)  
 Grita, e torna agristar “Ai ! o meu peito !  
 “ Espinha, não me accodes ? O Pequeno  
 “ Entrou-lhe consa-mé... Pois que te ia isso ?  
 (Responde o *Mestre-Espinha* a espreguiçar-se)  
 “ São Bruxas que me deraõ ‘oo’ a ciúma,  
 (Torna *Angelica*, afflita vozeando)  
 “ Certamente são Bruxas : estas saivas  
 “ São sobre-naturæs. Uii ! e a candea  
 “ Taõ cedo se apagou ! Esta hé bonita !  
 “ Deixa-me petiscar.” Resmerinhava  
 C’ o sonmo estonteado o *Mestre-Espinha* :  
 E logo, abrindo a bocca, e dando aos hombros,  
 E coçando-se muito nas ílhargas,  
 Foi ás apalpadellas procurando  
 Na sebenta, e deserta prateleira,  
 No lodôso pojál dos cujos pôtes,

E debaixo da banca mal segura  
 A caixinha da isca ; mas debalde,  
 Que, como a casa andou n'hum redomoinho,  
 Adeos isca, adeos méchas ; e a criança  
 Bérra cada vez mais, e mais teimoso \*  
 Do que em Maio bem pardo, e bem ventoso  
 Estala pelos Ceos repercutido  
 O medonho trovaõ ! Da noite o medo  
 Cresce co' a voz do Heróe ; ja naõ se entendem  
 Seus besuntados Pais ; ja qualquer delles  
 Reforça quanto pode a voz, e ficaõ  
 Azaranzados, tremulos, medrócos,  
 Patétas, sem saber o que hum quer d'outro.

Moráva logo alli parêdes-meas  
 Huma Velha mui nédea, e mui Doutora,  
 Que dizia guardar certas Reliquias  
 De certa, efficacissima virtude

---

\* Hé tanto Enällage como em Cam. na Est. 24 do 5º. C. da Lus.

Mas ja o Planeta, que no Ceo primeiro  
 Habita, cinco vezes appressada, &c.

Contra todas as castas de bruxedo ;  
 E nesse mesmo dia por acerto  
 Hum Donato, que andava ao peditório  
 Foi pernoitar a cása da tal Velha.

A Filha da Preguiça, e Mäy do Engano,  
 A palreira Ignorancia aventurósa,  
 Sempre c'o Desaforo officiosa,  
 E neste seu Alumno embasbacada,  
 Ha muito que espreitáva o como, e o quando  
 Pudesse em seu serviço obter entrada ;  
 E mui leda, e mui lesta aproveitando  
 Taõ boa occasião, parte de trôte,  
 Convoca a Reverencia ; e logo, em forma  
 Huma da Velha, e do Donato a outra,  
 Vaõ, de Lanterna, e de Saccóla armadas,  
 Bater á porta, onde rebomba o éccho  
 Das tres confusas, dissonantes vozes :  
 “ Abra a porta, Visinha” (clama a Velha  
 Em que vinha a Ignorancia disfarçada)  
 “ Aqui tem luz: coutada ! que tormento  
 “ Lhe tem dado esta noite o seu Menino  
 “ Naõ poder socegar ! Iste saõ Bruxas :

“ Ora de-me esse Anginho, que aqui trago  
 “ A Bolsa das Relíquias, e ind’agora  
 “ Teraõ mais prompto effeito, pelas rézas  
 “ Do senlor Reverendo.” Assim dizia,  
 E pegando do Heróe o acalentava;  
 E logo a Reverencia mui devota,  
 Pondo-lhe a esquerda no alto da cabeça,  
 Co’ a direita huma bênçãõ lhe travessa,  
 Com bullicósos beiços murmurando  
 Em sibilado som por entre os dentes  
 Certos tons variados sem palavras,  
 Imitando do Chôro a gritaria.

Como quem, da Tarantola mortido,  
 Não pode repousar se não esculta  
 Cadentes sons de Cythara suave;  
 Assim o Heróe, da Inveja zargunchado,  
 Só repousou nos braços da Ignorancia,  
 Ao som da cantileha que entoáva,  
 Fazendo-lhe segunda a Reverencia.  
 “ Deos lho pague, Visinha, Deos lho pague!  
 (Mui de mansinho *Angélica* dizia)  
 “ Elle ja dorme.” —Quasi. Torna a Velha,

E embalando-o nos braços o bafeja.  
 Entaõ, pondo-se em pé muito direita,  
 C' os ólhos ao divino em alvo póstos,  
 A Reverencia encoriza-lhe tres bênçãos,  
 E na parte onde he uso abrir-se a C'rea  
 Unhou-lhe alguns delgados cabellinhos,  
 Que a Velha arrecaçou co' as mais Reliquias  
 Para deixar o Heróe livre de Bruxas.

A este tempo o *Espenka*, muito crente  
 Em toda a Reverenda-pitârice,  
 Pondo os ólhos no chão, pede licença,  
 E, accendendo a candela na lanterna,  
 Vai-se á gaveta, donde chocalhavaõ  
 Alguns folgados cobres; muito humilde  
 Volta com hum vintem, e diz "Perdões  
 " O Senhor Reverendo, que a pobreza  
 " Não me permitte mais." A Reverencia,  
 Muito risónha abrindo-lhe a Saccóla :  
 " Venha (lhe diz) que tudo he charidade ;  
 " E, para premiar seus bons desejos,  
 " Em minhas Orações eu lhe protesto  
 " De rogar que o Menino inda algum tempo

“ Venha a ser hum dos Meus, e que em Lisboa  
 “ Dê hum famoso brado.—Sim (prossegue  
 Arregalando os ólhos a Ignorancia)  
 “ Eu nunca em meus prognósticos me engano,  
 “ E agóra affoutamente prognostico,  
 “ Segundo a grande força com que berra,  
 “ Que o Menino ha de ser famigerado,  
 “ E muito mais por tretas que por letras.”  
 Estas, e outras taes lérias embutiaõ  
 A' estupefacta *Angélica*, e seu Homem,  
 Que de queixo cahido as escutavaõ ;  
 E logo despediraõ-se, deixando  
 O Heróe muito sereno, e regalado,  
 Submergido no somno da Ignorancia,  
 A tomar huma longa raposeira,  
 Preságio de outras táes quaes toma agora.

FIM DO 2º CANTO.

## CANTO III<sup>o</sup>.

---

\*AGORA Tu, Calliope, me ensina†  
 O que mais disse a Deosa-Trombeteira,  
 Apressada movendo os sabedores  
 Dobrados labios da rotunda bôcca.‡  
 Corriaõ dias, e passavaõ mezes,  
 E *Angélica* naõ tinha huma só noite  
 Em que dormisse hum' hora socegada ;  
 Que de noite, e de dia, e mais, e sempre  
 O *Heroe-mamaõ*, das Furias avexado ;  
 Naõ somente estrugia o proprio alvergue,  
 Se naõ que a vizinhança amotinava !  
 Quantas vezes *Angélica*, esfalfada  
 De lidar sem descanço, e sem proveito,

---

† Cam. Lus. C. 3º, Est. 1º.

‡ ..... Dedit ore rotundo  
*Musa loqui*..... *Hor. Epist. ad Pis.*

\*Para O Ceo crystallino alevantando  
 \*Com lágrimas os ólhos piedósos,  
 \*(Os ólhos, porque as maõs põem na cabeça  
 \*Apertando-a co' aforça da amargura)  
 \*E depois attentando no Filhinho,  
 \*Que tanto lhe sahira endiabrado,†  
 Ao cujo *Mestre-Espinha* encasmurrado  
 Deixou cahir com pranto estas palavras :‡  
 “ Ai! meu *Espinha*, eu muito bem conheço  
 “ \*Ser isto ordenaçao dos Ceos divinas  
     ra castigo nosso, que o peccado  
 “ Comsigo traz a pena, ou tarde, ou cedo:  
 “ Este nosso Menino foi gerado  
 “ Do Creador contra vontade, e em tempo  
 “ Em que éra para Nós hum beijo hum crime;||

† Imitaçao de Cam. na Est. 125<sup>a</sup>. do 3º. C. da Lus.

‡ Effusæ que genis lachrimæ, et vox excidit ore.

*Virg. En. L. 6º.*

§ Cam. Lus. C. 4º, Est. 3<sup>a</sup>.

|| *J. A. de Macedo* nasceo em 1759 antes do Matrimonio de sua Mäy Angelica Rosa com o dito seu Pwy Gregório de Macedo, por aleunha *O-Espinha*.

“ Oxalá, por hum gosto que tivémos  
 “ Naõ nos dê o Pequeno mais desgostos  
 “ Do que éstas noites más que nos tem dado.”  
 Mas o Heróe, como o Macho dos Bernardos,  
 Hia crescendo aos palmos, e crescia  
 Nos dotes infernaes com mór sobejo,  
 Que seu grave Mentor, o Desaforo  
 Com próvida influencia naõ cessava  
 De aproveitar-lhe a indole pasmosa,  
 Tanto em seu natural propensa aos vicios!  
 Pay, nem Mäy, nem Parentes, nem Visinhos,  
 Nem Mestres, nem affagos, nem castigos  
 Naõ podem amansar o Tardinho,  
 Senhor de prendas taes que á-vista delle  
 Roberto-do-Diabo era hum Santinho!  
 Inda os dentes queixaes naõ tinha todos  
 Ja ganhava em malicia a déz Raposas!  
 E, na idade em que alguns inda innocentes  
 Cuidaõ pelo sobáco haver nascido,  
 Elle, ja certo na Materna-estrada,  
 Gentil Campeão da bregeiral-Palestra,  
 Destro em conca, e peão, bisharda, e pedra,

Com lingua de serpente, unhas de Harpya  
 Ganháva em honra ás do Rifaõ de Beja !

Contava ja o Heróe sette Janeiros,  
 Quando huma noite em sonhos lhe apparece  
 O seu Mentor na forma de hum Gigante ;  
 E, abrindo ambas as maõs, que, se as erguesse,  
 Com ellas té á Lúa chegaria,  
 Mostrou-lhe n'huma hum Burro, e n'outra hum  
 Barco,  
 E disse, quasi em voz de huma buzina :  
 “ Levanta-te, José, e vem servir-me ;  
 “ Levanta-te, José. Este era o nome”  
 Com que o tinhaõ á-pressa baptizado.  
 O Heróe, abuzinado, arripiou-se,  
 E, inda mais que da voz, pasmou do gesto ;  
 Porém naõ se calou, que nessa idade  
 Ja tinha para tudo audácia, e labia !  
 E, no tom da malicia, mui pacato  
 Responde “ Quem sou eu que taõ pequeno  
 “ Possa ser servidor dessa Grandeza,  
 “ E muito mais sem eu saber quem sirvo.”  
 “ Levanta-te, José (insta o Gigante)

“ Tu podes, he meu gosto que me sirvas,  
 “ E será teu proveito se o fizéres :  
 “ Sou Genio grande de hum Lugar pequeno  
 “ Que he sobre o Tejo situado, em frente  
 “ Da formosa cidade de Lisboa ;  
 “ Cassilhas he seu nome, e mui famoso  
 “ Pelas grandes funções de burricada  
 “ Que no tempo em que os Zephyros campaõ  
 “ Dalli se fazem annualmente á Costa ;  
 “ Alli naõ estaõ nunca em ócio os Burros,  
 “ Que a diaria Carreira das Faluas  
 “ Continuamente leva, e tráz, e torna  
 “ Com folgazôna turba cavalgante,  
 “ Que deixa bons tostões nos taes folguêdos :  
 “ Para alli te encaminha, que alli devem  
 “ Começar teus trabalhos, e fadigas ;  
 “ E dalli partirás para Lisboa,  
 “ Onde se ha de acabar tua fortuna,  
 “ E nas boccas do Mundo andar teu nome.”  
 Assim dizendo, ameaçou de-léve  
 \*Que lhe pregáva hum couce no vazio :†

---

† Imitaçã do Hysópe.

Do ameaço terrível espantado  
 O Heróe, pulando, grita, e nisto accórdia.  
 “ O que tens Tu, Rapáz ? ” (Accode o *Espinha*,  
 Que aos gritos despertou) “ He que eu sonhava  
 (Responde o Heróe) sonhava que hum Gigante  
 “ Me dava hum pontapé. ‘ Calte, maroto,’ ”  
 (Rosna o casmurro *Espinha* mui sangado)  
 “ Que su te farei o senho verdadeiro,  
 “ Amanha te direi se a estas horas  
 “ Se grita desse modo. Disse, e logo”  
 Virou-se, e com *Angélica* abraçado  
 Outra vez a dormir pregou dous roncos:  
 Porem ficáraõ bem no fundo impressas  
 Dos miélos do Heróe estas palavras  
 De seu sebento Pay ; e, revolvidos  
 Na inquieta, afferorada phantasia  
 Os discursos, instâncias, e ameaços  
 Do Phantasma Gigante de Cassilhas,  
 Entre susto, e esperanças duvidoso  
 Levou todo a scismar da noite o resto.  
 Ja derramava pérolas a Aurora,  
 E no rôxo horisonte mil-córado

Os primeiros reflexos scintillavaõ  
 Da matutina alampada Phebêa:  
 Cada raio de luz que lobrigáva  
 Era hum dardo que n'alma lhe varáva  
 Do Heróe, que, d'alto-a-baixo revolvido,  
 Deliberou sublime; e, entaõ erguido,  
 Ligeiro em pensamentos e pégadas,  
 Foi-se á gaveta muito de mansinho,  
 E nas rapantes unhas, costuradas  
 A taes expedições, trouxe hum cobrinho  
 Dos poucos que ella tinha; e muito nifano,  
 Já de-fóra da porta a salvamento,  
 Comsigo arrazoou desta maneira:  
 “ Irra! o Senlor meu Pay, de maõ algade,  
 “ Pertenderá de mim fazer picado  
 “ Com que rechâe alguns pasteis? Bem bastaõ  
 “ As muitas vezes que me tem zurzido!  
 “ Não me ha despihar mais; vou correr Mundo:  
 “ E, se os sonhos, como eu já tenho ouvido,  
 “ Do que ha de acontecer saõ certo agouro,  
 “ E hum annúncio que o Cœo ás-vezes manda  
 “ Para determinar a Gente incerta,

“ Bem farei se me for por essas Terras  
 “ Até que vá parar no tal Cassilhas :  
 “ Pois vou.” Rosnando assim, pôz-se a caminho,  
 E, luctando entre varias conjecturas,  
 O coraçaõ no peito lhe saltava.  
 Somente, vagaroso caminhando,  
 Tinha avançado o Heróe tres-nove passos,  
 Quando tres mui formosas Borboletas  
 (Núncias da Adulaçaõ, que o Desaforo  
 Enviava a esforçar o seu Alumno)  
 As azas multi-cores desdobrando  
 Re-lustradas co' a luz do sol radiosso,  
 E encruzadas voando, e re-voando  
 Com suave sussurro sonoroso,  
 Nas orelhas tres vezes lhe roçáraõ,  
 E outras tantas na testa lhe pousáraõ :  
 Daqui tomou o Heróe jucundo agouro,  
 E foi mais ledo aligeirando o passo.  
 Mas, como o Rifaõ diz, e he muito certo  
 —Que a pobreza naõ pôde dar fartura,  
 E nem a fome cria bom cabello—  
 O Heróe que desta vez, como outras muitas,

Tinha a barriga unida co' as costellas,  
 Pouco antes de deixar aventurôso  
 Os turrigeros muros da Cidade,  
 Lembrou-se de contar ó tal cobrinho,  
 E achou setenta reis “ Bom ! para hoje  
 (Disse entre-si, pinchando de contente)  
 “ Já tenho que comer : vamos á Tenda.”  
 Dicto, e feito : foi logo rebolindo,  
 E pedio paõ, e queijo ; muito airôso,  
 Sobre o balcaõ correndo a maõ fechada,  
 A fazer co' as de cinco chocalhada.  
 Des-prevenido das heroicas manhas  
 Do *Espinholoso*—*Telêmaco*—*Pacense*,\*  
 Ithaco envéz d'enviozado ensipo ;†  
 Já o Tendeiro, no balcaõ pousando  
 Hum paõ grande e huma faca, se tornava  
 Para trazer o queijo ; eis quando salta

---

\* *Espinholoso* por se dizer Filho do *Espinha*, e *Pacense* por ser natural de Beja.

† Por que Minerva foi o Mentor do Filho de Ulysses, e o Desafeto o tem sido de J. A. de Macedo.

De hum negro; e grande; e gordo Gato em forma;  
 A-pro do seu Afumine; o Desaforo;  
 Mia assanhado, e horrendamente berra,  
 Despendura huma réste de cebollas;  
 Des-concerta as balangas, e as vasilhas;  
 Embrúlha-se nas pernas do Tendeiro;  
 E dá no chão com elle de-cangalhas;  
 Não quiz mais ver o Herde: dizendo “ Sápe”  
 Tres cebollas, e o paõ á-pressa agarra,  
 E lá se vai taõ lérido esgueirando  
 Que em-vaõ corre o Tendeiro, e grita, e busca,  
 Ja lhe não pôde pôr a vista em cima:  
 Tanta foi sempre a sua ligeireza !

Eilo por essas Terras de jornada  
 Afortunadamente amiudando  
 Huns após d'outros os heroicos passos;  
 Todos de calcanhar assignalados;  
 Co' a barriga de farta sempre himpando,  
 E os seus setenta reis sem ter desfalque,  
 Pois sempre o seu Mentor lhe deparava  
 Novas occasioes de gatunice,  
 Que elle já como Mestre aproveitava:

Chega em fim a Cassilhas; e, lembrado  
 Do que o Gigante em sonhos lhe dissera,  
 Olhando a turba burrical que o cerca,  
 Por força de attracção ali se fica.  
 Bem como o ferro ao iman'apegado;  
 Ou leve palha ao transparente alambre.  
 Da jornada o Heróe ja vinha armado  
 De hum carapúço azul que surriára,  
 E de huma cacheirinha de carrasco;  
 Estava prompto para a vida, e logo,  
 Camarada dos outros *Tóca-Burros*,  
 Na estrada começou a dizer “ Arre.”  
 O’ Ancas-Burrícaes, se vós fallasseis  
 Dirieis as lambadas fúriosas:  
 Com que elle vos brindou, quando era empenho  
 De servir com presteza algumas freguezes;  
 Out’ quando a casquihíssima gualdrápa  
 Muito amarrada vos tolhia os passos!  
 Máz vós suáveis a poder d’arrôcho,  
 E elle enchia de cobre as algibeiras;  
 José de seus Patroes essa delicia,

E nenhum dos Rapazes de Cassilhas  
Trazia tantos Burros a seu cargo.\*

Burriqueiro Andarilho decantado,  
Ja entaõ, como agora, entusiasmado  
(Nas Helicóneas faldas babujando  
O excesso das vertentes de Aganippe)  
Ao Burro que mais quer, por mais andejo,  
Nas horas de lazér o Heróe compunha  
Versos em prósa, e rythma! Eraõ prelúdio  
De obra mais longa, versos mais chapados  
Em que elle, ja depois de Burro velho,  
Com métrica mania escouceando,  
Da sua Musa, a Infamia, por conselho  
Devia os Burros celebrar zurrando.†

\* Naõ cuidem os pios Leitores que isto he peta: *J. A. de Macedo* foi taõ Heroe desde os seus primeiros annos, que, naõ contando ainda mais do que sette, fugio a seus Pays, e veio por essas Terras gatunando, ate se estabelecer Mogo de Burros em Cassilhas; donde, para cumprir seus Fados, abalou para Lisboa á gandája.

† Allusaõ ao seu chamado *Poema dos Burros*, que tem apparecido manuscripto, accrescentado, e variado de mão para peor; obra

Que fazias no-em-tanto, ó çujo *Espinha*,  
 O' esfalfada *Angelica*? O teu Filho  
 Fez huma hida como a faz o fumo !  
 Debalde he procurallo : nem ao-menos  
 Apparece quem dê noticias delle,  
 E o último que o vio lá na Cidade  
 Foi o Tendeiro, que ficou roubado.  
 “ Ai ! o meu Filho (*Angélica* dizia)  
 “ Meu ricco Filho, feito ás-escondidas,  
 “ E jagora escondido para sempre !”  
 Trez vezes cada dia, quando menos,  
 Se repetia a mesma caramúnha ;  
 Porem embezerrado o *Mestre-Espinha*  
 Ou naõ dava resposta, ou, quando a dava,  
 Por se ver livre delle os Ceos louvava.

cujo tedioso estylo, e malignidade saõ sobrejos testemunhos para se reconhecer J. A. de Macedo : sem ter nem hum laivo dos chistes da Martinhada ; tem igual indecencia, e he mais sórdido ; dos preceitos Poeticos naõ se lhe ácha sequer hum ; achaõ-se-lhe porem re-unidos todos os defeitos triviaes nas obras de seu Auctor ; e dá sobre-tudo que admirar o calunioso, e excessivo fel, que por toda ella está derramado em tanta cópia, que naõ se accreditaria, se J. A. naõ estivesse tão conhecido.

Passou-se mais de hum anno, e fadigoso  
 Verdugo-burrical famigerado  
 Andava o Heróe nas palmas dos Freguèzes :  
 Mas ja nas portas d'alma lhe batia  
 O Desaforo novas aldrevádas,  
 E do desejo as cócegas teimosas  
 Não o deixaõ parar sem ver Lisboa  
 Nem tanto esta partida retardára  
 Se ás-vezes, cogitando na partida,  
 O largo coraçao não lhe apertassem  
 Ternissimas saudades dos Burricos.

Porem o seu Mentor, attento a tudo,  
 Que até os pensamentos lhe adivinha,  
 E quer aproveitar-lhe os bons desejos ;  
 Com gestos de Hortelaõ passa a cassilhas,  
 Vai-se ao Patraõ do Heróe, entra em ajuste  
 E compra o Burro que elle mais amava :  
 De seu primeiro Dono assim chamado  
 Chamava-se o tal Burro, *O Burro-Lopes* ;  
 E, por influxo de amizade antigo,  
 De outro *Lopes* o Heróe he hoje amigo.\*

\* J. J. P. Lopes, actual Redactor da Gazeta de Lisboa.

Já no peito do Heróe lavrava a mágoa  
 Da perda do Burrinho, seus enlévos ;  
 Mas vendo o Desaforo o seu Alumno  
 Que todo se engojáva com saudades  
 Do orelhúdo animal, chamou-o á parte ;  
 E, mui meigo affagando-lhe as bochechas,  
 Com ar de riso disse-lhe “ Se quéres  
 “ Anda comigo, ficarás com elle.”  
 Annúe o Heróe, embárca-se c’o Burro,  
 E logo des-atraca, e des-afferra  
 Soltando a larga vela ao vento largo.

FIM DO 3º CANTO.

## CANTO IV.

---

**QUASI sempre a Fortuna lisongeira**  
**Sópra com vento em poppa ao Desaforo,**  
**Ou lhe deita aos baixeiros a borda n'agoa**  
**Ventando-lhe á-bolina em todo o rumo**  
**Mais que hum Tritão curvado a Cytheréa**  
**Vai pelas ágoas rápida a Falúa**  
**Arfando compassada, e pela pôppa**  
**Longa deixando esteira d'alva espuma :**  
**Ei-la estremece já, co'a aguda prôa**  
**Toccando em sêcco as praias de Lisboa ;**  
**E, dando as maõs ao bambear da prancha**  
**Em terra c'o Hortelaõ o Heróe saltava :**  
**Mas qual seu pasmo foi quando, inda apenas**  
**Afincando na aréa os calcanhares,**  
**O'lha a ver o que vai, vê promptamente**  
**A Falúa a virar fazer-se ao largo,**  
**E naõ vê o Hortelaõ !... Procura, chama,**

Porem debalde, que ninguem responde ;  
 E a turba circunstante, ao ver seu pasmo,  
 D'escárneo lhe bateo longa risada.  
 Bem como quem de hum grande pezadello,  
 Os ólhos esfregando, se levanta,  
 E, inda co' a phantasia povoáda  
 De embusteiros somnivo-los phantasmas,  
 Entre a abusaõ, e a realidade hesita ;  
 Tal, por mui largo espaço, duvidando  
 Do mesmo que está vendo, e está passando,  
 Ficou o Heróe co's olhos espantados  
 Perplexo, estupefacto, mudo, e quêdo,  
 Alma de Judas, corpo de penedo !  
 O Burro foi-se, e o Hortelaõ sumio-se  
 Desfeito em insultantes gargalhadas !  
 Mas o Heróe naõ tremeo ; ja de pequeno  
 Começava a ter callo na paciencia  
 Para soffrer violentas surriadas ;  
 E ja tinha na cara tres ou quatro,  
 Das sette que óra tem, camadas de aço  
 Impenetraveis da vergonha aos tiros.  
 Entaõ, segundo havia contractado

Com seu grave Mentor, quiz a Fortuna  
 Da sua protecção prestar-lhe hum rasgo :  
 Conjura o tórvo Rei das tempestades,  
 Pedindo-lhe dois ríjos agoaceiros ;  
 E, em quanto o Heróe com intima zanguinha  
 Azoado bufando parafusa,  
 As rajadas do Sul voaõ, trazendo  
 Nas negras ázas cérvulos chuveiros.  
 Fervendo com soído estrepitôso  
 Pelas mui porcas ruas de Lisboa  
 Amplas corriaõ turvas enchorradas,  
 Nas quaes com grande grita, e algazárra  
 A corja dos Gayátos-Gandayeiros  
 Toda do peixe-prego andava á péscia :  
 Ouvio o Heróe os sons des-concertados  
 Da miùda-canálha-gritadôra,  
 Mais bulhenta que incómmadas Cigarras  
 Na força do Veraõ, ou que ao Sol-pôsto  
 \*As Rans, no tempo antigo Lycia gente,†  
 Coaxando agóra nos lodósos charcos :

Ouvio o Heróe; e, qual saccode as crinas  
Generoso Cavallo, que relincha  
Inquiéto ao som das bellicas trombetas,  
Tal em seu peito o coraçao brioso  
Férvido pula, c'o desejo ardente  
De acompanhar a turba-gandayeira  
Na quelle nobilissimo exercicio:  
Dezejou, e cumprio; e, em sós dois saltos  
Mettendo os pés na proxima enchorrada  
Se perfilou no rancho dos Gayatos,  
Que logo muito accesos resingaraõ,  
E por hum tris que naõ se engalfinháraõ!  
Já tinhaõ cinco ou seis o murro feito,  
E sobre o manso Heróe o punho erguiaõ;  
Porem neste comenos a Fortuna  
Traz de-rôlo nas ondas da enchorrada  
Soante multidaõ de ferros velhos,  
Que, de tropel batendo nos Artelhos  
Da Ardente-guerreada-Rapazia,  
Toda, a-hum-tempo tocada, estremecendo  
Sé encurva, mette a maõ nas çujas agoas,  
E sem ponta, ou cabeça hum prego fisga:

O Heróe, por ser Heroe, foi mais ditoso ;  
 Deo logo com tres Trôlhas, tres Martellos,  
 Hum Nivel, hum Compasso, huma Esquadria,  
 (Cousas a que tomou perpétua zanga)  
 Porem dous Soveloens, quatro Cutelos,  
 Trinta Gazùas, Facas, e Serrótes,  
 (Cousas com que folgou para seu úso)  
 Tudo ainda capáz, e em tempo bréve  
 Pescou taõ limpaménte que assombrava  
 Até os Brejeiroens mais amestrados !  
 E conduzio-se em fim por tal maneira  
 Que, antes de ser chegado o fim do dia,  
 Foi por voto geral do Rancho inteiro  
 Eleito *Capatáz-da-Brejeirada.*

Mas, de tanta excellencia mal-contente,  
 Tentou o Heróe naquelle mesma noite  
 De seu genio sublime hum novo ensaio.

Quando em vastas ruinas espantósas  
 Ficou Lisboa quasi sepultada ;  
 Que os hórridos vulcoens flammi-ferventes,  
 Com suí terraneo-horrisono-rebombo,  
 Medonhamente o seio lhe abaláraõ,

E a torreada pompa lhe abatèraõ ;  
 Que as do Tejo auri-plácidas correntes,  
 Verde-negras bramindo acapelladas,  
 Em rôlo espantosissimo crescêraõ  
 Quasi para tragar o chaõ que adornaõ ;  
 Que o Susto, o Medo, o Espanto, o Estrago, e a  
 Morte

Co' as tórvas azas lúgubres cercáraõ  
 Seus Múros infelices, povoando  
 Seu mésto chaõ de pavorósos Quadros !...  
 E que depois, sob o ditoso influxo  
 De hum grande Rei, hum próvido Ministro  
 A ergueo das cinzas, e a tornou mais bella !  
 Por força d'arte avassallando as ágoas,  
 E o Tejo hum pouco recuar fazendo,  
 Assentou-se em firmíssima estacáda  
 Hum quadrado Terreiro magestôso,  
 Aonde, bem ao meio, em Bronzeo-Vulto  
 Se ergue (do Mundo Oitava-Maravilha !)  
 De hum só jacto fundida a Equestre-Estátua  
 Que ao vivo representa o graõ Monarca,  
 O Primeiro Jozé, Rei venturoso

Que prezado viveo, morreo saudoso !  
 De redór com Symétrica ordenança  
 Sobre vastas Arcadas se levantaõ  
 Soberbos, sumptuosos Edificios ;  
 Pois, com ambas as maõs o Erário abrindo,  
 O Magnífico Rei fez Regia a obra !  
 Do lado Oriental á-beira d'agoa,  
 E quasi sobre o Tejo debruçado,  
 Há hum Salaõ de ricca architectura  
 Em marmóreas columnas sustentado:  
 No gyro do Commercio alli concorrem  
 Da Europa toda, e todo o Mundo as Gentes ;  
 E no espaçôso Cáes que órla o Terreiro  
 Pesaõ continuamente as Mercancias  
 De toda a casta, e dos Paizes todos :  
 Entre outras mil de Americana origem  
 Abunda mais o proveitôso Assucar,  
 Enlèvo da miúda-Brejeirada,  
 Que, das Caixas as fisgas espreitando,  
 Mão-grado aos çujos Argos que as vigiaõ,  
 C'os lapuzados dedos esgravata  
 A doce, e pegajosa golosina.

Já de braços abertos aguardava  
 Thetis o Sol, que, os raios affroxando,  
 Com pallido claraõ amortecido  
 Apenas, scintillava no Occidente ;  
 Quando o prófugo-Heróe, c'o carapuço  
 Dos chuvósos despójos recheádo,  
 Marchou sublime para a nova empreza,  
 E soube com tal arte conduzilla  
 Que ainda naõ tocava o Sino ás oito,  
 Já elle, e seus bons Sócios tinhaõ fartas  
 De assucar a barriga, e as algibeiras !  
 Nestas, e taes fadigas gloriósas  
 Consumio mais de hum anno, inda ignorádo  
 De hum dicto Tio seu, que éra em Lisboa  
 Hum pôbre Ourives, mas hum pobre honrado ;†  
 Que, máo-grado aos orgúlhos da Riqueza,

---

† He mui verdade que *J. A. de Macedo* viveo empregado em toda a casta de gatunice, que lhe permittio a idade, ate contar mais de nove annos ; tempo em que hum Ourives que se dizia seu Tio (posto que na realidade só foi Parente mui chegado a sua Mãy) o tirou da gandaya, e o metteo na Eschola ; e depois, em idade propria, na Communidade Graciana.

A'cha-se a Honra no ásco da Pobreza.  
 \*Mas tendo promettido o Fado eterno,  
 \*Cuja alta Ley naõ pode ser quebrada,†  
 Que o *Heroe-Capatáz-da-Brejeirada*  
 Fosse tambem o *Trovador-do-Gama*,  
 Ou o *Camões do avesso*, éra forçoso  
 Tirallo da gandaya, e pôllo ás Letras ;  
 Bem que nesta República se erguesse  
 Peiór do que no Mar-Mediterrano  
 Hum bárbaro Argelino armado em côrso !

Apenas alvejava no horisonte  
 O trémulo reflexo duvidoso  
 Do raio matutino, e a froxa Aurora,  
 As nóvas dormideiras orvalhando,  
 Novo torpôr nos membros derramava  
 Dos molles Cidadaõs, que se regálaõ  
 C' o somno da manhaã taõ saboroso ;  
 Entaõ o Tio Ourives preguiçoso,  
 Dando mais huma vólta sobre a barra,

---

† Cam. Lus. C. 1º, Est. 28º.

Se dispunha a dormir até ás séte :  
 Voando leves Sonhos lisongeiros  
 Na mal-adormecida phantasia  
 Mil visoes agradaveis lhe appresentaõ :  
 Figurou-se-lhe ver em lugar alto  
 Hum Homem de bochecha rechunchúda,  
 Em gestos, e feições alambazado  
 Que, fazendo c'os braços dobadoura,  
 Com Sibyllino tom, phrase caloura  
 Gritava até suar, e ter perdido  
 De rouquidaõ a voz ; e em-redor delle  
 Muita gente pasmada, e boqui-aberta,  
 Parte da qual depois o acompanhava  
 Dizendo-lhe de-manso “ Viva—Bravo ! ”  
 Elle mui vermelhaço, e mui trombúdo,  
 A todos acenando co' acabeça,  
 Marchava como hum Galgo em retirada,  
 Alimpando o suór nas ruças mangas ;  
 E, dos hombros tirando hum trapo branco,  
 Mui ligeiro as maõs ambas estendendo,  
 Em huma recebia hum dinheirinho,  
 E co' a outra anciôso agadanhava

Hum trasbordado cópo de bom vinho  
 Que logo nas guélas emborcava.\*

Inda estava cuidando o bom do Ourives  
 Ver emborcar rapidamente o cópo,  
 Eis da Philantropia o Genio vða ;  
 E diz-lhe “ De José te chamaõ Tio,  
 “ Elle avança com passos de Gigante  
 “ Pelo caminho á perdiçao aberto,  
 “ Tu deves-lha evitar ; do ensino a força  
 “ Talvez corrija o natural maligno  
 “ Que á desgraça o conduz : inquire, busca,  
 “ E na turba dos sórdidos Gayatos  
 “ Acharás, gayatissimo entre todos,  
 “ Teu sobrinho Jozé, que está entrado  
 “ Em déz annos de idade, e inda naõ sabe  
 “ Ao menos o ABC ! Porem com-tudo,  
 “ Naõ te esmorêça o seu atrazamento :

\* Naõ se escandalizem os Senhores Oradores Sagrados, eu naõ zombo do Ministerio, zombo do seu indigno Ministro *J. A. de Macedo.*

“ Se agora dás com elle nas Escholas,  
 “ E mal chegar á idade competente  
 “ Déres com elle Frade, eu te affianço  
 “ Que inda ha de ser hum Pregador que azoine  
 “ Lisboa, e seus compridos arredóres ;  
 “ E até, segundo as tróvas que hoje inventa,  
 “ Virá talvez tambem a ser Poeta.  
 “ Poéta naõ (accóde logo o Ourives)  
 \* “ Poeta naõ, que he praga, que he mania,  
 “ Hé loucura, he doudice que eiva os téstos .  
 “ De alguns, de cuja vista precatados  
 “ Fogem todos os túmidos Magnátas :  
 “ Poeta, e pôbre he quasi tudo o mesmo ;  
 “ Eu estou da pobreza enfastiado,  
 “ E naõ quero o Rapaz c'o mesmo achaque.  
 “ Nescio, nescio ! (altamente instava o Genio)  
 “ Naõ presta o fazer vida de Poeta,  
 “ Mas ser Poeta he bom ; esses que ostentaõ  
 “ Ter em-pouco a Poesia, he porque as Musas,  
 “ Aváras de seus dons, lhos naõ dotáraõ,  
 “ E á estúpida preguiça se entregáraõ :  
 “ Para ser bom Poeta cumpre unir-se

" Longo estudo, e saber, bom-gosto, e engenho ;  
 " E ainda montará tudo isto em pouco  
 " A' quelle aquem naõ dér a Natureza  
 " O dom particular a poucos dado,  
 " Claro juizo, e phantasia ardente,  
 " Alma sublime, locuçaõ vehemente.\*  
 " Dá honra a Poesia aos seus Alumnos ;  
 " E, se des-honra alguns, essa deshonra  
 " Naõ vem da Poesia ; he porque nescios,  
 " Sem bem avaliar as próprias forças,  
 " Ou de si próprios presumindo muito,  
 " A difficeis emprezas se arrojáraõ,  
 " E d'alta presumpçaõ se despenháraõ.†

---

\* Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os  
 Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

*Hor. Sat. 4<sup>a</sup>. L. 1<sup>o</sup>.*

S'il ne sent point du Ciel l'influence secrète,  
 Si son Astre en naissant ne l'a formé Poète,  
 Dans son génie étroit il est toujours captif ;  
 Pour lui Phébus est sourd, et Pégase est retif.

*Boileau dans l'Art Poet. Chant. 1<sup>er</sup>.*

† Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam  
 Viribus, &c..... .

*Hor. Epist. ad Pis.*

“ Dizer que a Poesia traz pobreza,  
“ Isso he abuso da vulgar cegueira :  
“ Olha Tu se na Epoca de Augusto  
“ Ouviste já dizer que fossem pobres  
“ Horacio, ou Polliaõ, Virgilio, ou Varo ?  
“ Ou se quando reinou Luiz Quatorze  
“ Foraõ pobres tambem Boileau, Racine,  
“ Ou inda os outros de lembrado nome ?  
“ Exemplos (que naõ faltaõ) poderia  
“ Entre as outras Nações citar-te immensos ;  
“ E até, se em Portugal quizesse exemplos ,  
“ Alguns, e naõ muis poucos, acharia  
“ Que essa vaã prevençao desvanecessem.  
“ Raros merecem de Poeta o nome ,  
“ Mas da-se mais estima ao que he mais raro .  
“ Hum dos lustres dos Seculos famosos  
“ Foi sempre o produzir grandes Poetas ,  
“ E prezáraõ-nos sempre os bons Monarchs :  
“ Concebeo Alexandre inveja a Achilles  
“ Por naõ ter para si hum novo Homero .  
“ Eia pois, faze Tu o que te eu disse :  
“ Dá c' o Rapáz na Eschola, e no Convento ;

“ E, seja Prégador, seja Poeta,  
 “ Seja elle o que for; em todo o caso,  
 “ Como Tu lhe ensinaste o bom caminho,  
 “ Do mal que elle fizer a culpa he sua:  
 “ Em quanto he tempo, accóde-lhe; e naõ tardes,  
 “ \*Porque sempre por via hirá direita  
 “ \*Quem do oppertuno tempo se aproveita”†  
 Assim dizendo, deo hum ai!... profundo,  
 E repetio “ Ai!... de José, se o deixas.”  
 Ao doloroso som dos ais magoados  
 Acordou soçobrado o bom do Ourives;  
 E de-repente pôsto em pé na casa,  
 Os ólhos esfregando, e mui confuso  
 Olhando de-redor, exclama “ He certo  
 “ Tudo isto que eu sonhei, ou he tontice?...  
 “ Seja, ou naõ: vai-me pouco em procurallo.  
 “ Mas, em-quanto eu por fóra ando á pesquiza,  
 “ Talvez que venha algum Freguez á Loja,  
 “ E perco huns tantos reis... Embora perca;

---

† Cam. Lus. C. 1º. Est. 76<sup>1</sup>.

“ Paciencia, antes isto me succeda”  
 Do que fique o Rapáz por-hi perdido.  
 Eilo já surrateiro discorrendo  
 De mangote em mangote de Gayatos,  
 E eis ja o Heróe Jose sobre as orelhas  
 Sente a pesada maõ do Tio Ourives:  
 Grita o Heróe “ A elle, Companheiros,  
 “ Ou vaõ-se-me as orelhas c'os Diabos.”  
 Accode a turba lestes ; mas, olhando  
 Na maõ do Ourives a bengala erguida,  
 (Bem como ante o Rafeiro arreganhado  
 A Matilha dos Gozos ladradores)  
 Tréme, recúa, e pára: o Tio puxa,  
 O Heróe re-dobra com a dor os gritos,  
 Eis surde hum Belleguim “ Largue o Pequeno,  
 “ Ou bato-lhe, c'os ossos na Enxóvia”  
 Mas elle, sem largar, e mui pacato :  
 “ Tenha lá maõ (responde) este Brejeiro  
 “ He meu Sobriaho, que fugio da Terra”  
 “ Pois entaõ, carga nelle” Tórna o Esbirro,  
 E vai virando rumo. Finalmente  
 Ja na Loja o Heróe attento mira

As grandiosas Marujáes fivélas,  
 E outros trastinhos taes, bem pezardoso  
 De naõ poder fazer o que fizéra,  
 E melhor fez depois! Mas senaõ-quando:  
 “ Ande d’ahi, senhor ; venha comigo.”  
 Diz o Tio, e ei-lo ja n’hum Algibebe  
 Ajaesando o Heróe de-ponto-em-branco.  
 “ Agora ha<sup>de</sup> aprender (diz-lhe á sahida)  
 “ Ha-de aprender, ou hei-de derreallo :  
 “ Vamos ja rebolindo, inda hoje mesmo  
 “ Quero que veja as barbas a seu Mestre.”  
 Tal como o disse, o fez ; e no outro dia  
 Já José caminhava impertigado  
 Sustendo no sobaco a ricea pasta  
 Que uzaõ trazer os miúdos Aprendizes  
 Da Cartilha efficaz do Mestre Ignacio.

## CANTO V.

---

MUSA, apára-me a penna mais delgado,  
 Pois tenho d'escrever novas proézas  
 Do Heróe, que, ja das Letras no caminho,  
 Para emendar Camões se vai dispendo :  
 Bem sabes como eu tenho longamente  
 Revolvido memórias, relatando  
 Quanto a Fama tem delle apregoádo,  
 Té que, tapando pela vez primeira  
 Com çapatos de Vacca os calcanháres,  
 Expôz as maõs á rija palmatoria,  
 Entrando com heroica bizarria  
 Do ABC no intricado labyrintho :  
 Tu pois agóra, ó Deosa, me recorda  
 O mais que hei-de narrar ; meu metro aspira,  
 Da-me igual canto aos feitos do famoso  
 Heróe, a quem o Desaforo ajuda ;  
 \*Que se espalhe, e se cante no universo,

\*Se taõ grande vilêza cábe em Verso.†

Passados éraõ já mais de tres mezes  
 Quando o Heróe, cujos téstos milagrósos  
 Saõ d'alta comprehensaõ, ja conhecia  
 Quasi todas as letras salteádas !  
 Chega o tempo fatal de ser preciso  
 De tinteiro e papel o Heróe armar-se,  
 E assentar nas balizas do regrado  
 Com douta maõ a retalhada pluma :  
 Já no adúnco nariz o chôcho Mestre  
 As videntes cangalhas escarrancha,  
 E, sorvendo a pitada, se encaminha  
 Para reger do Heróe a maõ direita ;  
 Mas seu grave Mentor o Desaforo,  
 Em sonóro Mosquito transformado,  
 Tres vezes lhe zumbio pelas orelhas ;  
 E, n'hum dedo, naõ mais, que tem mal-pòsto  
 Dando-lhe huma opportuna ferroada,  
 O compellio com Arte taõ pasmósa  
 Que assentou logo hum traço ; e tal, que o Mestre

† Imitaçãõ de Cam. na Est. 5<sup>a</sup>. do C. 1º. da Lus.

Deo tres passos atráz como espantado,  
 Olhando a perfeiçao, que parecia  
 De antigo escrevedor famigerado !  
 “ Ui ! Senhor (diz-lhe o Mestre) continúe,  
 “ Faça lá outro assim.” Palavras dictas  
 O Heróe, inda có a dor que era influencia,  
 Fez segundo, e terceiro, e foi fazendo  
 Té que o Mestre outra vez lhe disse “ Basta,  
 “ Basta, que estou pasmado ! Quanto podem  
 “ As propensões que a Madre Natureza  
 “ Inflúa, como por força de destino !  
 “ Vejaõ este Rapáz, este birbante,  
 “ Duende, Trásgo, Demonico andante,  
 “ Que, ao vello traquinar pela Cidade,  
 “ Somente lhe suppunha habilidade  
 “ Para andar c'os Gayatos gatunando ;  
 “ Vejaõ este Fradinho de sabugo,  
 “ Antoníco, e Bernardo na agudeza,  
 “ Bôrra em bochechas, Bento no cachaço,  
 “ Franciscano no brio, e Loyo em tudo,\*

---

\* Ninguem se scandalize, que a ninguem he minha intenção  
escandalizar: como Poeta aproveito os Adágios que podem cravar  
a setta no alvo aque endireitei a pontaria.

“ Que taõ pasmôso geito des-envolve  
 “ Para a arte de escrever!”——Neste comenos  
 O fingido Mosquito Desaforo  
 Segunda vez do Heróe mordeo na dextra ;  
 Co’ a mordedura o Heróe desaforado,  
 Dando hum couce maior do que outra Besta,  
 De-repente escreveo... *Camões não presta.*  
 “ Que escreveste, Rapáz de mil Diabos !  
 (Grita o Mestre; azoádo segurando  
 As videntes cangalhas co’ as maõs ambas)  
 “ O que escreveste Tu ! Pois por ventura  
 “ Tu ja leste Camões, ou Tu entendes  
 “ Tudo o que elle escreveo no seu Poema ?  
 “ De nada disso eu sei ; porem lembrou-me  
 (Responde o Heróe) lembrou-me esse tal nome,  
 “ E cresceo-me huma certa vontadinha  
 “ De o descompôr a-torto ou a-direito.\*  
 “ O Rapáz tem Diabo ! (Scisma o Mestre)  
 “ Sem saber escrever, escréve, e logo  
 “ Tal destampo escreveo !... Sáhiaõ já todos,

\* *E indagora assim he ! Bem diz o Adagio : O que o berço dá,  
a cova o tira.*

“ Nem mais huma liçaõ quero dar hoje ;  
 “ Mas tragaõ-me dahi a palmatoria,  
 “ Que quero a este patife dar o prémio  
 “ De descompôr Camões” Todo enraivado  
 Jurando que tres dízias lhe cascava,  
 Já elle sobre o Heróe se engalfinhava  
 Quando batem á porta, e vai entrando  
 O Desaforo, disfarçado em forma  
 De hum velho Funileiro alli visinho ;  
 Homem saõ, e bem-quisto, ainda que era  
 Sebastianista acérrimo, e mui lido  
 Em todas as prophéticas tontices  
 Do Preto do Japaõ, e do Bandarra.  
 “ Cuidei que succedia (diz o velho)  
 “ Nesta casa, visinho, algum desastre !  
 “ Ouvi taõ grande argel!”...Eis logo o Mestre,  
 Enfadado arrojando a palmatória,  
 Responde “ O que ha-de ser, se este Patife,  
 “ Este Alárve, que tudo barafunda,  
 “ Tudo embarálha a ler, taõ bronco, e rudo,  
 “ Taõ besta como hum Macho de Liteira ;  
 “ Este Tarélo, que por vez primeira

“ Inda hoje começava a fazer riscos,  
 “ Escreveo em caracter mui legivel,  
 “ Sem ninguem o ensinar—*Camões naõ presta!*  
     “ Isso, Visinho, he mais que habilidade,  
 “ Isso he prodigo !” (continúa o velho,  
 Arqueando de pastro as sobrancelhas)  
     “ Mas he pouca-vergonha (grita o Mestre)  
 “ Grande pouca-vergonha que hum Tarèlo,  
 “ Sem nem saber qual he a maõ direita,  
 “ Se metta a avaliar o que naõ sabe,  
 “ Nem talvez saberá em toda a vida.  
     “ Pouca-vergonha ! Pois *Camões naõ presta ?*  
 “ Poder-se-lhe-haõ notar alguns defeitos ;  
 “ Defeitos isso sim, que elle era Homem,  
 “ E inda demais-a-mais foi desgraçado :  
 “ Porem quantas bellezas em desconto  
     “ Naõ tem por cada hum dos seus defeitos ?  
 “ Asseguro de mim, que mais lhe encontro  
     “ Quanto mais o re-leio, e mais o entendo ;  
 “ E azéda-me as entranhas dar-lhe chufas  
     “ Hum Badaméco em Letras enfrontado,  
 “ Havendo-o tantos Sabios respeitado.

“ Não se espante, Visinho, não se espante ;  
 “ Que eu, se bem me recordo...e não me engano,  
 (Interrompe o suposto Funileiro)  
 “ Não sei em qual das minhas Prophecias,  
 “ Porem li — Que virá hum Bigorilhas,  
 “ Literário Quixote, que enxovalhe,  
 “ Em phrase de Peixeira ou de Arrieira,  
 “ Todos os firmes venturósos Crentes  
 “ Na vinda do bom Rei que foi a Alcacer ;  
 “ E, desta só loucura não contente,  
 “ Abocanhando com furor canino  
 “ Os grandes Homens das Idades todas,  
 “ Emendará Camões.—Irra ! Visinho,  
 (Torna o Mestre c' o rosto envinagrado,  
 Upas sobre a cadeira dando irado)  
 “ Olhe bem o que diz ; c' os seus Prophetas  
 “ Não me faça ferver mais ágra a bilis.  
 “ Irra ! Emendar Camões ! Inda não veio  
 “ Quem bem o imitasse, e ja espera  
 “ Quem o possa emendar !...Ora, Visinho,  
 “ Arrecáde essas suas Prophecias  
 “ E lembre-se do que hoje prophetizo,

“ Eu, que nem Preto sou, nem sou Bandarra :  
 “ —Este Rapáz ha-de escrever depressa,  
 “ E muito ; porem mal, e a-trouxe-mouxe :  
 “ De forma que será taõ raro achar-se  
 “ Qualquer escripto seu limpo de asneira,  
 “ Quanto he raro no frigido Dezembro  
 “ Abrir o Sol hum dia que assemelhe  
 “ Aqueles formosissimos que estende  
 “ Quando em Abril remoça a Natureza.  
 “ Lér, nunca ha-de ler bem ; inda que lêa  
 “ Com muita correntêza, e muito affinco :  
 “ A mim aquella cára naõ me engana :  
 “ Tôlos saõ todos quantos o parecem ;  
 “ Elle parece-o, hé-o : e embora tenha  
 “ A audacia natural de fallar muito ;  
 “ Porque, quem muito falla, pouco acerta.  
 “ Força hé que pague os altos de-voluto  
 “ Quem tem quasi Cabeça-de-Comarca,  
 “ E de Casmurro-alvár focinho, ou tromba :  
 “ He nos Hómens a cára espelho d'alma :  
 “ Naõ pode ter nos téstos bom miolo  
 “ *Quem tem tanta gordura no cachaço,*

“ Tanta carne cahida sobre os ólhos,  
 “ E taõ nédeas bochechas, taõ roliças  
 “ Que mais parece hum cú do que huma cára.”

Com estas, e outras taes rasões quadrantes  
 Tiveraõ por Camões longo argumento  
 De Sebásticas listras arraiado :  
 Mas, estendendo as azas tenebrósas,  
 \*Ja nisto punha a Noite o usádo atalho  
 \*As Mundanas canceliras, por que céve  
 \*Do doce sonno os membros trabalhados,  
 \*Os ólhos occupando ao ócio dados.†

Rindo do frenesi do chôcho Mestre,  
 Des-enxameára com tropel saltante  
 A inquieta—turbulenta—Rapazia ;  
 E entre as mal-povoadas Taboletas  
 O Heróe, botando a pasto a phantasia,  
 E o renhido argumento recordando,  
 Fez comsigo firmissimo protesto  
 De em redondo—caracter—corriqueiro  
 Acestar a tremenda artilheria

† Cam. Lus. C. 7º. Est. 65º.

**De chúlas phrases, torpes invectivas,**  
**Com que a turba Sebástica arrazásse**  
**Inda mais do que o fica hum Baluarte**  
**\*C'os pelouros que Tu, Vulcano, espalhas !†**  
**E jurou ao Camões hum ódio eterno,**  
**Pois que, sem o entender, lhe hia custando**  
**Huma sóva de Mestra—Palmatória ;**  
**E para des-forrar-se deveria**  
**Dos curuchéos da Fama derriballo,**  
**Ou, pelo menos, sem pudor, tentallo ;**  
**Que sem pudor a tudo se abalança**  
**Impio que a Dita espéra na vingança.**

**Sempre com más lições, e muito estudo ;**  
**Sempre c'o Desaforo ante seus passos ;**  
**E roendo-lhe sempre o fundo d'alma**  
**A caterva infernal, Sócias malditas**  
**Adulaçāõ, Maledicencia, Intriga,**  
**Audacia, Presumpçāõ, Perfidia, Inveja ;**  
**Assim cresceo o Heróe ate á idade**  
**De entrar para Noviço, e foi acceito**

Na Irmandade Agostinha. Oh ! com que gaudio  
*Angélica*, chorando, ouvio a nóva .  
 De que tinha o seu Filho a c'roa aberta !  
 Que honras imaginou, e que ventura  
 Para a sua velhice ! Mas ai ! triste,  
 Que ainda o coraçao naõ conhecias .  
 De teu Filho *José* ! Tu naõ cuidavas  
 Que elle te desse o trato de hum Podengo !  
 Prepára-te, infeliz; terás em-breve  
 Pela experiencia amargo desengano !  
 Desventurada *Angelica*, o teu Filho  
 He da reproba Cáfila daquelles  
 \*Que refusaõ o jugo honroso, e brando :†  
 Naõ lhe esperes emenda, que te illudes ;  
 Ha-de correr seu fado, e o seu castigo  
 Por suas proprias maõs será cavado.  
*José* por ter entrado na clausúra  
 Naõ mudou condiçao, nem pensamentos;  
 E, no encérro do claustro aperreado,  
 Ou pelo largo Mundo desboccado,

---

† Cam. Las. C. 10º. Est. 40º.

Sempre se conduzio segundo o influxo  
 De seu grave Mentor o Desaforo ;  
 Cumprindo tanto a risca os seus preceitos  
 Que o Chéfe da Graciana Fradaria  
 Resolveo de enviar o *Hérte-rapádo*  
 \*A pizar do Mondego a fertil herva :†  
 Do Mondego, onde Apollo, onde Minerva,  
 Des'que reinou Liniz, haviaõ feito  
 Depósito geral dos seus thesouros.  
 Resolveo de enviallo ; mas naõ tanto  
 Das Sciencias no proveito imaginando,  
 Quanto por correcçao, pois que o Fradépio  
 (Ambulante Hospital do mal de Venus)  
 Com roubos, com sortidas, com zizanias,  
 Trazia toda aquella Santa-Casa  
 Como a aréa nos ares revolvida  
 Pela encontrada fúria sibilante  
 Do soberbo Aquilaõ, Noto, Austro, e Bóreas.

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 97<sup>a</sup>.

‡ Por estas taes-e-quejandas habilidades foi J. A. remettido, como preso, para o Collegio de Coimbra.

No fertil, magestoso, e puichro Idioma  
 Do antigo Lácio o Heróe se doutrinava:  
 Ja chega a exame a turba Escholiasta,  
 E o Reverendo-Heróe por seus estudos  
 Obteve em prémio hum Reverendo-R !\*

Mas nem isto o affligio, nem fez diff'rença;  
 Pois visto está que, para ser bom Frade,  
 Naõ se precisa ser bom Estudante.  
 Sem saber o Latim, eis daõ com elle  
 No labyrintho, e escuridaõ sagrada  
 Da melindroza Sciencia Theologia:  
 Aqui cuidou o Heróe fazer maõ-chêa,  
 Porque a Revelaçaõ, e a Auctoridade  
 Lhe davaõ argumentos que excedessem  
 Os da Rasaõ, que elle seguir naõ sabe:  
 Mas ai! que o Theologaõ mal-estreádo  
 Nem ante éstas muralhas accolhido  
 Poude fazer faxina, e áo novo exame

\* No Latim foi reprovado por Fr. Antonio de S. Luiz, como consta do Assento das Matriculas.

Aquentou na bochecha hum R. novo!\*  
 D'entre os Collegiaes nenhum como elle  
 Respondia tão prompto, ou mais affouto ;  
 Mas sendo por ventura perguntado,  
 A que declinação pertence *Oleaster*?  
 Encaixava huma regra de Syntaxe !  
 Se o caso de Susanna lhe inquiriaõ,  
 Vinha com Jezabel, ou com Dalila !  
 Des-enganados do nenhum proveito  
 Que das Sciencias na estrada colheria  
 Este do Desaforo Heróe e Alumno,

---

\* Não há dúvida que foi tambem reprovado em Theologia; nem é admittido a segundo Acto, por que no de Filosofia (a que foi por empenho) sendo arguido por Fr. Francisco de S. Agostinho (por autonomasia o Botão) sobre a imutabilidade de Deos, a resposta concludente de J. A. foi “Pº. Mº. de telhas acima só Deos, e os gatos” Isto consta das Actas do Collegio da Graça em Coimbra; e eis-aqui todos os estudos regulares do Sabichão J. A. de Macedo! Tem lido muito; porem o seu entendimento não tem a força necessaria para dar boa digestão ás ideas adquiridas; e, mingando em principios méthodicos, pode dizer-se, que a sua cabeça he hum armazem onde está tudo a monte: a prova saõ os seus escriptos: J. A. escreve como respondia nas Escholas.

Re-enviaraõ-no em Férias a Lisboa,  
 Donde por suas muitas gentilezas  
 Logo para Leiria o degradáraõ.\*

Musa do Amor, inspira-me os teus Versos,  
 E conta-me a amorosa choradeira  
 Que o degradado Heróe alli fizéra  
 Por huma exp'rimentada Donzellinha,  
 No Convento de Cáz votada a Christo.

A Freirinha, raivosa da clausúra,  
 Dava ao Démo o Convento e a Castidade,  
 Quando entre os concorrentes n' huma grade  
 Lhe deparou Amor no Heróe o Amante:  
 E, mal que elle apontou a vista accesa  
 Para o lascivo peito palpitante  
 Da clausurada Láis, logo a Mestraça,  
 Mil graças dando de Lampsaque ao Nume,  
 Conheceo ter achado o que buscava;  
 Pois de certos signaes que ella entendia  
 Concluiuo que teria o seu Fradinho

\* Tornando em Férias a Lisboa, foi recluso, e logo degradado para Leiria.

De hum Bóde-sementaõ, ou de hum Martinho  
 A desenvòlta-façanhósa-ardencia !  
 E, com meigo sorriso respondendo  
 Ao namorado olhar do *Herbe-matreiro*,  
 Elle todo enfiou, e ella cobrio-se  
 De pejo naõ, mas das vermelhas manchas  
 Com que úsa Venus de tingir as faces  
 Daquellas que se daõ aos seus prazeres.

Oh ! que doces-Freiráticos-collóquios,  
 Que ternas expressões alambicadas,  
 Que juras amorósas re-soáraõ  
 Na primeira que a Sóror deo sosinhas  
 Ao seu Amante venturósa grade !  
 Ella, movendo os ólhos mal-chorósos,  
 Onde scintilla o lume do desejo,  
 Rotos os laços do importuno pejo,  
 Mil amorósas magoas repetia :  
 E, a seu vivo transporte abandonada,  
 O peito nú lhe arfáva suspirando !  
 N'hum tremor de prazer os ais dobrando !  
 Elle, c'o activo cheiro, da cassoula,  
 Os olhos re-virando, abrindo a bocca,

E os membros contorcendo, parecia  
 Asinímo animal virando o beiço  
 Quando o fêmeo vapor lhe dá nas ventas !  
 Quem dizer poderia as mágoas de ambos !  
 Quem poderia expor com próprias tintas  
 As scenas de furor, e de ternura  
 Que alli abrio o férvido Appetite !  
 \*De hum a negra roupeta a dextra léva  
 \*Erguendo-a, e d'outra as fraldas delicadas ;  
 \*Accende-se o desejo, que se céva  
 \*Nas santas carnes com fervor mostradas :†  
 A Sóror toda em ancias se derrete,  
 O Heróe lamprea o Déz, sem largar bôla ;  
 \*E em mais que nas bochechas se suspeita  
 \*Que a côr vermelha tinha desta feita !‡  
 A' quem, e alem das grades á-porfia  
 Corriaõ douss Humanos-chafarizes...  
 \*Mas o que passaõ na manhan, e na sésta,  
 \*Que Venus com prazeres inflammava,

† Imitaçāo de Cam na Est. 71<sup>a</sup>. do C. 9<sup>a</sup>. da Lus.

‡ Imitaçāo de Cam, na Est. 33<sup>a</sup>. do C. 5<sup>a</sup>. da Lus.

\*Inda quem naõ quizéra exp'rimentallo

\*Pôde com-tudo muito-bem julgallo.†

Já do Heróe, santamente namorado,  
 Na rapáda cabeça naõ ferviaõ  
 Outros cuidados mais do que a Freirinha:  
 Porem qual, vendo os pomos, vendo as ágoas,  
 Multiplica os dezejos insoffridos,  
 E arde Tantalo em vaõ por saciar-se ;  
 Naõ de outra sorte o Heroe, alem das grades  
 Vendo tremer os pomos amorósos,  
 E lourejar as messes de Amathunta,  
 Quanto mais o tocallos lhe he defeso  
 Em frenesis de amor mais treme accèso :  
 Até que de suór todo coberto,  
 Espesso o sangue, o hálito apressado,  
 Ancioso em peito, em membros derengado,  
 Da Freira aos meigos ais seus ais prendendo,  
 Com mesta languidêz se recostava  
 Na cadeira, de-longe nada estranha  
 A scenas taes, como esta que passava.

Quantas artes Amor, que audácia inspira  
 Dos seus Heróes no coração, na mente!  
 E que estrondos, que pasmos cuida e tenta,  
 De amor eivada, huma cabeça heroica!  
 A cerca do Convento tinha huns muros  
 Que púnhaõ medo ás pernas mais valentes;  
 E, guardando a hortaliça das Donzelas,  
 Sem corrente, nem trella, nem açâmo,  
 Andava toda a noite fariscando  
 Hum vigilante, râbido Rafeiro,  
 Taõ grande, taõ feróz taõ indomavel,  
 Que, se fosse trilingue, éra hum Cerbéro!  
 Momentaneo silencio que succéde  
 A's fadigas de amor, sublime emprega  
 O Heróe, altas ideas revolvendo;  
 \*E, com novo vigor esparecido, †  
 Começando no rosto a affoguear-se,  
 Limpava o suor, que em bágas lhe corria,  
 Quando abrio elegante estas palavras:  
 “ Isto naõ pode ser: eu arrebento

† Verso de Filinto Elysio, Tom. 5º.

“ Com frenesis, com ancias, com dezejos !  
 “ Quero entrar pela Cerca em alta noite ;  
 “ Quero chegar-te bem, quero hir-te á Cella...  
 “ — Oh! quem déra ! (responde-lhe a Freirinha)  
 “ Mas os muros, e o Caõ, que he taõ raivoso ?  
 “ — Eu sinto hum fogo em mim que me devóra,  
 “ (Insta o Heróe) eu ardo, eu desespero :  
 “ Para me unir contigo nada temo ;  
 “ Os muros saltarei como huma péla,  
 “ E matarei o Caõ.—Mas o Caseiro,  
 (Disse a Sóror ; dizendo, e suspirando)  
 “ Mas o Caseiro ha-de accodir, e pode  
 “ Estender o cajado, e derrear-te ”  
 Aqui ficou o Heróe embatucado !  
 Mas logo seu Mentor o Desaforo  
 Lhe suggerio remedio ; e, mui risonho  
 Encostando-se á grade, assim prosegue :  
 “ Se o Caseiro accodir ao reboliço  
 “ Tu podes serenar a tempestade ;  
 “ E, se o respeito naõ domar o bruto,  
 “ Arranja-te com elle de algum modo,  
 “ E faze-lhe as promessas que quizéres.

\*Meio caminho a Noite tinha andado,  
 \*E as Estrellas no Cœo co'a luz alheia  
 \*Tinhaõ o largo Mundo allumiado,†  
 Quando o Heróe cavalgou da Cerca os muros  
 Com tanta intrepidez, tanto denôdo  
 Como o fez Alexandre em Babylonie !  
 Mas o maldito Caõ, que vêla irado  
 Nem que tivera Satanáz na pelle,  
 Vendo o Ladraõ dos muros pendurado,  
 Descido apenas, investio com elle.  
 O Heróe, que, como Heróe, já por cautella  
 Levava as fortes maõs ambas armadas,  
 E as doutas algibeiras petrechadas  
 Da brejeiral-seixósa-artilheria,  
 Seu antigo exercicio renovando,  
 Começou gentilmente a fazer fogo ;  
 E seu Mentor, os tiros dirigindo,  
 De hum golpe, com que zúne o ar vibrado,  
 Estirado no chaõ deixou latindo  
 O féro Canzarraõ esquadrilhado.

---

† Cam. Lus. C. 2º. Est. 60º.

O animal offendido, e furioso  
 Tanto, e tanto latio, que aos longos échos  
 Accedio o Caseiro ; e, se a Freirinha  
 A correr, e a gritar o naõ previne,  
 O Heróe mamáva huma cruel lombada !  
 Mas, ao santo clamor estremecido  
 Da desvelada Sórora, o Caseiro  
 D' espantado ficou como tolhido !  
 E o Heróe, mal que vio a Freira em campo,  
 Largou armas prudente, e mui ligeiro  
 Ao caminho da Cella metteo pernas,  
 Deixando-a pela forma contractada  
 Para domar o bruto com promessas.

Largos dias o Heróe encovilado  
 Medicou com Freiraticos carinhos  
 Dos dezejos o mal, de amor as febres :  
 \*Porem ah ! que o pezar terá firmeza,  
 \*Mas o bem logo muda a natureza !†  
 E, fosse que o Caseiro, descontente  
 Das promessas da Freira mal-cumpridas,

Divulgasse a nocturna cavalgada ;  
 Ou fosse que a Fortuna, descuidada  
 Da protecção do Heróe, n'alguma noite  
 O expuzesse a alguns óhos espreiteiros,  
 Certo he que á-bocca-chêa se dizia :  
 “ Frey Joze Agostinho de Macedo  
 “ Quasi todas as noites pela Cerca  
 “ Se vai metter na Cella de huma Freira”  
 E foi tanto o rumor que finalmente  
 Tomou cautella a Madre Prioreza ;  
 E o Padre Provincial muito iracundo,  
 \*Vendo estas namoradas estranhezas,†  
 Enviou rapidamente para Braga,  
 Como em novo desterro, o *Heroe-saltante*,  
 De manchada Vestal *rapado Adonis*.

Sobre as azas dos Euros procellosos  
 Dos hórridos trovoens ao som trazida,  
 Pluviosa cerraçaõ, que tolda os Astros,  
 Naõ desce sobre os Mares taõ medonha  
 O coraçaõ dos Nantas abafando,

---

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 122º.

Como esta com que Amor, por vez primeira,  
 Forçosa ausencia o Heróe atormentava !  
 Em mais de trinta legoas de jornada  
 Naõ teve trinta instantes de soego,  
 Que a saudade, e o furor, lhe affugentavaõ  
 Os prazeres de dia, á noite o somno ;  
 E a cada vóz que ouvia ja cuidava  
 Ouvir a sua Freira que o chamava !  
 Terrivel illusaõ ! A coutadinha  
 Tambem se dava a-pérros, derramando  
 De ternissinas lágrimas hum rio,  
 Sem saber com quem tápe, ou como, ou quando  
 O vaõ que *Frey José* deixou vazio !  
 Tudo elle cuida, e naõ lhe vê remedio !  
 Arde, gela, estremece, e desespera,  
 E unicamente a idêa o allivia  
 De achar em Braga o que lhe deo Leiria.  
 Chega em-fim ao lugar do seu destino,  
 E, mudo como hum tronco, apenas sólta  
 De-quando-em-quando huns intimos suspiros,  
 Amargos filhos da custósa ausencia !  
*Naõ achando rasoes, maneira, ou módo*

De alliviar-lhe a pallida carranca,  
 Deixaõ-no só : velóz o tempo voa,  
 E elle, todo embebido em seus cuidados,  
 Sem comer, nem dormir, recorda ancioso  
 \*Doces lembranças da passada gloria :†  
 Té que, ouvindo cahir a mea-noite,  
 Sólta hum agúdo grito, com que todos  
 Québraõ os Frades o pesado somno  
 Com que estendidos santamente roncaõ ;  
 E depois, a gemer, dest'arte exclama:  
 “ Oh ! triste Mea-noite, taõ diff'rente  
 “ Daquellas que eu ja tive ! Que destino,  
 “ Inimigo dos Homens de talento,  
 “ Te affugentou de mim, ditoso tempo ?...  
 “ Começava ind'agora na carreira  
 “ De me fazer famoso, e Amor me abria .  
 “ Os meátos do cérebro estupendo,  
 “ Onde devem ferver-me as Sciencias todas !  
 “ Os prazeres do Corpo alentaõ a Alma :  
 “ Agora aperreado, e consumido

---

“ Terei de recuar meus vastos planos ;  
 “ Nem talvez poderei, como quizéra,  
 “ Pôr do Velho Camões a cálva á-mostra ;  
 “ Nem malhar nos Sebasticos-Devotos ;  
 “ Nem firmar-me no Mundo-Literario  
 “ Assim como no Estreito de Messina  
 “ Latrante Scylla, que ameaça horrenda  
 “ Em seus latidos misero naufrágio.

Cançado de luctar nestas ideas,

\*Os ólhos lhe occupou o sonno acceito :†  
 Eis sahe de se banhar no Phlegethone  
 O Desaforo ; e, abrindo as negras ázas,  
 Orválha sobre o Heróe as igneas ágoas  
 Do flammifero Rio temerôso !  
 Com o orvalho infernal espairecido  
 O Heróe acórda alegre, e vigorôso :  
 Hé outro Homem ja ; ja não o opprime  
 Descahida tristeza ; enthusiasmado  
 Affrôxa a rédea aos férvidos dezejos ;  
 E, graõ Carneiro de Humanas Ovelhas,

---

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 69º.

Fez tal estragaçao no Femeaço  
 Que naõ consta na velha, ou nova idade,  
 Igual façanha de Sultaõ, nem Frade !  
 Mas (prémio injusto de proezas tantas !)  
 Ordem fatal, por brutas maõs cumprida,  
 Sobre os heróicos pés mandou lançar-lhe  
 Pezados ferros, que por longo tempo  
 Cruel lembrança nos vergões deixáraõ !  
 Podre Parelha d'estafado passo  
 Vai rodando a Caléça chocalheira,  
 E o encolhido Heróe de cabiz-baixo  
 Observa os que o rodeaõ vigilantes  
 Airósos Belleguins empavezádos,  
 Que muito honrósamente o accompanháraõ  
 Desde *Bracchara-Augusta* ate Lisboa.\*

---

\* Realmente, a prostituiçao aque J. A. reduziu huma Freira de  
 Cöz, foi, alem de outros, o motivo do seu degredo para Braga ;  
 donde he mui verdade que por seus bons feitos veio de machos  
 aos pés, fechado em huma sége, e cercado de Esbirros ate Lisboa.

CANTO VI<sup>o</sup>.

\*SEMPRE por meio d'horridos perigos,  
 \*E de trabalhos graves, e temores  
 \*Alcançaõ os que saõ da fama amigos  
 \*As honras immortaes, e os gráos maiores ;†  
 E a Prenestina-Deosa tresloucada,  
 Que a bem do Heróe c'o Desaforo havia  
 Da antiga alliança renovado os laços,  
 Posto que cegamente o protegia,  
 Deixáva-o re-cahir nestes fracassos  
 Por fazer inda mais soar seu nome.

Pallido o rosto, e os ólhos encovados,  
 Apenas que chegou o *Heroe Macedo*  
 Foi quasi da Cabeça em direitura  
 Para hum profundo cárcere lançado,‡

† Cam. Lus. C. 6º. Est. 95<sup>a</sup>.

‡ Foi-lhe rasgado o Hábito em plena Communidade, e logo e  
 escarceráõ.

Ao Mundo inteiro, e á luz do Sol vedado ;  
 E onde só em tocando ao Refeitório,  
 Vinha hum Leigo servir-lhe de-má-mente  
 A mesquinha raçaõ taxada, e párrca  
 De mal-guizada, misera iguaria !  
 Mas, quando mais ao-vivo em certo dia  
 N'alma o feria a mágoa do castigo,  
 Leigo nos trajes, e nos gestos Leigo,  
 Em ar mui compassivo, o Desaforo,  
 Depois de o consolar, e encher d'esp'râncias,  
 Ao mais dicto ajuntou este conselho :  
 “ Se Vossa Reverencia muito douta,  
 “ Como he ja bem sabido, tem talentos  
 “ Para abysmar o Muado em Poesia,  
 “ Agora, que esta'qui tanto á-preguiça,  
 “ Porque naõ ha-de aproveitar o tempo  
 “ Emendando os notórios destemperos  
 “ De Luiz de Camões, *Poeta torto*,  
 “ *E todo até o embigo, e os baixos prósa* ;\*

\* Palavras formaes dos Solilóquios de J. A. porque as roubou  
do Hospital das Letras do nosso eruditissimo D. Francisco Manoel  
de Mello, o qual as applicou diversamente.

“ Que fez o Adamastor desmesurado,  
 “ E outras sandices taes, que lhe ganháraõ  
 “ De graõ Poeta sem justiça o nome ?  
 “ Emende-o, e ver-se-há subir na fama  
 “ Como hum Poéta Epico chapado,  
 “ Tendo a gloria de dar á Lusa terra  
 “ Naõ somente a doutrina, mas o exemplo  
 “ De huma Obra perfeita, e acabada ;  
 “ E abrir os ólhos bem a alguns basbáques  
 “ Que o Camões como Oráculo veneraõ.  
 “ O arrôjo he grande, mas a empreza he nobre,  
 “ E a gloria naõ provem de ações vulgares :  
 “ Fite sobre ella as miras do desejo ;  
 “ Para encovar Camões deite-se aos Mares,  
 “ E cante em modo que envergonhe o Tejo.  
 “ Cante, cante, meu Padre encarcerado ;  
 “ Másser o Camões, que he *Cyne derrabado*.<sup>\*</sup>  
 “ Se quer tinta, e papel, eu trago tudo.”  
 Co’ as fumaças da gloria empantufado,

\* Assim o chama J. A. em seus Solilóquios, onde tudo he igualmente judeicioo.

No proposto do Leigo o Heróe consente ;  
 E, com phrase empollada, em pobre rythma,  
 E as Epicas feiçoens arrevezadas,  
 Ei-lo com pluma impávida estirando  
*O Domador do túmido Oceano :\**  
 E aqui lhe foi proveito o amor da Freira,  
 E o caso atroz da deplorada auzencia,  
 Com cujas saudosissimas lembranças  
 Concebeo o ternissimo Episódio  
 Da sua infesta Ignez, que taõ mocinha,†  
 Por amor de hum Bargante-embarcadíço  
 Despenhada do pico de hum rochedo,  
 Teve o bom-gosto de dar pasto aos peixes ;

---

\* Primeiro Verso do chamado *Poema Gama* de J. A. e taõ túmido como as suas bochechas : he por isso contra a regra da simplicidade na exposição, practicada por todos os bons Poetas ; porem J. A. naõ he desses.

† Esta Ignez de J. A. era huma guápa Mocetona, Amante de hum dos Aventureiros do descobrimento da- India ; e, vendo que elle lhe abâlava, foi-se pôr sobre hum penedo, declamando mui doutora, com muitas fúrias, imprecações, e amores alambicados, e delambidos, e atirou comigo ao mar, e foi-se. Porque ? Porque morreo : mas, a-pezar de ser boa Moça, e morrer desastrosamente, provoca tanto a riso, quanto a Ignez de Camões excita ao pranto.

Qual por Phaon se mergulhára outr'ora  
 Louca de amor de Lesbos a Cantora !  
 Já por mar-largo navegava o Gama,\*  
 E o Heróe-Cantador ao Navegante  
 Mais alto que o Camões noventa braças  
 Tentava sobre a Fama encavalgallo :  
 Bem era dentro n'alma persuadido  
 De que lhe falecia a força idónea  
 Para aos hombros tomar taõ grave empreza ;  
 Bem lhe accusava a inquieta Consciencia  
 (Mudo Censor a que ninguem se escusa !)  
 Que elle era no saber, e nos talentos  
 Taõ menor de Camões, quanto nas forças  
 Hé menos do que hum Boi huma Formiga :  
 Mas as Sócias fieis do Desaforo  
 Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,  
 Audacia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja,  
 Laborando-lhe sempre no bestunto,

---

\* A relambória Ignez mergulhou-se no fim do 2º. Canto, e he quando J. A. pôz o Gama fóra da barra de Lisboa; querendo, como gravíssimo Poeta, guardar proporçaõ entre a longura da viagem cantada, os preparativos da apoadura cantante.

1

Varriaõ-lhe o temor pelo dezejo  
De fazer o seu nome bem fallado ;  
Embora o fosse com geral desprezo,  
Embora a maldiçaõ fosse o seu fado :  
E ás-vezes que o receio lhe affroxava  
O indiscreto correr da leve pluma,  
Logo ellas porfiando lhe bradávaõ :  
“ \*O’ Padre, d’escrevente fortaleza,  
“ \*Da determinaçao que tens tomada  
“ \*Naõ tornes para tráz, pois hẽ fraqueza  
“ \*Desistir-se da cousa começada. †  
E o Padre c’o conselho perigoso,  
Que as bôlhas da philaucia lhe empollava,  
Alentando a Gami-Epica mania,  
Em sentenças mui vaõ, mas mui verboso,  
Sesquipedal, monótono entoava  
Puxádas trinta oitavas cada dia !  
  
Passava hum dia, huma semana, e outra,  
E o Padre insistindo em tello preso :  
Em vaõ busca amparallo alta Colúmna

---

† Cam. Lus. C. 1º, Est. 40º.

2

A quem delegou Pedro a piedade ;  
Contra ella, para exemplo dos culpados,  
As justicósas Leys appella o Claustro.\*  
Geme encerrado o Heróe fazendo oitavas ;  
E, ardendo em comichaõ escrevedora,  
Tinha, dado á munhéca taõ ligeiro  
Que, em sons rouquenhos d'Epica-Bandúrria  
Nesciamente narrada a graõ viágem,  
Com mérito nenhum, trabalho pouco †  
Ja tinha em Caleout surgido o Gama.

Soberbo co'as oitavas que abortára  
Pula em todos os pés o *Heróe-cantante*,  
Mais que nunca no cárcere insoffrido  
C'o dezejo de andar no Mundo ás-soltas

---

\* O Nuncio quiz valer-lhe ; mas os Padres obstáraõ, interpondo recurso na Coroa, e ultimamente o abandonáraõ á Justiça Secular,

† Com merito nenhum, trabalho pouco—porque o Infante D. Henrique, descido do Céo em socorro do Gama, lhe ordenou toda a derrota, e lhe predisse o bom exito da viagem : e de modo fez J. A. nullo o caracter do Gama, que nada intentou per si, e que com taes certificados bem podia dormir descansado, e a somno-solto, como parece que dormio pelas muitas vezes que sonhou no *seu Poema* !

Seus cascavéis-poéticos tinhindo  
 Nos mui raros ouvidos que aturassem  
 A inefável leitura de seus cantos :  
 Cantos no horror de hum cárcere parides,  
 E á tréva maternal tão parecidos !†  
 O' Socia valedóra em meus trabalhos,  
 Que tantas vezes com teu mimo adócas ;  
 O' Deosa que me dás as setas de ônus  
 Com que, ferindo no alvo da virtude,  
 Lhe multiplio o resplendor da glória ;  
 E que me dás o raio, a plúmbeas setas  
 Com que, dos montes da insolencia, abýsmo  
 No ludibrio os Phantasmas da Ignorância !  
 Não desfalleças, festival Camena :  
 Repinica-me os Delphicos adúfes,  
 E entoá com desgarré, e desempeno

\* Que J. A. zangarreou o Gáma estando no cárcere, elle proprio o confessá no C. 10º, quando diz

*Privado d'alma luz doce, e serena,*  
*Entre ferros a vida atormentada,*  
*Foi meu alento divinal Poesia,*  
*Como a Beécio o foi Píldonha.*

Huns taõ lépidos versos, taõ facetos  
 Que ao vivo exprimaõ o risivel modo  
 Com que o Heróe se evadio do captiveiro :  
 Dirás depois os nobres exercicios,  
 E os mais pasmósos feitos que fizéra  
 Ate que da Fradesca impertinencia  
 Por Decreto Real se vio liberto.

Estava elle huma tarde mui calmosa  
 De-cóstas sobre a barra, come outr'ora  
 Costumava estirar-se o graõ Martinho ;  
 Com o hábito singélio sobre os couros,  
 E esse mesmo abanando arregaçado ;  
 Venus todos seus membros inflammava,  
 Era todo elle na quentura hum forno ;  
 E, a turva phantasia rescaldada  
 De amorósas ideas enleando,  
 Nas futuras conquistas cogitando  
 As vindouras batalhas guerreava !  
 Mas vendo o Desaforo o tempo idóneo  
 De elle never despir Fradescos trajos,  
 Deo-lhe hum violento assôpro na cabeça,  
 Deo-lhe outro no vazio “ Ai ! ai ! que dores !”...

Grita o Heróe todo elle resolvido :  
 Dóe-lhe a barriga, e fervem-lhe os miólos  
 Em hum feliz tropel de alicantinas,  
 Todas co' mui louvavel pensamento  
 De se escapar do cárcere, espalhando  
 Pelo espaçoso Mundo os seus feitos :  
 “ Eu necessito de tres couzas humas,  
 (Disse consigo o Heróe barafustando)  
 “ Seducão; ou prisaõ, ou morte aô Leigo;  
 “ Mas, para o seduzir falta o dinheiro,  
 “ Ariete que força as portas todas :  
 “ Para o matar, ha risco de accodirem ;  
 “ E, posto que as Theólogas-Pessoas  
 “ Não possaõ ser na Força penduradas,\*

---

\* Reinando o nosso D. Pedro Primeiro, hum Clérigo pensadamente matou hum pobre Pedreiro; e, sendo o matador (segundo a usual piedade do Clero) pelo theor da sentença meramente inhibido de exercer os Ministerios sagrados, o Rei occultamente ordenou a hum Filhardo tal Pedreiro, que matasse o matador de seu Pai; o que feito, logo o Moço Pedreiro foi preso, e sentenciado com pena ultima : entaõ o Rey “ Eu quero justiça igual : (disse) o Pedreiro, assim como o Clerigo, deve ser privado do exercicio das suas funções” e assim o deo solto, e livre com huma pensaõ bastante

“ Ainda que o mereçaõ mais que muitas  
 “ Que là vaõ pernear ; sempre me exponho  
 “ A ver-me em mais masmorra, e mais aperto,  
 “ Onde talvez nem tenha o desafogo  
 “ De arrebeçar meus Epiços embrulhos.  
 “ Se eu pudesse prendello éra huma mina !  
 “ Se eu pudesse...mas tá, que dei na fina :  
 “ Tomára-o ja pilhar.” Neste comênos  
 O Leigaça, na forma do costume,  
 Dos feijões a tigella lhe trasia :  
 Mal que o sente as çapatas arrastando,  
 Como hum Touro no curro, o Heróe coméça  
 A urrar, gritando c’humas dôr fingida :  
 Apressa o Leigo o passo, e entra espantado :

**LEIGO.**

“ Padre Mestre, o que tem ?”

**MACEDO.**

“ Ai ! ai ! que morro :

para sua sustentaçãõ. Bom seria que houvessem, mais Reys Pedros ;  
 e hem éra que quem tivesse as mãõs profanas, naõ tivesse o pescoco  
 sagrado.

“ Eu não resisto à dor.”

**LEIGO.**

“ Hé na barriga ?”

**MACEDO.**

“ Hé na barriga, sim : ai ! que arrebento.”

**LEIGO.**

“ Diga o que quer tomar ?”

**MACEDO.**

“ Quero o bispote,

“ Dê-mo cá ja depressa.”

**LEIGO:**

“ Onde está elle ?”

**MACEDO.**

“ Aqui, aqui debaixo : ai ! minhas tripas !”

Em taes dictos, e pressas sogobrado

O Leigo ora vereis pôsto em joelhos,\*

\* Quem não quizer ler óra por agora, nem joelhos por jõe por ser drógas da antigualha, leá

Vereis agora o Leigo de joelhos

e, repetindo hum e outro Verso, conheceraõ quão pouco basta muitas-vezes para melhorar a euphoría Métrica.

De-meio-corpo-acima ja mettido  
 Por debaixo da barra, procurando  
 O pedido urinol... Tempo opportuno  
 Para qualquer das suas traficancias  
 Nunca este Heróe perdeo : mal viu que o Leigo  
 Naõ poderia levemente erguer-se,  
 Salta da cama, sáhe-se da masmorra;  
 Fecha a porta traz-si, dá volta á chave,  
 Deixa o Leigo encerrado, e mette pernas,  
 Com tanta rapidez nos calcanhares  
 Como em campina rasa, estrada aberta  
 Huma Lebre dos Galgos acoçada ;  
 Ou como, c'o funil atado ao rabo,  
 De orelhas baixas, e ganindo hum Gôzo  
 Fóge da grita de folgoens Brejeiros ;  
 Até que ancioso, trémulo, esbofado  
 Fez alto, olhando em-roda a tomar folgo  
 De Santa Clara no vistoso Campo.

A vida dos Heróes sempre se téce  
 De arrevezados lances: como o adorno  
 Que elle melhor levava, éra nos hombros  
 Hum cobertor de pépa mui currado

E hum lenço pelas frontes amarrado,  
 Para tapar a c'roa ; a Rapazia  
 Começou de apupallo como doudo ;  
 E, jogando-lhe á Torre-do-Piolho,  
 De algum malhaõ talvez lha derribassem,  
 Se os Lacayos de hum Grande o naõ levassem  
 Acolhido á decencia de hum palheiro.\*

Farto de palha, e de temor curtido,  
 O acobertado-Heróe a cada instante  
 Cuida escutar os Frades c'os Esbirros  
 Clamando “ He elle, bótem-lhe os anginhos,  
 “ Que hum cárcere perpétuo o está chamando.”  
 Mas eis que hum Mocho lhe recorda orneando  
 Os sons que taes-e-quaes garganteava  
 O seu Burro em Cassilhas predilecto ;  
 Oh ! de que affectos a alma se lhe enlæa !  
 Naõ foi de Midas ao orelhudo ouvido  
 Do capri-pede Pan na gaita agúda

\* Dizem que J. A. quiz matar o Leigo Carcereiro; e ultimamente fechou-o, efugio, como digo, ate ao campo de S. Clara, onde o recolheraõ os Lacayos do Marquez do Lavradio.

Mais grata n'outro tempo a tangedella !  
 Momentaneas gozou ideáes delicias ;  
 Mas logo sobre opeito palpítante  
 A tromba amazorrado descahindo,  
 Cruzando as maõs, e os hombros encolhendo,  
 Arrancou dous suspiros de saudade  
 Por sua burrical, brejeira vida,  
 Como os Judeos outr'ora no deserto  
 Dos Pharaós o jugo suspiráraõ :  
 “ Oh ! quem me dera (discorreo gemendo)  
 “ Quem me déra, de Burros Presidente,  
 “ Ver-me outra-vez senhor de trinta albardas !  
 “ Que antes ser Burriqueiro venturoso,  
 “ Que ser Frade, ser Sabio, e desditoso.”  
 Nestas nobres ideas embebido,  
 Ergueo-se a ver se o Macho em formusura  
 Igualava tambem o seu Burrinho ;  
 Achou porem que apenas lampejava  
 Com tibia luz a sórdida lanterna :  
 Vai a aticalla...eis salta na grizeta,  
 Do tamanho da lúz que nella ardia,  
 Hum Negrinho ; e ligeiro atica, e volta,

E sahe, e cresce !...O Heróe de assombro cheio  
 Não falla, nem se move, e a força toda  
 Dos mais sentidos no da vista apúra :  
 Sabia bem (pois ja na quelle tempo  
 De muito poucas couzas não sabia !)  
 Sabia bem que há Trasgos, que há Duendes  
 (Em mui redonda letra acreditados  
 Por malignos Ministros do Carôcho)  
 E hum Trasgo presumio o tal Negrinho ;  
 Porem elle cresceo, cresceo, e fez-se  
 Tamanho Negralhaõ que topetava  
 C'o revolto cabello pelos tectos !  
 Da cabeça nos hombros lhe descia  
 Derrubado chapéo que lhos cobria ;  
 Vermelha cinta o ventre lhe apertava ;  
 E, compassadamente repicando  
 Os roucos sons de bestial chocalho,  
 Saccodio doux estouros de hum vergalho,  
 E ao terceiro, cingindo-o nas costellas  
 Do estremecido Heróe, largou-lhe os trastes,  
 E desappareceo dizendo-lhe—— Arre.  
 Não sabia o Heróe qual era o Nume

Que lhe fazia o dom ; mas, recordando  
 As visoens, e os influxos portentosos  
 Com que ja tanta vez sahio de apertos,  
 Naõ duvidou que o Negralhaõ seria  
 O Genio-Tutelar que o defendia ;  
 E vendo nos aprestos claro indicio  
 Do Arrieiral-convite, resolveo-se :  
 Armado como o Negro, e muito airôso  
 O Sócio cobertor montando ás costas,  
 E'os braços a remar, e a passos largos  
 Ei-lo arripia o cónigo caminho ;  
 Ei-lo vai do frugi-fero Alem-Tejo  
 Pela pulverulenta estrada estuósa  
 Correr parelho a Arrieiral-Mestrança ;  
 Arte mui comesinha aos seus talentos,  
 E em que houvéra talvez de ter bons lucros,  
 Se o sestro de furtar lhos naõ agoasse.

## CANTO VII.

---

DESDE que o Mundo he Mundo houverão sempre  
 Para os grandes Heróes prodigios grandes.  
 Hia o terceiro Sol subindo a-pino  
 Depois que, muito lesto chouteando  
 Ao som teimoso do chocálho andante,  
 O disfarçado Heróe todo garrido  
 No Alem-Tejo campava ja famoso  
 De bestias-Partidas Commandante :  
 O Alem-Tejo no ardor, e nas aréas  
 Imita os climas áridos da Lybia,  
 Pela Tórrida-Zona effervescidos :  
 Tangendo mais de hum Macho, que gemia  
 Com carga de arriscado contrabando,  
 Que a hum certo Doutor Mendes pertencia,  
 Apertou-lhe o calor : perto da estrada  
 Ruinoso resto de hum Palacio antigo  
 Nos rotos tectos off'recia abrigo

---

Contra as settas de Phebo igni-spirante;  
 Alli pouavaõ Aves agoureiras  
 Que aborrecem a luz, e as trevas amaõ;  
 E acoutavaõ-se alli algumas daquelles  
 Homens que velaõ quando os outros dormem;  
 Naõ a indagar das Sciencias o thesouro,  
 Contemplar em silencio Natureza,  
 E dar ao bem-geral vigiliaas suas;  
 Mas para despojar, talvez matando,  
 Quem góza em santa páz os bens havidos,  
 Ou quem, para os haver, trabalha, e cança!  
 Para alli o Héróe curvado avança,  
 Puxando a récua d'arreáta aos-hombros;  
 E, o trem condicionandò entre paredes,  
 Buscou onde melhor, mais ao comprido,  
 Quamanhos saõ, os óssos estirasse:  
 Foi dar n'hum quarto, que, inter-médio aos ou-  
 tros,  
 Só recebia a luz que lhe emprestavaõ;  
 Tropeçou, e cahio: c'o estrondo erguidos  
 Morcegos, Mochos, Noitibós, Corujas  
*Eis-lhe por-de-redór piando esvoaçaõ;*

Açoutaõ-lhe co'as azas as bochechas,  
 Que desde entaõ, ardidas, lhe ficáraõ  
 Vermelhas como hum par de betarravas ;\*  
 Férraõ-lhe huma picada pela esquerda  
 Na cavidade entre o nariz, e a face,  
 E alli se lhe gerou torpe verruga  
 Que ind'agora o caraõ lhe recomenda.†  
 Atordoado o Heróe, fugio clamando :  
 “ Maldito sejas Tu, e o contrabando,  
 “ Maldito sejas sempre, ó Doutor Mendes ;  
 “ Tu hes a causa desta corriola,  
 “ Porem eu te protesto ódio, e vingança.”  
 Como o Diabo outr'ora na Serpente  
 Para fazer cahir nossa Mãe Eva,  
 Assim o Desaforo, e as Sócias suas  
 No corpo destas Aves se infundiraõ  
 Para enraivar o Heróe : daqui viéraõ  
 Todas as insolentes parvoices  
 Chusmadas na galé dos seus Folhetos

\* J. A. traz sempre a cara, naõ córada, porem assogueada.

† Tem-na pela tamanho de hum graõ de milho.

**Contra o Auctor de *Mendes*, que ind'agora  
Amuáda Thalia em Lysia chóra.\***

Seu heróico andamento, e seus progressos  
 Seguia longamente o Desaforo ;  
 E huma das muitas aziágas horas  
 Em que hia mui de tromba, e mui chofrado  
 Porque o pilháraõ n'huma ladroeira ;  
 Com hum longo bordaõ, barbas crescidas,  
 Ruço chapéo, e capa remendada  
 (Como usaõ caminhar os ja Mestraços  
 N'arte chorôna de pedir por portas)  
 A passos muito graves caminhando  
 Com mui sisudo gesto se apresenta,  
 Praticando ao Heróe desta maneira :  
 “ De que vai triste Irmaõ ? Naõ se esmoreça :

\* Antonio Xavier, desgraçadamente para o Theatro Cómico Portuguez, fallecido na flor da idade : foi elle Autor de huma Farça (alem de outras) intitulada—Manoel Mendes—obra excelente naquelle genero ; e de varias Comedias, as quaes, naõ obstante alguns defeitos, atestaõ por suas bellezas os muitos talentos de seu Autor : J. A. de todas disse mal, e tudo abocanha nos diversos, e indigníssimos Folhetos em que tem babado as raias de seu nescio orgulho.

“ Muito vérgaõ trabalhos ; mas ás-vezes,  
 “ Quando mais a Desgraça nos persegue,  
 “ Entaõ mostra a Fortuna os seus poderes ;  
 “ E prisoens, nem degredos, nem fugidas  
 “ Naõ podem aterrar a quem de longe  
 “ Tem seu animo posto a couzas grandes.”  
 Com esta introducção o Heróe pasmado  
 Logo crêo que naquelle capa parda  
 Mui grave Personagem se encobria !  
 Mas bem como hum Rapaz (índia que o caso  
 Succede muita vez com gente grande)  
 Sabendo por ventura algum segredo,  
 Pungido do desejo de contallo,  
 E retido por medo de huma sóva,  
 Vai a querer fallar, e balbucia,  
 Chega-se agora, e logo se desvia,  
 Lança os ólhos d'esguilha, ri-se, e rosna,  
 Dá mil voltas sem tino, e anciôso argueja ;  
 Por arte similhante o Heróe banzando  
 O que diga naõ sabe, ou que resolva :  
 Notando seu soçôbro, o Desaforo  
 Assim prosegue “ Irmaõ, naõ se azaranze ;

“ Arréde os sustos de enfuscado enleio,  
 “ E confie-se em mim, que o amo a-peito :  
 “ Naõ lhe digo quem sou, nem he preciso ;  
 “ Mas digo-lhe que Vossa-Reverencia  
 “ Naõ tomou bom mistér no de Arrieiro,  
 “ E que eu posso accodir-lhe em seus trabalhos,  
 “ Se quizer acceitar os meus conselhos.  
 “ Seus incómmodos tem, mas tem proveitos  
 “ A sempre ociosa vida de hum Mendigo ;  
 “ Encolhido no manto da Pobreza,  
 “ Só capa alcança o que lhe fôra p'rige  
 “ Se o litigasse ao brilho da Affouteza.  
 “ Por tanto, mude traje, e tome tento,  
 “ Siga meu norte, e ganhará fortuna.”  
 O Heróe, que vê seus feitos ja sabidos,  
 Téme de estimular o Conselheiro ;  
 E, volvendo mil cousas no sentido,  
 Assim responde “ Eu estarei por tudo,  
 “ Mas o que hei-de eu fazer ? Por toda a vida  
 “ Andarei nesse cáhos de remendos  
 “ Desconhecido á Fama, ignoto ao Mundo ?  
 “ Eu tinha projectado fazer bulha

“ Entre os Homens de Letras, escrevendo  
 “ Mais obras do que dá hum Bode espirros,  
 “ Posto que cada huma das taes' obras  
 “ Naõ valha mais que o espirrar de hum Bode.”  
 Qual caõ goloso d'entre os dentes d'outro  
 Safa, rosnando, o osso engordurado,  
 Tal, nos beiços tomando-lhe a palavra,  
 Inda apenas o Heróe—Bode—dizia ;  
 “ Tudo isso eu sei (o atalha o Desaforo)  
 “ E tudo assim será : maz, porque tenha  
 “ O seu devido effeito esse dezejo,  
 “ Mude de traje, venha ate Lisboa,  
 “ E terá no Convento dos Paulistas  
 “ Por minha intervençaõ bom gazalhado.\*  
 “ Naõ se envergonhe de vestir farrapos :  
 “ Vergonha he hum Phantasma, que se enxota  
 “ Por qual quer precisaõ : a vida Humana  
 “ He toda sustentada pela industria ;

\* J. A. depois que fugio do Cárcere, andou de Arrieiro na estrada do Alem-Tejo; voltou a Lisboa disfarçado em trajes de Mendigo, e esteve homiziado no Convento dos Paulistas.

“ Quem industria naõ tem, naõ tem juizo ;  
 “ E o juizo he moldar-se ás circunstancias,  
 “ E, de qualquer que vem, tirar proveito.  
 “ Com Séneca pregar, ser Sybarita ;  
 “ Ostentar de Cataõ, e ser Sejano ;  
 “ Cúrcio louvar, seguindo Coriolano ;  
 “ Dar mostras de ser Tito, e ser hum Nero ;  
 “ E de Numa affectar sendo hum Mezencio,  
 “ Eis-aqui cinco illustres Mandamentos,  
 “ Eis-aqui o segredo milagrôso,  
 “ Se naõ de ser feliz, de ser famôso.”

Nestes, e taes conselhos embebido,  
 Já de bom-grado o Heróe todo se arrêa  
 De vestes Mendicantes, e caminha  
 Com o Irmaõ-Desaforo, practicando  
 Sobre as suas passadas aventuras,  
 Sobre as que mais teria, e mais que tudo  
 Sobre o *Poema-Gama*, obra que teve  
 Do Sócio—Desaforo inteiro aplauso ;  
 Com balôfas sentenças Aristarchas  
 Notando largamente os disparates  
 Que o Camões produzio no seu Poema,

Na divina Lusiada, há tres séculos  
 Admirada, re-lida, e decorada  
 Geralmente por doutos, e naõ-doutos ;  
 Que as aureas explosões do altivo Engenho  
 Férem até nos ólhos da Ignorancia !  
 E as taes observações, e mil diversas  
 D'igual jaéz, e cunho venerando,  
 Tanto o Heróe as tomou, sem perder péla,  
 Que assim as tem lançado em seus canhenhos.

Mas ja na Portaria dos Paulistas  
 Os dous falsos-Mendigos, mui sisudos,  
 Espérao a caldenta carridade ;  
 E, porque o Desaforo hia ageitado  
 Ao modo de hum Mendigo com quem tinha  
 Devoçaõ hum dos Leigos do Convento,  
 Em louvor do seu Santo lhe pedia  
 Que désse á quelle Irmão naquelle noite  
 Occulto gazalhado, e ao outro dia  
 De todo o caso elle a razaõ daria.

Agazalhado o Heróe, segurô, e farto  
 Dormio, sem lhe importar que o mar roncasse :  
 \*Porem tanto que lasso sé adormece

\*Morpheo em varias formas lhe apparece:†  
 \*Aqui se lhe apresenta que subia‡  
 Para huma fui formosa Livraria ;  
 E logo vê na Loja de hum Livreiro  
 Hum Mulato, que vende certos Livros,  
 E que vólta a entregar-lhe o seu producto :  
 Estendendo-se ancioso a recebello,  
 Quebra os laços do sonno, e fica parvo  
 Naõ vendo livraria, nem dinheiro !  
 \*Cuida que naõ he mais que sonho usado,  
 \*Torna a dormir quieto, e socegado ;§  
 Mas outra vez os sonhos lhe afiguraõ  
 O mesmo tudo, e d'igual modo accorda !  
 Aborrece-se, emenda a cabeceira,  
 E torna a adormecer ; e ainda torna,  
 Por vez terceira, a succeder-lhe o mesmo !  
 Entaõ érgue-se, pensa, e acredita  
 Que há mysterio no sonho ; e nesta idea

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 68º.

‡ Cam. Lus. C. 4º. Est. 69º.

§ Cam. Lus. C. 8º. Est. 48º.

Sabiamente, a seu modo, discorrendo  
 Tanto se envolve al-fim que perde o sono.  
 Nem se enganou o Heróe, nem creõ de lève  
 Que fôra o sonho seu mysterioso :  
 Para os Heróes os sonhos saõ prelúdios ;  
 Dest'arte o Desaforo lhe influia  
 O que alli mesmo practicar devia.

\*Rompendo pelo Ceo a Mây formosa  
 \*De Memónio, suave, e deleitosa,†  
 Eis vem ter o Mendigo verdadeiro  
 Com o Leigo-esmolér, que em-continente  
 Ao seu cuidado-Irmaõ vai conduzillo ;  
 E oh ! que jocósa scena alli se rompe !  
 Pede o Leigo a razaõ do caso todo ;  
 Relata o Heróe mil couzas, recordando  
 Quanto passou c'o Sócio-Desaforo ;  
 E o Mendigo, escutando estupefacto  
 O verbòso aranzel de acções naõ suas,  
 Nega a-final ter sido companheiro  
 Daquelle gordo-grúlha, ou ter sabido

† Cam. Lus. C. 9º. Est. 51º.

Das cousas que dizia, e muito menos  
 Das mais de que a razaõ lhe pede o Leigo !  
 O Heróe, de tal resposta estimulado,  
 \*Hum pouco carregando-se no vulto,  
 \*Dando mostra de grandes sentimentos,†  
 O bordaõ mendicante erguèo raivoso ;  
 E, hindo a descarregar, achou d'encontro  
 O outro bordaõ rival : accode o Leigo,  
 Para dar, e tomar razões sobejão,  
 E rompem todos tres n'huma algazára  
 Que nem que os investisse hum Caõ-damnado !  
 Eis-aqui por quaes artes naõ cuidadas !...  
 A Fortuna protege os seus mimósos !  
 Foi ella que enviou neste entre-mentes  
 A' quelle sitio hum Padre do Convento,  
 Que ao sarrabulho accode, entra, e conhece  
*Frey Jose Agostinho de Macedo* !  
 E, sem mais inquirir o que he passado,  
 Léva-o comsigo só; e seus Confrades  
 Tanto os move a Fortuna, que concórdaõ

---

Em consentir o Heróe homiziado.

Porem elle, que nunca do sentido  
 Se lhe varria ó sonho das tres vezes ;  
 Em tomando confiança, pedio lôgo,  
 Que o deixassem entrar na Livraria  
 Qualquer occasião de noite, ou dia  
 A ver, e a revolver quanto quizesse,  
 Pois quer aproveitar no estudo o tempo  
 Que entre aquellas paredes se acoutava :  
 De boa-mente os Padres lho concédem,  
 E mais por verem que de-affinco ás vezes  
 N'hum dia hum grande Livro devoráva,  
 E n'outro dez quadernos escrevia !  
 Ja, do bôlo senhor, o Heróe levava  
 Livremente alguns livros para a cella,  
 Os Padres engodando co'as amostras  
 Dos fructos que bretava o seu talento :  
 Hoje hum livro de Horacio traduzia,  
 E amanhaã dous mil versos da Thebaida !  
 Té que hum dia amostrando o seu Poema,  
 Nescios lho appróvaõ, Sabios lho rep'rendem :  
 Mas elle entaõ, parar córar o arrèjo,

Fez huma cousa arremedando a Ode,  
 E chamou-lhe Pyndárica, dizendo  
 Que louvava o Camões ; posto que ao vella  
 Pode mui justamente duvidar-se,  
 Se quiz louvar Camões, se a si louvar-se.\*

Assim passava, quando por acerto  
 Foi dar de-cara-a-cara nas cloácas  
 C'hum Homem, cuja cor de saragoça,  
 Cujas feições, e gestos eraõ todos  
 Daquelle que por sonhos vio tres vezes  
 Dar-lhe o dinheiro dos vendidos livros :  
 O Heróe com muito heroica retentiva,  
 \*Depois de ter hum pouco resolvidof†  
 Na mente o sonho todo, e seu mysterio ;  
 Reconhecendo o tétrico vidõnho,  
 Endireita-se a elle mui risonho,  
 E diz-lhe varias cousas, concluindo

\* Haja vista á tal chamada Ode Pyndarica, impressa junto ao Poema Gama ; e, se he verdade que ex dígito Gygas, pela Ode poderá avaliar-se o Poema.

† Cam. Lus. C. 9º. Est. 19º.

Que fosse á sua cella ; por engodo  
 Dando-lhe alguns vintens, saudoso resto .  
 De quantia maior, de harto dinheiro  
 Que na estrada ganhou como Arrieiro.  
 O mofino Dinheiro vence tudo !  
 E o fúlo Malandrino, aliciado  
 Pelo primeiro intróito, he logo prompto  
 Para os livros vender que o *Vate Ex-Frade*  
 Furta com estro Épico-gatúno :  
 E ja, de huma janella pendurados,  
 Calcorria com elles por bom preço,  
 E huma vez, e outra vez, vai, vende, e torna  
 Para a Loja do *Rey*, que em tempo avante  
 Foi forçado a repôr. Porem no-em-tanto\*  
 A Fortuna, lembrada do contracto  
 Que celebrou c' o amigo Desaforó,

\* Realmente o Livreiro *Rey*, que (sem saber cujos elles eraõ) comprou os livros que J. A. furtou dos Paulistas (e os quaes, como digo, pendurados de huma janella em hum cesto, elle os passava a hum Mulato, que os hia vender,) teve de os repôr, e perder o seu dinheiro ; por que J. A. ainda naõ quiz, ao menos na parte possível, emendar a patifaria, pagando huma dívida tão desaforadamente contrahida.

Achou assidua intercessão pod'rosa:  
 Com que poude mover pela piedade  
 O Regio Coraçāo, nada informado  
 Da usual-rapinante-habilidade  
 Do fugitivo Heróe homiziado,  
 Que sahio, por Decreto, sólto, e livre ;\*  
 Salvo dest'arte ás únhas vingativas  
 Do graõ Provincial dos Agostinhos.

---

\* J. A. Sahio por hum Decreto da Senhora Dona Maria Pri-  
 meira, e só entaõ he que os Padres deixáraõ de o perseguir.

FIM DO 7º CANTO.

## CANTO VIII.

\*DE tamanhas victorias triunfava †  
*O rapinante-Heróe Poeta-Ex-Frade,*  
 Quando, por vez primeira, de casácea  
 Apparèce em Lisbña, mui lampeiro  
 Bairro-e-bairro correndo, e rúa-e-rúa,  
 Como corre hum Podengo mouta-e-mouta  
 Ao fáro de cevar em sangue os dentes :  
 A vida era folgada, mas a bolsa  
 Ja folgáva demais, que os vintensinhos  
 Da muito dizimada Livraria .  
 Quasi ao ultimo X. eraõ chegados !  
 Porem como em seus últimos apúros,  
 Quando mancáva em arte o Desafório,  
 Sempre a Fortuna lhe estendia ampáro ;  
 A túmida bochêcha enveraizando-lhe

---

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 83º.

Da complacencia c'o affectado júbilo,  
 Deo-lhe ázo de se unir aos Editores  
 Do copioso Jornal-Encyclopédico ;  
 Naõ como Sócio-Autor (que nenhum delles  
 Era escriptor, nem louvador de Gamas)  
 Porem como aguçoso Amanuense,  
 Que logo fez progressos, empunhando  
 Na Eschóla do A B C. sem arte a pluma :  
 Daqui lucrava o necessário, e tempo  
 Tinha para lançar de-quando-em-quando  
 Mais huma pedra no edifício horrendo  
 Do seu *Poema Narrativo—O Gama* ;\*  
 Ou para estropear, vertendo, as Odes  
 Do Mestre Horacio, ou esfriar o fego  
 Dos Versos da monótona Thebáida ;  
 Obras de seu primor, e em que esgotava  
 A vèa do riquissimo talento  
 Com que julga inferior Virgilio a Stácio !†

---

\* Hé o próprio titulo que J. A. lhe deo.

† Ja por esta mania lhe disse Bocage em huma Sátira, a que  
por elle foi provocado :—

Usa a Fortuna, desvairando, irar-se,  
 E dar ao seu descuido os que naõ sabem  
 Todas aproveitar com sólta vélá  
 As auras em que assópra os seus favores ;  
 Mas, quando dos caminhos fortunósos  
 Desvia o Desafóro os seus Alumnos,  
 A céga-Prenestina-Divindade,  
 Abrindo-lhes viéla a nóvas ditas,  
 Embórca a-frôxo o Corno de Amalhêa !  
 O Epico-Amanuense muito nédeo  
 Em fausta, e repousada mediania  
 Desperdiçava o tempo a seu bom-grado ;  
 A presumpçaõ garbósa reluzia

---

Insultas a grandeza, a immunidade  
 Do eterno Mantuano, e dás a Stácio  
 Hum grão que entregue ao Deos, que ardendo em estro  
 De Thébas o Cantor tentar naõ ousa,  
 Quando á Musa da Morte enfréa os vôos,  
 E quer que a Eneida cá de longe adóre.\*

\* ....Nec Tu divinam Aeneadá tenta,  
 Sed longe sequere, vestigia semper adora.

Nas suas vermelhissimas bochêcas,  
 Soberbo de se ver intrincheirado  
 Com grossos calhamaços de poesia,  
 Ditósa prole de seu bom bestunto !  
 E com tóque, e re-tóque, e malho, e lima,  
 Da Audácia nas bigórnas trabalhado,  
 E'pico aborto, e sua obra-prima  
 De oitavas o seu Gama apontoádo,  
 Da perfeiçaõ ja no ápice tocava !  
*Macedo* era feliz, vivia alegre,  
 Quando, para se ver em novas ancias,  
 Vio hum dia (ou por caso, ou por descúido  
 Pôsto como de maõ) hum bom relógio  
 Que he de hum de seus Patrões, os Editores :  
 Logo a Reminiscencia, recorrendo  
 Da Memoria os aéreos corredores,  
 Lhe accodio co' a lembrança de seu dono ;  
 As consequencias de o roubar prevendo,  
 Logo tambem a Reflexaõ lhe accóde ;  
 Mas o Appetite atéza-lhe o cabresto ;  
 Desdenha, como Heróe, fugir do p'rigo,

E finalmente resistir naõ pode  
 A' grande tentaçao, e ao vézo antigo.\*  
 Por mais ligeiro de únha que de penna  
 Eis-ahi outra-vez tomando os ventos  
 O Heróe depôsto, e com infamia expulso ;  
 Nem de outra sorte o quer o Desaforo.  
 Que a maiores acções o está chamando ;  
 E já posto em conselho co' a Fortuna.  
 “ Este meu prezadissimo Retrato,  
 “ Meu espantoso Alumno, o *Heróe-Macedo*  
 “ Deve empregar (dizia o Desaforo)  
 “ Deve empregar seu efficáz talento  
 “ Dando algumas lições á Mocidade  
 “ Da sua sapiencia, e seus costumes :  
 “ D' aqui recolho eu hora, e Tu proveito ;  
 “ Bem vês quaõ raramente os teus altares  
 “ C' os votos da Virtude se povão,  
 “ E, quando dá o péco em meus Alumnos,

---

\* He mui verdade que J. A. depois que começou a passear secularizado, foi Amanuense dos Editores do Jornal Encyclopédico, os quaes o expulsaraõ pelo roubo de hum relégio, e naõ sei se de algo-mais.

“ Faltaõ logo á Fortuna os sacrificios ;  
 “ Pois, ó Deosa, com fausto seguimento  
 “ Nosso antigo tractado se mantenha :  
 “ Na Calçada do Combro ha huma Eschóla  
 “ Onde, para aprender Primeiras Letras,  
 “ Concorre inda mais basta a Rapazia  
 “ Do que vðaõ Pardáes n'huma seára ;  
 “ O Mestre, que he Casado, ja se cança  
 “ De aturar tanta Lesma, a de-bom-grado  
 “ Talvèz acceitaria hum Substituto ;  
 “ He necessario pois fazer que acceite  
 “ *Meu Alumno Macedo* : a teus podères  
 “ Tudo he facil, ó Deosa : em Ti confio.”  
 Hé rápido o querer da Divindade :  
 Eis ja sobre a Cadeira mui direito  
 O Heróe, com Professòra gravidade,  
 Pergunta, salteando, a Taboáda ;  
 E muito mais direito, e mais sevéro,  
 Bruta carranca descabindo irada,  
 E'o fúror da sanhúda Hypocrisia  
 A' tremente, espantada Rapazia  
 A Doutrina pergunta, que naõ segue,

Por naõ seguir nenhúma ; ou ser taõ boa  
 Que, naõ éraõ passados quinze dias,  
 Ja tinha feito a Eschóla outra Sodôma,  
 O exercicio de Láis dâdo á Criada,  
 E, se fóra o naõ poem, talvez que a Mestra  
 Passasse de Lucrecia a Messalina !\*

Andava neste tempo accèsa a guerra  
 Entre a Malta de *Alfama*, e *Bairro-Alto*,  
 Gingantes Campeões afragatados,  
 Miqueletes revéis, cujas façanhas  
 Em Macarróneo Metro celebradas  
 Tem dado assumpto a hum par de gargalhadas ;†  
 E no sitio da *Pènha* aos dias-Sanctos  
 Com poitas, e com fundos de garrafa,  
 A-dente, á-tinha, á-bordoáda, a ferro,

\* He taõ verdade o haverem existido estas Personagens, como o ter J. A. sido substituto em huma Eschola de Primeiras Letras, na *Calçada do Combro*; e foi posto no andar da rúa, porque, depois das proezas indicadas, ja tambem (dizia o Mestre) lhe andara ao cheiro da Mulher.

† ..... *Bairralenses, Alfamiade que Rapazi,*  
*Utraque gens prestans moquête potens que calhdo.*

Latindo taõ raivósos como hum Perro,  
 Travávaõ cruentíssimos combates ;  
 Naõ que morresse algum, mas abundavaõ,  
 Entre o furor de punhos, e pedradas,  
 Bólas partidas, ventas esmurradas !  
 De huma das taes Guerrilhas tinha o mando  
*O General-Luneta*, Homem provindo  
 De linhagem illustre, e por seus séstros  
 Entre a mais brejeiral, çáfia cambada,  
 Entre a relé mais pifia confundido ;  
 E por seus Capitães éraõ com elle  
 Claros Pimpões, a flor da Pangayáda !\*  
 Dó rumor de seus feitos attrahido  
 O Heróe, por se acostar aos ja famósos,  
 Com estes se lançou, propóndo em mente  
 Ser de novos Achilles novo Homéro ;  
 E, segundo o que ensina antigo Adágio,

\* Bem sabida, e bem fallada foi em Lisboa a guerra da Rapaiz no sitio da *Penha de França*; e muito mais depois que nella entráraõ o *General Luneta* (Dom Th. d'A; cujo Rival no Generalato era hum façanhoso Pretalhaõ) e alguns outros, que, posto serem geralmente havidos em raias conta, nunca se esperou que chegassem a tanto.

Como—Quem a bôa árvore se chega  
 O cõbre bôa sombra—em tempo breve  
 Os fructos vio de taõ heroica alliança :  
 Por estes nobres Chefes apoiado,  
 Trepando na Cadeira da Verdade,  
 Começou a soltar primeiro os diques  
 Da Sagrada Eloquencia ás-escondidas ;  
 Que dêste, e dos mais Sácos Ministérios  
 Estava, como Apóstata, inhibido ;\*  
 Porem logo a Fortuna protectora  
 Lhe deparou valia com que obteve  
 Licença de prégar ! Os sanctos Templos  
 Estremécem de ouvir sanctas Doutrinas  
 Pela nefária bocca profanadas  
 De hum maligno gahaõ, sector d'insanias,  
 Ferrenho turpador de Leys, e de honras,

\* Os primeiros Sermões de J. A. naõ somente foraõ prêgados ás-escondidas, mas foraõ-lhe havidos por intervenção do General Luneta, e de seus Sócios, oom quem diariamente J. A. arranchava á bebedeira; e ainda hoje, de todos os Ministerios sagrados, só pode exeroer o da Prédica; estando aliás completamente irregular, pr. q'. naõ pertence a Congregaçao alguma, naõ tem obediencia a Prelado, e ate ex defectu Patrimonii.

Apóstolo de lúbricas torpèzas !  
 Os ethéreos cabellos destrançando,  
 De dó rojou o manto a Piedade,  
 E, de pejo co' as maôs cobrindo o rosto,  
 Fugio de ouvillo !... Porem elle, inflado  
 De audácia, e presumpçaõ em vóz, e em gesto,  
 Prorompêo neste emphático discurso :  
 “ Agora estou na tinta ; como eu posso  
 “ Ganhar dinheiro por gritar em alto,  
 “ Ja volta me naõ daõ meus inimigos :  
 “ Tenho agora de officio o fallar muito,  
 “ E muito fallarei, porque he meu gosto ;  
 “ E protesto naõ ter toda Lisboa  
 “ Quem falle mais doque eu ; pois naõ me ganha  
 “ Na rijeza da vóz huma Cigarra,  
 “ Nem ella pelo Estio estrûge os campos  
 “ Como eu hei-de estrugir os meus ouvintes.  
 “ Bem sei que hei-de dizer o que naõ sinto,  
 “ E hei-de ensinar virtudes que naõ tenho ;  
 “ Mas, como isso dá lucro, hé quanto basta :  
 “ Da violencia que soffro na empreitada  
 “ Desfórra tirarei, naõ estudando

“ Nem somente hum Sermaõ ; e nisso mesmo  
 “ Talvez áche proveito, em ter desculpa  
 “ Quando disser asneira mais machucha :  
 “ Nem me ha-de faltar vez em que eu empregue  
 “ A Palavra Sagrada, e o Lugar Sancto  
 “ Em nutrir as paixões que me devóraõ ;  
 “ Quando eu orar, se por ventura minha  
 “ Alguns meus inimigos me ficarem  
 “ Do Púlpito defronte, hei-de vibrar-lhes  
 “ Sacras fulminações, hei-de apontallos  
 “ Como impios, dissolutos, libertinos  
 “ Para o Ceo, para o Throno escandalósos,  
 “ Por ver se assim os faço ao Vulgo odiósos :\*  
 “ Este gostinho só, vale o cansaço  
 “ De quarenta Sermões, e a esmóla delles ;  
 “ Lancem-me embora os erros meus em resto,  
 “ Que eu naõ quero o que he bom, quero o que  
     eu gósto.  
 “ Que eu seja na Invençao mesquinho ou nescio,

\* Ha muito quem saiba, e ate quem ouvisse destes profanissimos desvios Oratorios de J.A. e especialmente a escandalosa apóstrophe que na Igreja de S. Paulo dirigio à António Xavier, o mesmo de quem fallei no Canto 7º.

“ E na Disposiçāo desordenado,  
 “ Na Elocuçaō impróprio, secco, e rude,  
 “ Falho em Memoria, e na Pronúncia ingrato ;  
 “ Que faça os meus Exordios taõ compridos  
 “ Ou mais que a Narraçaō ; que naõ confirme ;  
 “ Que faça divisões, e perca o fio ;  
 “ Que entre nas provas, e naõ dê nenhuma ;  
 “ Que mal refute, e que peior peróre,  
 “ Tudo isso he bagatella : em misturando  
 “ Com quatro láivos da Profana Historia  
 “ Dous preceitos da Sacra ; em alterando,  
 “ Quando preciso for, qualquer dos Textos ;”  
 Em trazendo algum simil des-usado,  
 Inda que bem naõ cásé ao mais que eu diga ;  
 E ataviando tudo, e atando em mólhe  
 Com phrases empolladas, e seguidas,  
 Inda que sejaõ vans ; gritando sempre  
 Ate enrouquecer, e estar suado ;  
 Camparei entre a turba dos pexótes,  
 E certo estou de grangear o nome  
 De Prégador chapado. De óra avante\*

---

\* Quem tiver ouvido J. A. e souber entender o que ouvir,  
achará mui verdade o exposto relativamente ao seu modo predicatoria.

Ter tento em naõ calar, e vida-gróssa ;

“ Que, em quanto houver Festeirós, e Irmandades,

“ Terá sempre tostoës *Macedo o Ex-Frade*.

Os dictos dos Heróes naõ saõ baldados :

Melhor que o disse, o fez *Heróe Macedo* ;

E, por intervençao de seus Patronos,

Crescendo o Pregador em nomeada,

Apenas tinha guélas que pudessem

Dar vazaõ ás devótas encomendas !

*Angélica* no-em-tanto, já viúva,

Andava por Lisboa lazardando,

Naõ tendo com que mate a crúa fome,

Nem com que cúbra as carnes maceradas !\*

Podia ter o amparo de seu Filho,

Mas elle naõ lhe dóe sua miséria ;

Ja na pouca-vergonha calaceiro,

Surdo aos maternos ais, em longos bródios

C' os *Generaes do Exército da Penha*

Gasta o que lucra em alta berraria !

\* Hé sabido que andava pedindo esmôla.

Nem somente a miséria consumia,  
 E o filial desprezo amargurava  
 A miseranda *Angelica*: taõ fundas  
 Lança o materno-Amor suas raízes,  
 Que, de tantas angustias opprimida,  
 Inda mais a magôa o ver seu Filho  
 Avezado ás nocturnas emboscadas  
 Que daõ tanto habitante ao *Limoeiro*;\*  
 E ver que préza tanto os bons escriptos,  
 Que até da Livraria Franciscana  
 Cortou alguns Sermões a-canivéte †  
 Mas tudo isto eraõ feitos escondidos,  
 E os Heróes, que na Fama tem seu fito,  
 De alardear em público se aprazem.  
 Já de Sancta Izabel na Fregueria  
 Atravessando a turba rezadora,  
 Qual vai hum Caõ por vinha vindimada,

\* Diz-se que J. A. tambem foi rancheiro da cóva de Cáeo.

† Inquir-a-se o Padre Bibliotheçário de S. Francisco da Cidade,  
 e elle amostrará huma collecção de Sermões Italianos, dos quaes  
 J. A. na verdade cortou acanivéte; e diz-se que o mesmo fizéra a  
 outras Obras.

Co' a esmola do Sermaõ vinha sahindo  
*O Poeta-Orador, Macedo o Ex-Frade*  
 Quando topou *Angelica*....assombrado  
 Quiz voltar, mas naõ poude ; e ella mui branda  
 A' triste petiçao de algum soccorro  
 Unio alguns, que por prazer lhe dava,  
 De boa M<sup>a</sup>y suavissimos conselhos :  
 Porem elle, assomado acreditando  
 Desdouro seu aconselhallo a Velha,  
 Começou todo a estremecer de raiva !  
 Este impeto lhe dava o Desafóro ;  
 E, por sua influencia, alevantando  
 Contra a misera M<sup>a</sup>y as maõs malvadas,  
 Deo-lhe hum grande empurraõ, e foi-se an-  
 dando.\*

Novo Orestes, das Furias avexado,  
 C'o peso do seu crime ancioso corre,  
 E vai depõr a mágoa deste encontro  
 No seio de huma sórdida Michella,

\* Impossivel parece ; mas naõ he fioçaõ poética, he huma escandalosa verdade.

Obscena Barragan, venal Rameira  
 Que no fétido *Beco dos Beguinhas*  
 Tinha o seu Lupanar ; e onde impudente,  
 Por antiga affeiçao ao bruto Alcouce,  
 Chafurdava encharcando-se, e sorvia  
 Tórpes prasères de vendido affago :  
 Nem lhe era novo alli achar o allivio  
 Contra as mágoas do lúbrico desfecho ;  
 Logo ao nascer os Fados assellaraõ  
 Que ésta nova Barina, e naõ formosa,\*  
 Roubaria os affectos deslavados  
 Do *Ex-Frade Garanhaõ*, que ja n'outr' ora  
 Ao *Caracol da Graça* fez por ella  
 Muito heróicas sortidas do Convento ;  
 E óra, deixando a May morrer á fome,  
 Com ella consumia os çujos cobres  
 Que dos bródios da *Penha* lhe sobrávaõ.†  
 De mais para melhor o Desaforo  
 Hia exaltando o Heróe ; mas novamente

---

\* Veja-se a Ode 8<sup>a</sup> do L. 2<sup>o</sup> de Horacio.

† Tudo isto saõ verdades.

Suas infernaes Sócias convocando  
 Adulaçāo, Maledicencia, Intriga,  
 Audacia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja,  
 Dest'arte lhes fallou “ Hé vindo o tempo  
 “ De eu receber de Vós o extremo auxilio,  
 “ Para subir ao pico da insolencia  
 “ Meu Alumno Macedo : o que elle há feito  
 “ Já naõ parece pouco, porem deve  
 “ Os limites passar de toda a esp'rança.  
 “ Antes que todas, Vós Intriga, e Inveja  
 “ Deveis estimulallo por maneira  
 “ Que aborreça, e deseje o perdimento  
 “ De todos quantos saõ seus superiores  
 “ Nos bens, ou na virtude, ou no talento ;  
 “ Em-modo que, por sède de vingança,  
 “ D' Espiaõ-Delator o emprego tome,  
 “ E receba salário : e Tu, Perfidia,\*  
 “ Farás que vá maligno, e caviloso  
 “ Dar falsas delações até de Amigos:  
 “ Maledicencia, Tu, dicta-lhe, e escréve

\* Há quem saiba ate quanto éra o tal salar.

“ Mil solturas de phrases populares,  
 “ Com impropérios mil, mil invectivas  
 “ Contra em particular certas pessoas,  
 “ E em-geral contra vivos, contra mortos,  
 “ Doutos, e nescios, naturaes, e estranhos :  
 “ Nem Tu, Adulaçaõ, sómente deves,  
 “ A seu uso, inspirar-lhe os da lisonja  
 “ Vocabulos servis, quando practique  
 “ Com quem tenha o poder da governança ;  
 “ Mas, entre as várias producções que aborta  
 “ Dignas delle, e de mim, influe-lhe a idea  
 “ De alguma obra que em lisonja excèda  
 “ Tudo o que produzio de mais nojoso  
 “ Nas Eras más a depravada Roma ;\*

\* Veja-se a Dedicatoria do Poema Gama : qualquer que seja o seu objecto, elle he supremamente ridicula, e e nojosa, porque tras-cala á mais servil, impudente, e odiosa lisonja ; e os seus gabos seriaõ sempre exagerados, hyperbólicos, e insoffríveis, ainda que fossem dirigidos á Friderico 2º grande Rei, Filósofo, e Poeta : ella he hum abono da sentença do Legislador do Parnaso Frances :

*Un Poème insipide, et sottement flatteur  
Deshonore à-la-fois le Heros, et l'Auteur.*

BOILEAU, Sat. 9.

“ E Vós, Audacia, e Presumpçaõ, que tendes  
 “ Tomado de seu genio intiera posse,  
 “ De modo o regulai que se ensureça  
 “ Hâvendo quem lhe affronte, ou note, ou negue  
 “ Seu saber, suas obras, seus talentos ;  
 “ E, cuidando aterrarr seus inimigos,  
 “ Vário em composições como em costumes,  
 “ Apôs de humas vá outras enfiando,  
 “ Bem como úsa enfiar os rebuçados  
 “ Quando de em-vaõ prégar está ja rouco.  
 “ O mais, que falta aqui, tomo eu a-cargo  
 “ Co'a Fortuna, com quem travei alliança ;  
 “ E, feito tudo assim co'a diligencia  
 “ Com que usais de servir-me, eu vos protesto  
 “ Que elle, antes de contar os onze lustros,  
 “ Ha-de ser em Lisboa taõ fallado  
 “ Como o costumão ser as grandes prágas ;  
 “ Bem que as pragas ao Mundo flagellado  
 “ Costumem ser de lagrimas assumpto,  
 “ E que a *Praga-Macedo* excite o riso,  
 “ Misto de indignaçao e piedade,

“ Em toda a gente que tiver bom-siso,  
 “ Seja embora Marquês, ou Duque, ou Frade.”  
 Desmanchado o terrifico Conselho,  
 Buscaõ todas o Heróe ; e a-hum-tempo todas  
 Com dobrado furor do que tomáraõ,  
 Quando no taboleiro o visitáraõ,  
 No coraçaõ entrando-lhe e nos téstos,  
 Inda mais o azoináraõ do que azoinaõ  
 Ao Sol-pôsto o cançado Caminhante  
 N’hum charco, e n’outro charco as Rans salando.

Como fogo em materia combustivel,  
 Ou como a peste quando ladra o sírio,  
 No toutiço do Heróe lavrando o influxo  
 Da caterva infernal, com pio zelo  
 Tantas accusações tinha ja feito  
 Quasi como de crimes commettera !  
 E o seu bom valedor, e honrado Amigo  
 Sepúlveda, que o tinha agazalhado  
 #Com todo o bom e honesto tratamento,†  
 Sepúlveda, por crimes nem pensados,

Em seus labios traidores ja merece  
 Pena, prisaõ, degredo, e talvez morte!\*

Mas com riso maligno a céga Deosa  
 Folgava de estender dourada cápa  
 Sobre seus desacertos, e seus crimes;  
 E Rebello, inda ignáro de taes feitos,  
 Por seu brando caracter bem-fazejo  
 Lidou, e conseguiu sacar-lhe Carta  
 De Regio-Prégador: entaõ crescéraõ†  
 O seu nome, e os seus lucros, passeando  
 De baixo deste titulo amparado  
 Contra todo o precalço; o Heróe gozava  
 Mais abastança em bens, mas naõ mudava  
 De caracter, de genio, ou de costumes;

\* Muita gente sabe, e ate existem testimonhias que forão chama-das por ecclesiaõ da falsa denuncia que I. A. fizéra perante o Mi-nisterio contra o Doutor Sepulveda (ja falecido) que alem de ser honrado Homem, tinha aberto a sua casa, e as suas mães em bene-ficio do seu Accusador.

\* O Monsenhor Rebello alcançou à I. A. Carta de Pregador Regio, porem I. A. taõ mal lho agradeceo, e com tanta pravi-dade continuou aconduzir-se, que seu ingenuo Protector chegou à arrepender-se de o haver sido.

E ingrato á maõ de que estes bens houvera,  
Como com todo o Mundo odiôso, e ingrato,  
Tal foi sua maldade, e o rumor della  
Que ate, correndo tempos, a Fortuna  
Cançou de apadrinhallo, e abandonou-o  
Entregue a seu Mentor o Desaforo.

FIM DO 8º CANTO.

## CANTO IX°.

---

EM quanto da Fortuna a meiga aragem  
 Infúna do Dezejo as soltas vélas,  
 Levantados nos hombros da Soberba  
 Laurèa o Desaforo os seus Alumnos ;  
 Porem quando a Fortuna irada assopra  
 No pégo do Desprezo entaõ soçóbraõ :  
*O Ex-Frade-Pregador*, que neste emprego  
 Campava por Lisboa erguido em palmas ;  
 No azougado miolo entrou-lhe o sêstro  
 De figurar tambem como Poeta ;  
 E, porque só a magra Academia  
 No estítico Almanak á luz lhe déra\*  
 Humas tantas Poéticas miudèzas  
 Mais ruins entre as más de seu contexto ;

---

\* O Almanak das Musas, onde vinhaõ inseridas algumas insignificancias-Metricas de J. A.

A Audácia, a Presumpçaõ com altos fumos,  
 E a Inveja com azèdas pecuínhas,  
 Mais teimósas que nunca, e mais vehementes,  
 Badalando-lhe n'alma, lhe clamávaõ :  
 “ *Macedo*, que preguiça he essa tua !  
 “ Contentas-te da Prédica, e naõ buscas  
 “ Na Fama cavalgar como Poeta,  
 “ Quando podes deitar a barra avante  
 “ De quantos ategora honráraõ Lysia ?  
 “ Eia, accorda-te, *Elmiro*, e da-te pressa :  
 “ Tragedias, Traducções, Odes, Poemas  
 “ Escreve, escréve tudo, e gema o Prélo ;  
 “ Verás da tua penna as enchorradas  
 “ Espantarem Lisboa, como espantaõ  
 “ As tuas pregações Aldeaõs ouvintes.”

Destas instigações o Heróe movido  
 Dizia em si “ Se entro a fazer Tragedias  
 “ Abarróto o Theatro, e morre tudo !  
 “ Mas se alguns, que naõ saõ de comparar-se  
 “ Comigo no saber, e nos talentos,  
 “ Tem enchido o Theatro de Obras suas ;  
 “ Se o parvo do Moniz compôz a Irene

(Que inda eu hei-de dizer que he plagiato)\*

E, segundo me dizem, continua;

Porque naõ farei eu trinta Tragedias,

E em cada huma hum pásimo da Platea?

Ei-lo com maõs á obra, e eis o Theatro  
Tremendo co'as horriveis pateadas

Em que a sua Zaïda lhe enterráõ!

Bem se devia aquelle tratamento

A tal composiçao; porem *Elmiro*,

Raivoso do successo, e da ignorancia

Dos seus Espectadores blasfemando,

Jurou de lhes fazer cahir o queixo

Outras mil producções mettendo ao Prelo

Em que amostrasse bem a maõ de Mestre.

Impressas correm ja humas *régriñhas*

A que elle chama *Traducções de Horacio*:

\* Quando no Theatro da Rua dos Condes se representou a Tragedia—Irene—diisse I. A. (e o repetiraõ algumas pexotes) que ella era tirada de outra que escrevera Voltaire com o mesmo titulo: depois, em huma Satyra (das de seu jaez) disse que era tirada do Italiano Conde Jose Gori; mas al-fim, chamado publicamente à prova e confrontaçao, mancou o sabio, e a Irene—hou tambem original como na verdade era.

Mal se conhece o Vate, honra do Thybre,  
 Com capa remendada, e embúço ás-caneas  
 Engóiado entre phrases deslavadas,  
 Ou duros Versos trascalando a Claustro ;  
 Ou bem, ao uso original de *Elmiro*,  
 Arrevezada a tea do discurso ;  
 E o que maior escandalo motiva  
 Hé o canine, túmido Prefácio,  
 Em que, insultando o Mundo, bazofea  
 Ter acabado o que ninguem pudéra ;  
 Mas, se a Maledicencia lho hà dictádo,  
 O Medo há supprimido o seu segundo  
 Tomo de Horacio trasmudado, e chôcho."  
 De honròsa intrepidez forrado o peito ;  
 Eis n'hum frágil Caïque, retalhando  
 A verde-negra espalda turbulenta  
 Do Atlantico-Oceano, os prigos fórça,  
 E, antes do que ninguem, o ousado Nobre\*.  
 Ao seu saudoso Príncipe relata

\* Manoel de Oliveira Nobre, entãõ Piloto, e hoje Oficial da Marinha.

Do restaurado Reino a grande nova :  
*Elmiro*, por metter bedêlho em tudo,  
*Elmiro* quer cantar o exímio arrôjo,  
E, em-vez de hum canto, gargantêa hum zurro !\*

Mas diz-lhe a Presumpçao “ Avante, avante :  
“ A Ignorancia he quem nota os teus escriptos,  
“ E o modo de a punir hé escrevendo.”  
E a teimosa, loquáz Maledicencia  
Recórda-lhe as rezingas de seu Mestre  
C'o Sebástico Mestre Funileiro.  
Para fundar os dignos alicerces  
Da grande óbra que entaõ se lhe ergue em mente,  
Eis o *Heróe-Pregador* pela Ribeira  
Aprendendo os picantes palavrórios  
Da récua Marujal, e das Pexeiras ;  
E, no sabido Arrieiral pecúlio

---

\* Apontado de insípidos Versos, a que I. A. chamou Poema, e intitulou *O Novo Argonauta* : para se conhecer a insuficiencia da tal Obrinha, bastará saber-se, que tem máo estylo, máo plano, má condueçao, alguns êrrros, e nenhum bom episódio ; e que atese ignoraria quem fosse o Heróe, se o naõ dissessem as Notas, que péla maior parte saõ boas, por serem cópiadas de alguns nossos bôna Escriptores.

Vascolejando tudo, em bôa dóse  
 Ajuntou paradóxos, e sophismas  
 A mil erros históricos, e affouto  
**Des-andou co'a terrivel trovoáda**  
 Que aos Sebásticos-Crentes dirigia,  
 Mas cujo raio reverteo sobre elle.

Este o ponto fatal em que a Fortuna  
 Começou de virar contra elle a rôda :\*  
 Amigos, nem do *Exercito da Penha*,  
 Porque nem desses conservar sabia ;  
 E o publico furor do *Heroe-damminho*  
 Escouça-lhe os Freguezes, e ja folga  
 Com menos quinze estafas por semana :  
 Mas vaõ-se-lhe estafando as algibeiras,  
 E, á mingoa de Sermões, o accordo toma  
 De a perda reparar, cançando o Mundo  
 Co'a louca multidaõ dos seus escriptos.

\* Os Folhetos contra os Sebastianistas saõ tão grosseiramente escriptos, que revoltáraõ Lisboa inteira, e, sendo-lhe patenteados os seus desvarios, especialmente pela—Refutaçã Analytica—J. A. desde esse época, pelo seu nescio orgulho, começou a desfazer -se em disparates impressos, desse modo procurando reparar o góthico, e arruinado edifício da sua burlesca fama.

Sangrou-lhe entaõ de-novo a funda chaga  
 Do descuido fatal da Lavandeira,  
 Que, mettendo em barrella humas cuécas,  
 Juntamente metteo hum dos dous Tomos  
 Em que escrevèra a Traduçãõ de Stacio :\*  
 Começa a inundação dos *Solilóquios*,  
 Obra dé tal saber que encóva os Sabios  
 Vel-quasi a-flux, antigos, e modernos ;  
 E huma manhaã que os Nortes assopravaõ,  
 Em-tanto que os igniferos Ethontes,  
 Tirando ao largo o flavo Hyperiónio,  
 Com as settas do Deos luci-potente  
 Nebulósos vopôres dissipavaõ ;  
 Tanto se lhe azougou a cachimónia  
 Que, bem como Sileno com tres dornas,  
 Começou a ver cousas que naõ vira  
 Se, tal qual Deos lho deo, fôra em seu siso !  
 Vio, e pasmou ! que á banda do Occidente

\* I. A. queixa-se de que se lhe extraviou hum dos Volumes  
 manuscritos com a sua Traduçãõ da Thebaida, a que Bocage  
 chamou.

Pelo Ceo inda meio encapotado,  
 Mais do que a Estrella Eóa radiósos  
 Luci-trémulos Phósphoros brilhávaõ !  
 Vio Torres, vio Castellos, Ventoïnhas,  
 Mágicas Circes, Mágicas Medéas,  
 Mágicas Avantesmas tremebundas  
 Capazes de espantar qualquer Quixote !  
 E, depois de ver cousas nunca vistas,  
 Sobre hum Livro de Oítavo, escarranchado  
 Nos alti-baixos lombos de hum Corcunda,  
 Leo em letras maiúsculas composta  
 Esta palavra Gama ! Azaranzado  
 Arréda ancião a vista, esfréga os ólhos,  
 A seu Mentor devoto se encomenda,  
 Torna a affirmar-se na visaõ, e nota  
 Que as nuvens em que vira este embréchado  
 A-prumo ao Caihariz hiaõ cotrendo !  
 “ He prodigo, he prodigo que me chama,  
 “ Ordenando que imprima o meu Poema :  
 “ (Ledo exclamava) aquelle mesmo he o sítio  
 “ Onde móra o Corcunda meu Livreiro,  
 “ Elle mo ha-de imprimir. Que ralhe o Mundo ;

“ Mas tanto admirará minha ousadia,  
 “ Quanto os meus *Gami-Epicos* talentos,  
 “ Meu profundo saber, e o meu bom siso.  
 “ Derribarei Camões, *Estátua velha*,\*  
 “ Vil objecto da Lusa idolatria ;  
 “ E, em chegando sobre elle a erguer meu Nome,  
 “ Posso affonto estampar mil *Solilóquios*,  
 “ Segredos revelados, e escondidos,  
 “ *Cartas à Mendes*, Cartas do que eu queira,†  
 “ Pois que naõ ha-de o Mundo os seus suffragios  
 “ Negar a hum Vate de taõ grande cúnho.  
 “ O meu Poema está perfeito em tudo :  
 “ Canto huma Açaõ completa, e acabada :‡  
 “ Naõ tenho que emendar ; Poema á Imprensa.”

Assim pensava quando de luneta  
 Pelo çujo cubiculo lhe entrava  
 A Adulaçãõ, mui nédea e mui risonha,  
 Na figura de hum Homem baixo, e rolho,  
 Alvar na cõr, louraça na cabeça,

---

\* Phrase de I. A. em sens Soliloquios.

† Louca multidaõ de seus Folhetos.

‡ Assim o diz na Prefacçãõ ao seu *Gama*.

Olhos que chamaõ de Carneiro morto,  
 Nariz com presumpçaõ de Papagayo,  
 Bocca de Arraija, dentes Cebolla,  
 Queixada cavallar muito carnúda,  
 E em tudo irmaõ no gesto e nas maneiras  
 Do Manteigueiro Lopes, Varaõ douto\*  
 Azado a fazer O'des de Manteiga,  
 Inimigo mortal do Camoes velho  
 Mas grande admirador do *Vate Ex-Frade* ;  
 E, proposta a impressaõ, começa logo :  
 “ Há muito que, se Vossa Sapiencia

---

\* J. J. P. Lopes teve fumos de Letrado sendo ainda Caixeiro de huma Loja de Mercearia, e aspirou ás honras de Redactor da magra *Gazeta de Lisboa*, sendo-o ainda entaõ o Dr. Soares : depois de huns poucos de annos de empenhos, e bajulações ; e sujeitando-se a receber menos alguns trinta reis de ordenado &c. &c. conseguiu tomar a empreitada, ajoujado á surrelfa com I. A. de Macedo, e a desempenhaõ com a dignidade conveniente a taõ grandes dous Sabios ! Demais disto, tem publicado varias Odes que fazem ódio ! Foi Sócio de I. A. na redacçao do miseravel Papelinho *Semanario de instrucçā e recreio*, que morreto de garrote, deixando a seus Autores a mágoa do inutil desembolso de alguns coádos vintens : e finalmente, para em tudo se mostrar digno de seu Pedagogo I. A. de Macedo, tem feito ridiculissimos appendices, ou adminiculos a alguns de seus ridiculos Folhetos.

“ Meus sinceros conselhos escutasse,  
 “ Teria dado ao Mundo esse regalo :  
 “ Que cousa mais formosa que hum Poema  
 “ Feito pingue, de assumpto taõ esteril  
 “ Que, posto seja grande em *Geographia*,  
 “ Navegaçāo, Commercio, Astronomia,  
 “ E sobre tudo Historia, ho mui pequeno,  
 “ He minimo em Poesia ? Ou que altos feitos  
 “ Merecem mais louvor que o nobre arrojo  
 “ De arrostar sobre as azas do Estro ardente  
 “ A opiniao geral do Mundo inteiro ?  
 “ Camoes era admirado, e o novo Gama  
 “ Vai dar a conhecer que elle era hum asno !  
 “ O seu Heróe éra hum Heróe deveras,  
 “ Pois que por sonhos fez a graõ viagem,  
 “ E estirou o Timoja de hum só talho ! †

\* Este he propriamente o longuissimo arrazoado de I. A. na Praçaõ ao seu *Gama*. Ora como poderá conceber-se que hum assumpto, por tantos motivos grande, seja minimo em Poesia ! Concébe-o I. A. mais o seu *Lopes*.

\* I. A. altera a verdade sabida da Historia, finge o Gama entrado em combate, e o Timoja morto ás suas maõs ; apontoando, sobre as outras, mais esta incoherencia no caracter do Gama, sem se lem-

“ Verdade he que se diz que o tal Pirata,  
 “ Sendo mui de proveito aos Portuguezes,  
 “ Largos annos viveo depois que o Gama  
 “ Partio de Calecut : mas que tem isso ?  
 “ He licença Poetica, e taõ bella  
 “ Quaõ grande o talho foi que deo o Gama !  
 “ O seu Maravilhoso he tal, e tanto  
 “ Que ate do Senegal muda as correntes !\*  
 “ Na phantástica Ilha do Diabo  
 “ Lá está Estátua que ao Brasil aponta !†  
 “ Falla a Asia, S. Thomé, o Infante, e o Anjo,

brar de que elle devia assimilar-se a Ulysses, a Enes, ou a Gofredo, e naõ a Achilles, a Cesar, ou a Henrique 4º — orem J. A. em nenhum bom sentido sabe que cousa seja verdadeiro caracter. Veja-se a Nota (10) ao Canto 6º.

\* I. A. faz o Rio Senegal (ou Canagá) alem da Linha, quando alias este Rio separa os Mouros Azenégués dos Negros Geldfos da Costa de Guiné.

† A primeira Terra a que I. A. dá aportado o Gama he huma Ilha deserta (mentira inutil) e alli apresenta huma Estátua apon-tando para o Brazil, com huma inscripção Gréga, dizendo, que cedo os Portuguezes o haõ-de descobrir : isto he hum plagiato de Poema intitulado—Caramurú—alem de ser huma idea que se naõ casa com a acção do Gama, e de com ella acarretar largos dispa-rates.

- “ E entra tudo no Templo da Memoria !\*
- “ Episódios ninguem os tem melhores :
- “ Que elegancia, que força, e magestade
- “ No Guerreiro Africano, e no bom Velho
- “ *Meneando com emphase a cabeça !†*
- “ Que divino furor no Sacerdote !‡
- “ O enterro do de Encógi causa espanto !
- “ Os tres Pretos as carnes arripiaõ :
- “ Pois Ignez ? Ate faz chorar as pedras !§

\* A Asia mostra em sonhos a El Rei D. Manoel o Templo da Memoria, o Infante D. Henrique leva alli o Gama &c. &c.

† Este Verso he do 2º Canto do Gama de I. A. que, desdenhando Camões, e buscando sempre, e sempre, em vaõ, imitallo ; por lhe lembrar a bella prosopopéa do 4º Canto da Lusiada, apresentou tambem hum Velho declamando contra a empreza do descobrimento da India, de ajoujo com hum Guerreiro, e com a *emphase*, e o *descucto* de I. A.

‡ Foi hum tal que, no momento do embarque dos nossos illustres Aventureiros, tomado do furor propheticó, viu os extremos Chins humilhados aos raios do Tejo, e outros disparates desta laya.

§ A respeito desta Ignez vejaõ-se as Notas (6) e (7) ao Canto 6º O caso dos tres Pretos vem a ser: que douz Pretos amavaõ huma Pretinha ; e, como naõ podiaõ ambos igualmente possuilla, e nenhum tinha animo de perder a jóia, concertáraõ entre si matar-se, e matalla, e a Cachorra esteve por isso : demais-a-mais, a historia foi contada por hum dos Negros Amantes, ja quando arreganhava o dente com as

“ Pode servir de nōrma aos que desdenhaõ,  
 “ Como nós, os rāngósos Quinhentistas:\*
 “ E em fim, se o seu Poema tem defeitos,  
 “ Peor o fez Camões: o meu conselho  
 “ He de o metter no Prelo ; e só quizéra  
 “ Huma Dedicatória, por maneira  
 “ Que houvesse na incensada Personagem  
 “ Contra o rancor geral hum firme escudo.”  
 “ O Conselho he de Amigo.” Assim dizendo  
 Deo-lhe a maõ, e apertou-lha em despedida,  
 Pespegando-lhe hum bejo humedecido,  
 Que dizem lhe aggravára o mal nojôso  
 Das nunca extictas áphtas que padece.†  
 Inda aqui, a-pezar dos seus desvios,  
 Accodio a Fortuna ao *Vate Ex-Frade*,  
 Que, julgando o Camões ter excedido,  
 Houvéra presumpçaõ de arrebentallo,

\* Quem tiver a mal-empregada pachorra de ler o *Poema Gama*, achará continuaada dureza de estylo, e igual em todas as materias; Galicismos, epithetos mal-apropriados, construções abstrusas &c.

† I. A. padece na verdade esta molestia; de maneira que a sua bocca he constantemente como a de hum Cão damnado, áte pela bába.

“ Aboyando nas agoas por maneira  
 “ Que os Mares cobrem, cobrem Horisontes  
 “ De toda a parte os congelados Montes !\*  
 “ Pois, se devo fallar dos caractéres,  
 “ Vejo que nunca fez nenhum Poéta  
 “ Hum Diabo melhor que o seu Diabo ;  
 “ E fica Milton a-perder-de-vista,  
 “ Que elle em seu Paraíso nunca disse  
 “ De hum eterno Rival desprezo a gloria !†  
 “ O caracter do Heróe, esse he chapado !  
 “ Nada digo dos mais, porque he bom tudo.  
 “ O seu estylo hé sempre igual, e a phrase

---

\* Estes dois Versos saõ de I. A. no 7º Canto do seu *Gama*, onde tal, qual eu aqui sumariamente o descrevo, se lê hum Episódio, claramente apresentado naquelle lugar para contrastar o inimitável Adamastor ; e que, alem de ser o destempero mais garrafal que nunca escreven nenhum Homem com fumos de Poeta, he sem contradicçõo o aborto de huma phantasia inteiramente desvairada, e de huma crassissima ignorancia.

† Só o sapientissimo Poeta Epico, e Reverendo-Pregador I. A. de Macedo pôde conceber que o Diabo despreze a Omnipotencia, e Supremo Saber, e a Gloria do Soberano Architecto do universo ! Mas o Verso he do 3º Canto do seu *Gama*, que formiga em outros que taes.

Negramente grasnando, as azas bate,  
 E, o caminho do Vate atravessando,  
 C'o estrondo de quem sofre dysentéria,  
 Ou de quem do vazio expélle os ventos,  
 Da-lhe huma correntia talhadura  
 Toda empregada no alto da cabeça :  
 Mas este Heróe Cambayo naõ encontra  
 Outro Melique-yáz que o des-aggrave ;\*  
 E, c'o furor do agouro, levantando  
 Muito rijo a trotar quasi hum galópe,  
 Na Loja do Corcunda entrou suádo,  
 Como hum Macho de Pósta, que na muda  
 Está dando aos ilhaes, co'as maõs d'espéque.  
 Senaõ-quando eis-que salta hum Gato negro

---

\* Estando em campanha El Rei de Cambaya, ao Sahir hum dia  
 da sua Tenda, hum Milhano lhe deo huma talhadúra na eabeça, do  
 que elle ficou mui sentido, por ser (como todos os Indianos) mui  
 crente em agouros : Melique-yáz, seu Escravo, que por acaso es-  
 tava presente, e tra excellente atirador de flecha, ateou o arco, e  
 derribou a Ave sacrilega ; e de entaõ começou a sua fortuna, por  
 maneira que éra hum ricco Potentado, e senhor da memoravel Pra-  
 ça de Diu ao tempo das nossas primeiras conquistas no Oriente.

(O mesmo negro Gato desattento  
 Que ja lhe espatifou dezoito empadas)\*  
 E, ao tempo quando o Epico sacáva  
 Da erudita algibeira o graõ Poema,  
 Furioso empregando a léve garra,  
 Rasgou-lhe algumas folhas, e partio-se  
 Com música infernal em sons tremidos  
 Deixando estupefactos, e aturdidos  
*O Poéta, e o Lunático-Livreiro.*"

Oh ! que fizeste Tu, maldita Gralha,  
 Sobre os sagrados *cascos-Agostinhos*  
 Chorreando as trazeiras immundícies!  
 O que fizeste Tu, Gato maldito,  
 Dilacerando a Obra mais pasmosa  
 De quantas em máos Versos se tem visto!  
 Qual c'o famoso Almeida em outras E'ras  
 O mão Rei de Quiloa, assim c'o *Ex-Frade*†

\* Estando J. A. na *Loja do Corcunda* a comer humas empadas com hum seu Satellite, entrou outro, trazendo hum Soneto em que se lhe fazia alguma justiça : J. A. ergueo se a blasfemar, e no em tanto o *Gato do Corcunda* mamou-lhe as empadas.

† El Rei de Quiloa deferio a sua conferencia com o nosso illustre Vice-Rei D. Francisco de Almeida, dando por causal, que, ao tem-

O Corcunda; do agouro amedrontado,  
 Duvída contractar ; e mais ainda  
 Porque ao justo-naquella propria hora  
 Entráva a Lúa em Quarto-mingoante,  
 Agourando que á mìgoa de Leitores  
 Morreria de Tráça o tal Poema.\*

De taõ tòrpes fracassos combatido  
 O Heróe entristeço, vendo mui claro  
 Des-andar-lhe a Fortuna ; e ja naõ dava  
 Trinta reis pelos lucros de huma Obra  
 Que tinha trabalhado em tantos annos,  
 Com tanta perfeiçao ! Porem, calando  
 Toda a mágoa e temor, como se fôra  
 Mui segúro de si, rompeo profuso  
 Contra os nescios agouros declamando ;  
 Naõ c'o vigor sublime com que out'rora  
 Demósthenes a Grecia revolvia,

po em que para ella se dispunha atravessara hum Gato negro  
 cousa entre elles de mui funesto agouro. *Barros. Dec. 1<sup>a</sup>*

\* O miseravel Livreiro, que he Lunático em toda a força do vocabulo, foi-lhe esta vez fiel a mania dos agouros, porque saõ passados tres annos, e aindagora se queixa de que naõ tirou a despeza da *impressão do Gama.*

Contra Filipe ás armas convocando ;  
 Nem co'a flórida pompa com que Tullio  
 Defende Róscio, ou Catilina accusa ;  
 Mas co'aquelle furor, e vóz deferro  
 Com que insano troveja, e naõ commove ;\*  
 Co'a monótona, e rouca vozeria  
 Com que úsa atordoár o Povo rúde,  
 Quando vai no exercicio accostumado  
 Do Sacro Ministerio, que envilece,  
 Dizendo o que naõ sabe, e o que naõ sente,  
 Phraseando a-èsmo, e bracejando á-toa,  
 Com rúbido furor Fradi-fremento,  
 Falho em doutrina, nauzear Lisbña.

Qual se ouvira huma grande trovoada,  
 O misero *Corcunda* estupefacto  
 Escúta o Pregador, que berra, e súa,  
 Descompassado o gesto, a cor perdida,  
 Dos olhos flammejando, e furioso

\* Na ja citada *Satyras* lho disse Bocage :  
 Trovejas, enrouqueces, naõ commoves,  
 Gelas a contrição no centro d'alma.

Como a Sibylla oraculos abrindo !  
 Dos berros, mais que das razoens, movido,  
 Na falsa expectaçao de largos lucros,  
 Ja elle expõe á venda *O Novo Gama*:  
 Nos cascaveis da rythma embasbacando  
 Applaudio a Ignorancia o novo Livro ;  
 Mas, apenas o Monstro erguêo no Typo  
 A orgulhosa cabeça mal-composta,  
 Fodo o Castàlio Choro espavorido,  
 Co'as maõs tapando os ólhos, e os ouvidos,  
 \*Fugio tremendo ; e Apollo de torvado  
 \*Hum pouco a luz perdeo como enfiado !†  
 A tranquilla, e segúra Sapiencia,  
 Posto que ver de *Elmiro* naõ cuidasse  
 Obra que á perfeiçao se aproximasse,  
 Naõ quiz julgar sem ler ; e entaõ, tomada  
 Da justa indignaçao a que provoca  
 Nua de todo o mérito a Vaidade,  
 Trovejou sobre *Elmiro* estas sentenças :  
 “ Se, na idade arrojada, e vigorosa

---

† *Cam. Lus. C. 1º. Est. 37º.*

“ Em que o divino fogo aquéce a mente;  
 “ E os proveitos do estudo em obras brilhaõ,  
 “ Nenhuma deo que o gêlo naõ crestasse,  
 “ E da Ignorânciā os sêllos naõ trouxesse;  
 “ Como havia compôr hum bom Poema  
 “ O Auctor que com déz lustros ja pezada  
 “ Tem de cans a cabeça povoada?  
 “ Se de terreno máo naõ vem bom fructo,  
 “ Como faria *Elmiro* hum'obra boa?  
 “ E o rouco *Pregador*, que inda naõ déra  
 “ Huma Peça-Oratória em si perfeita,  
 “ Como havia compôr huma Epopéa  
 “ Que Homero, ou que Virgilio sombreasse,  
 “ Ou que ao grande Camões se assimilhasse?  
 “ \*Podem-se pôr em longo esquecimento †  
 “ Quantos Epicos-Monstros abortáraõ  
 “ De vacúas frontes, plagiárias plúmas,  
 “ Que este indigesto aborto *O Novo Gama*  
 “ He a prova real do muito que ousaõ  
 “ A Fatuidade, o Orgulho, e o Pedantismo!  
 “ Por fortuna da gente que distingue

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 6º.

“ Bom, e máo, e peior, pessimo, e infame,  
 “ Do infame *Elmíro* o pessimo Poema,  
 “ Nas azas da indiscreta Novidade  
 “ Correrá pouco tempo em terra pouco ;  
 “ E cedo na memoria ha-de apagar-se  
 “ De seus Cantos o som desentoadado,  
 “ Ficando de desprezo, e pó coberto  
 “ O Livro cujo Auctor merece opprórios :  
 “ Apontado será o *Auctor do Gama*  
 “ Bem como os criminósos com ferrete,  
 “ E as muito poucas vezes que for lido  
 “ Será para excitar ou raiva, ou somno.”  
 Dicto isto, e arrojando desdenhosa  
*O Elmírico-Poema- Narrativo,*  
 De novo na Lusiada foi vendo  
 Do disforme Gigante o gesto horrendo.  
 O’Numes, eo prognóstico terrivel  
 Todo se vai tornando em realidade ;  
 Pois, mal que de huma esquina assoma *Elmíro*  
 (Urso no gesto, e Phariseu no rosto ;  
 Qual Touro em praça, cabiz-baixo olhando  
 Desconfiado a turba que o rodea ;

E, somente modesto pelo traje,  
 Com chapéo de tres-ventos assentando  
 As grisalhas melenas, estendidas  
 No roliço cachaço) o Povo rindo  
 Logo todo murmura “ Olha o *Ex-Frade*,  
 “ Olha o *Camões da Rúa da Bombarda*,  
 “ Que dá por páos, e pedras, escrevendo  
 “ Obrinhas que costumaõ nos Leitores  
 “ O effeito produzir das dormideiras !”  
 Mas de todo este cómico progresso  
 Alegre o Desaforo, e vanglorioso  
 Por ver o Alumno seu trepar taõ alto,  
 Inda espera mettello em novas scenas,  
 Porque diz que aos malignos impostores  
 Nunca faltaõ estúpidos Mecenas ;  
 E desta sua esp'rança os fundamentos  
 Naõ saõ lançados a sabôr dos ventos.  
 No Paiz extensissimo que corta  
 De ponta a ponta extrema os Mundos todos,  
 Dos Reinos da Philaucia o Norte assopra,  
 E assopra o sul dos Reinos da Mentira ;  
 Entre estes dous, com ambos confinando,

Tem a Lisonja amplissimos Estados,  
 Cujo mal-firme chaõ he todo fumo;  
 E cujo Ceo he todo Meteóros:  
 N'hum alto vari-fúlgido Castello,  
 De plumas de Pávaõ architectado,  
 Com tectos dos que Arachne erguer costúma,  
 Colúmnas das que o Mar nas praias deixa  
 Depois que róla, e bate, e brama, e foge;  
 Alli, muito donosa, e recostada  
 Sobre coxins de empólias saponáceas,  
 Mora a Nescia-Invençaõ, que se accredita  
 Das tres Rainhas Delfensor-Ministro;  
 E incansavel dalli, quâsi em chuveiro  
 De falsa lúz mil settas despedindo,  
 Arèa mil cabeças, produzindo  
*Bávios, e Mévios; Zoilos, e Macedos;*  
 A retaguarda, e flancos lhe resguardados;  
 Perpétuas, vigilantes Sentinelas;  
 A convulsa espantada Turbulencia;  
 A Malicia c'os olhos sempre baixos,  
 E para o-Ceo com elles sempre erguidos  
 A pallida traidora Hypocrisia;

Que inda mais sangue faz que a Tyrannia !  
 Os estúpidos Pasmos que a cortejaõ,  
 Correios seus, trombeteando os vivas,  
 Do grande Ministerio Invencioneiro  
 As ordens levaõ pelo Mundo inteiro :  
 Dalli voando o intempestivo Applauso,  
 Com benigno rumor de áura suave,  
 Os ouvidos affaga ao impio, ao nescio  
 Que mais nos erros seus dest'arte arraiga ;  
 E dalli desce o influxo aos vaõs Artistas :  
 Que aviltaõ suas Artes, dedicando,  
 Aos indignos de honrar-se honrósos quadros  
 Com lustre de emblemáticos lavores.  
 Quando na infancia de seu nobre Alúmno  
 Astúto o Desaforo e diligente  
 Curáva de influir-lhe as artes suas,  
 Alli foi demandar, e obteve auxilio ;  
 E, quaes, se n' huma dórna o mosto ferve,  
 Ténues insectos em tenáz cardume  
 Zùmbem, chupando as rúbras aduéllas ;  
 Taes, da Nescia-Invençaõ a hum lève acêno,  
 Falsidades, Basòfias, Destemperos,

Túrbido enxame, com ferraõ maligno  
 Foraõ chupar nos testos de *Macedo*  
 Alguns ráros barruntos de bom-siso :  
 Vendo depois com gaudio o Desaforo  
 Fructos de seu ensino em obras delle ;  
 Vendo o *Poema Gama* expôsto ao Mundo,  
 E o Mundo todo a escarnecer do *Gama*,  
 Novo auxilio pedio ; ligeiro e léio  
 O Sátrapa ideal, convindo em tudo,  
 Deo em forma de agouro este protesto :  
 “ Posto que nos escriptos de *Macedo*  
 “ Ande sua alma negramente impressa,  
 “ Como hum timbre qua'lq'ier tirado a-fumo,  
 “ Naõ basta, e déve todo o Mundo ver-lhe  
 “ No atróz semblante resumando os crimes ;  
 “ Assim será : mostrando as phases todas  
 “ Sobre huma correraõ quarenta Lúas,\*  
 “ E entaõ, em *Oriente* refundido,

---

\* O *Poema Gama* foi publicado em Septembro de 1811, e o *Oriente*, ou *Gama refundido*, e accrescentado com dous Cantos, demais em todo o sentido, publicou-se em Março de 1815.

---

“ Verás o *Gama*, em guinchos mais crescido,  
 “ Encher com seu louvor mēa *Gazeta* !\*  
 “ Verás hum Pintor-Cócles, mui devoto †  
 “ Das sapientes *Elmiricas-façanhas*,  
 “ Por-lhe a-óleo ò caraõ, affeiçoad  
 “ Inda que com favor, assimilhado ;  
 “ E c’hum Livro nas maõs, como em memoria  
 “ Dos muitos que roubou : verás *Manteiga* ‡  
 “ Com tardonho buril passallo a cobre ;  
 “ *Macedo* punirá esta tardança ; §  
 “ E, a seu pedido, como proprio emblema

---

\* A magra *Gazeta de Lisboa* de 24 de Fevereiro, anunciando o *Poema Oriente*, chamou-lhe, a fora outras alcunhas, *Maravilhosa producção do Genio, onde brilhao magistralmente desempenhadas as difficilimas regas do Poema Epico &c. &c.*

† H. I. da Silva : cego de hum olho, e que para tal obra o deve-ria ser de ambos.

‡ D. I. da Silva, por antonomásia o *Manteiga* : e logo forão dous Silvas que reproduziaõ aquella ricca Amôra!

§ O miseravel, ainda que alias habil Gravador, sucede-o-lhe hum precalço com que perdeo a primeira chapa, e teve por isso de retardar a óbra ; mas por esse retardamento lhe dirigio I. A. huma carta em que o punha á viola.

“ Dos crimes que escrevendo commettera  
 “ (Hum tempo Sycophanta, e Zoilo agora)  
 “ Ornar-lhe-há o baixo do Retrato infando  
 “ Huma penna de ferro, negrejando  
 “ Por entre lusco-e-fúscos, ou lúz do Inferno :\*  
 “ Nos Tórculos depois multiplicado,  
 “ De seu fusco-Oriente-gatunado †  
 “ Enfeitará luxósos frontispícios,  
 “ Qual de hum Mestre de sebo, e de polvilhos  
 “ Em besuntado pão meã cabeça  
 “ Com chorina, ou riçado a porta ad'reça :  
 “ Verás que em vil, torpissima linguagem  
 “ Comporá outra métrica-salsáda  
 “ Que chamará Poema, ou *Burricada*,

---

\* I. A. mal-contente de que o seu devôto Pintor-Cocles o retratasse para correr Mundo no frontispício do seu Livro ; esquecendo-lhe de o por a escrever, pedio que na gravura se lhe ajuntasse huma penna. “ Porem como ? (lhe perguntou o-Gravador).” Seja como for, eu quero abri huma penna (respondeo J. A.) entaõ o pobre *Manteiga*, receando a lingua do retratado, lembrou-se de meter (a penna) em hum globo de luz, tirando assim apparentemente das trevas o Figuraõ gravado.

“ Desaforado abôrto em que injurie  
 “ \*Vélhos, e Moços, Donas, e Donzelas, †  
 “ Classes, Congregações, Nações inteiras ;  
 “ Afora outras obrinhas mais miúdas  
 “ Dignas de seu Auctor, como elle infames.”  
 Assim contáva a Fama : e a Liberdade,  
 Co'a Razaõ eo Bom -Gosto practicando,  
 Dest'arte conclûo “ Somos vingados :  
 “ Se deste Luso escandalo entre os Lusos  
 “ A nescia-protectçao tólhe a vingança ;  
 “ No ditoso Paiz onde eu domino,  
 “ Na fausta Graõ-Bretanha eu vos prometto

---

† Na Livraria Graciana havia manuscripto hum antigo Poema com o titulo de—Oriente Conquistado—desappareceo, e presume se que J. A. lhe deo o caminha que dera a alguns Livros desta sosiaria, que dizimou, como a de Eauxobregas, e as outras ja citadas; e talvez deste seja roubado o muito pouco bom que apparece em seu Poema.

† Cam. Lus. C. 7º. Est. 49º.

\* Impossivel parceo ; mas nao he ficcao poetica, he huma escandalosa verdade.

\* Veja-se a Ode 8ª do L. 2º de Horacio.

† Tudoisto saõ verdades.

“ Que os raios-Typográphicos se accendaô,  
“ E corraõ Plaga e Plaga incendiados  
“ Co’as cinzas do ridículo cobrindo,  
“ Dos outros Córvoz para espanto e medo,  
“ O nome do *Novo-Epico-Macedo.*

FIM.



